O BUSSACO

E

A SERRA DA LOUZAN

MEMORIAS

DO

BUSSACO

SEGUIDAS DE

UMA VIAGEM Á SERRA DA LOUZAN

POR

ADRIÃO PEREIRA FORJAZ DE SAMPAIO

3.ª edição

V. M.

PORTO E COIMBRA
EM CASA DA VIUVA MORÉ—EDITORA

1864.

Canto el desierto Buzaco,
La soledad venturosa
Adonde habita el silencio,
Y la penitencia mora.

D. Bernarda F. de L., *Soledades de Buzaco.*

PORTO: 1864.—Typographia Commercial,
rua de Bellomonte n.º 19.

ADVERTENCIA

Quasi trinta annos, decorridos desde que o Bussaco foi devassado, nenhuma sensivel mudança tem causado na geral admiração e interesse pela sagrada floresta, suas majestosas avenidas, frescas fontes e mysteriosos retiros.

Pelo contrario o desenvolvimento da povoação de Luso, com seus banhos e aguas salutares; a doce frescura do bosque sagrado nos mais ardentes caniculares; e sobretudo o desapparecimento das distancias entre as duas capitaes do reino, e a proximidade da estação da Mialhada, não só continuam a fazer concorrer ali uma continuada romaria de visitadores, nacionaes e estrangeiros: senão que nos mezes do estio, não ha cella ou antiga capella da matta que não abrigue uma famillia, mais ou menos numerosa.

Esgotada pois a 2.ª edição d'estas memorias, vem muito a tempo essa 3.ª, entregue aos cuidados da snr.ª Viuva Moré, e disposta por isso a apparecer em publico com o aceio e esmero, que tão justamente quadra aos escolhidos leitores, por cujas mãos correrá.

Afóra alguns cuidados pelas plantações, e melhoramento de transito, que não compensam as infelizes alterações do austero aspecto do mosteiro, sacrificado aos commodos dos temporarios habitadores, cremos não haver ahi mais de que fazer menção.

Em partes sobrarão ruinas, e desfearão vandalismos.

Praza á Providencia que a revolução, operada pelo caminho de ferro, levando o Bussaco ás portas de Lisboa e do Porto, a elle convide a attenção, os cuidados, e o bom gosto de terras mais adiantadas; que poupando o antigo, disponha em harmonia com elle o muito do novo, que deverá tornal-o cada vez mais agradavel, venerando, e ao mesmo tempo util á patria!

O Author.

PROLOGO

DA

PRIMEIRA EDIÇÃO

> **Ali de soledade amarga e doce**
> **Esquecidas passei horas ditosas.**
>
> *Garrett.*

O MOSTEIRO e a matta de Santa Cruz do Bussaco antes de 1834 era um d'aquelles logares vedados á maior parte dos homens, que a religião consagrára, e cujo nome mysterioso excitava no pensamento ideias d'uma austera penitencia, inteiro abandono do mundo, silencio em cousas da terra e constante meditação nas do Céo. A mesma ordem religiosa, o Carmo descalço, a quem pertencia, prezava-se de conservar o amor do seu instituto. Dous a dous por via de regra, cabisbaixos, amortalhados em um habito venerando, frequentando pouco as nossas moradas, e sempre no templo orando, confessando, prégando e celebrando, eram estes os religiosos, dos quaes sahiam voluntariamente os moradores do Bussaco. Uma circumstancia recente

enviara muito ao longe a sua fama; soube todo o mundo civilisado, que junto aos muros da clausura Massena e Wellington haviam medido as suas forças. Mas quaes eram os mysterios do Bussaco? Em vão subiriamos o monte: apenas se avistavam de fóra os cimos das arvores d'uma extensa floresta. A voz do homem, os latidos do cão, os uivos da féra, os gorgeios da ave, nenhum som vinha ferir os ouvidos; tudo ali era silencio: mas os poucos seculares, que lá eram admittidos, contavam tamanhas maravilhas, que mais pareciam de quem podia a salvo imaginar novellas, do que realidades.

Rasgou-se finalmente o véo. Acabaram em Portugal as ordens religiosas; e os veneraveis anachoretas do Bussaco tiveram de abandonar o seu deserto. Então se conheceu quam profunda impressão haviam feito no coração dos portuguezes as noticias, que d'ali se ouviam. Um sem numero de pessoas correu ao Bussaco: foi moda ir lá de muitas leguas em romaria: grandes e pequenos, familias inteiras ajuntavam-se ao pé do mosteiro, e dispersando-se logo pelo interior da matta, caminhavam attonitos. Nem este gosto passou em breve: dous annos depois, em 1836, vimos ahi igual concurso, e pouco menos em 1837. Os que visitam o Bussaco, levám a fama aos que ainda o não viram: vem estes admiral-o, e aquelles tornam de boamente. Porém quantos d'estes mesmos, que, visitando-o muitas vezes, nem por isso o conhecem!

Grande numero de viajantes voga á tôa, vai e vem pelo mesmo caminho: e muitos mais, habitando ao longe, não podem visital-o apesar do desejo. Para uns e outros escrevemos este livro: dictou-o não a sciencia, nem a arte; mas o coração e a verdade. Combinamos as narrações da Chronica com o que viramos: lemos as *Soledades do Bussaco* da nossa poetisa *D. Bernarda Ferreira de Lacerda,* [1] que o celebrou em seus versos, quasi no berço do mosteiro: pedimos e obtivemos informações, merecendo-nos especialissima gratidão a generosidade, com que o nosso respeitavel amigo o muito reverendo padre *Domingos do Rosario Torreira,* antigo morador do Bussaco, nos subministrou preciosas noticias e conselhos, dignos todos de quem como elle em tão subido gráo possue gosto, letras e virtude: devemos tambem ao nosso

Ami, plus qu'un ami, frère de sang et d'âme, [2]

José Freire de Serpa, justo apreciador do Bussaco, a permissão d'inserir pelo meio da nossa mesquinha prosa alguns dos seus optimos versos ahi feitos. É

[1] Esta Senhora, a quem *Lope de Vega* chamou decima Musa, publicou em 1634, em espanhol, as suas *Soledades*, estimaveis por seu objecto, e pelo tempo em que foram escriptas, mas inteiramente dissimilhantes do estado presente do Bussaco na parte discriptiva. O estylo a par da linguagem assaz indica que os bons dias da litteratura portugueza eram passados.

[2] A. de Lamartine.

uma recordação da primeira viagem, que fizemos áquelles sitios em 1836; sentimentos ali gravados no intimo d'alma em vinte dias passados na companhia de uma estimavel familia, a quem a Providencia não só nos ligara pelo sangue, mas pelos mais estreitos laços da amizade. É uma singela exposição do que observamos e sentimos uma e muitas vezes n'esta grave e majestosa, doce e deleitosa, mansão não só da austera penitencia, mas do genio e da poesia, do enthusiasmo e da ternura. Se estes dous ultimos sentimentos, que muitas vezes guiaram a nossa penna, nos fizerem parecer mais romancistas que verdadeiros; visitai o Bussaco, demorai-vos alguns dias, confrontai a cópia com o original: e então nos julgareis. Dividimos a obra em duas partes: na 1.ª dizemos do mosteiro, da batalha e da parte inferior da matta; na 2.ª da parte superior, vida dos moradores do mosteiro e das ermidas, e a sua historia em resumo. Eis ahi o objecto e o fim do livro: é o primeiro propriamente, nosso escripto á pressa e sem tempo de medital-o. O preceito de Horacio mal póde conciliar-se com o ardor da mocidade. Se sahir, como é natural, defeituoso no estylo e linguagem, supra o interesse da relação e da historia, que são exactas.

A José Freire de Serpa Pimentel

VISCONDE DE GOUVÊA

FILHO E SUCCESSOR, NAS LETRAS E VIRTUDES,
D'AQUELLE SEMPRE SAUDOSO A QUEM OFFERECEMOS
O TRIBUTO DE NOSSO RECONHECIMENTO NAS ANTERIORES EDIÇÕES:

AO COLLABORADOR EXCELLENTE D'ESTE LIVRO CUJAS MAIS BELLAS
PAGINAS POETICAS SÃO SUAS:

EM

testemunho d'amizade e gratidão

D. E C.

O AUTHOR.

O BUSSACO

O BUSSACO

PRIMEIRA PARTE

INTRODUCÇÃO

Tres leguas de la ciudad
Que es de Portugal Athenas,
Donde sus sillas mas nobles
Tienen Apolo y Minerva;

De la que con dulce linfa
El claro Mondego riega,
Y en márgenes de esmeralda
Oro vierte en vez de arenas:

Para donde Cynosura
Se viste de luces bellas,
El desierto de Buzaco
Cercado se ve de peñas.

D. Bernarda F. de L.

Na distancia de tres leguas N. E. de Coimbra ergue-se a cordilheira, a que os antigos chamaram d'Alcóba [1]: e estendendo-se pelo bispado de Vizeu,

[1] Resende *Ant. Lus.* L. 1. pag. 68.

vai juntar-se no de Lamego á de Monte de muro. Uma consideravel secção d'aquellas serras, cortada pelo Mondego junto á confluencia do Alva, corre para N. O. o espaço de duas leguas com o nome de Bussaco até á summidade mais alta, d'onde se precipita rapidamente sobre a povoação de Luso nas fraldas do monte, formando uma larga e extensa ladeira, convergente para o centro, vestida, desde seculos, de frondosos arvoredos, e regada de copiosissimas fontes; a qual na sua quéda torna mais saliente a elevação da montanha, e vai dominando a N. O. os formosos campos da Anadia e Bairrada, e das alturas ao S. as margens encantadoras do saudoso Mondego.

Em 1630 fundaram aqui os carmelitas descalços uma casa de penitencia, quasi em meio da matta, murando-a na circumferència d'uma legua, semeando-a de cedros, povoando-a d'oratorios de devoção, capellas dos Passos, e ermidas d'habitação para retiro dos monjes que desejavam fazer uma penitencia mais aspera, e appellidando-a *Santa Cruz de Bussaco*, deserto mysterioso, cujas maravilhas penetram o coração, e arrebatam a alma, desligando-a de quanto é baixo e transitorio, e sublimando-a além da esphera circumscripta do mundo em que vivemos! Venerandas solidões, em que tanto se apraz o christão, o philosopho, e todo o coração um pouco superior á ambição, que dilacera a humanidade! Felices, se poderamos, ao tentar a empresa ardua de descrever este deserto, imitar com a

nossa prosa o divino fogo da poesia, com que outros tem cantado — as entradas do Bussaco! Mas se tanto não podemos, ao menos aproveitaremos pressurosos a faculdade, que muito apreciamos, de trasladar essas sublimes concepções.

NA ENTRADA DO BUSSACO

Un asile pour vivre, un tombeau pour mourir.
Thomas.— *Pétréide.*

Delicias d'alma, festivaes prazeres,
Furtivos gostos da ligeira vida,
Quanto sois breves!—Adorei-vos tanto,
Prendi vossos grilhões aos proprios pulsos,
Beijei-os e sorri-me;—e agora gemo,
Mordendo em balde o descarnado ferro,
A que o tempo roubou fulgor postiço.
Ah! quem m'os quebrará,—grilhões tão duros,
Que as lagrimas e os ais, sem amolgal-os,
Lhe dão mais força, lhe redobram élos?
Ah! quem m'os quebrará, se o mundo todo
Escravo geme, se da propria campa
Estende os braços a adorar ainda
Esses prazeres, que o lançaram n'ella?..

Fugir! ..—Para onde, se do mal o germen,
Onde quer que me arroje a mão do Eterno,
Levo apegado no amago do peito? ..
—Aos vastos ermos da torrada Lybia
Em balde o pensamento macerado
Gemendo vôa:—o bramir das feras
Mais e mais exacerba angustias d'alma;
E o raio abrasador da zona ardente,
Sem partir os grilhões, torna-os em brasa.
—Irei pelas montanhas do deserto
Minhas ancias curtir sobre os rochedos?
Mas ai! que tem a penha agudas pontas,
Que as f'ridas rasgam do magoado seio.
—O socego acharei na campa fria,
Conversando co'a morte? Não, em balde:
Os remorsos e a dôr alli se avivam,
E o triste coração de horror se géla.

Onde? ...—Quem ao ouvido assim me brada?
" Foge do mundo, sem buscar horrores,
" Asyla o coração de Deos no seio,
" E ao silencio, á paz teus dias vota
" Na placida soidão das sacras sombras!"

Quem te póde cumprir, mandato augusto!?
—Aonde essa soidão mysteriosa,
Esse silencio, essa paz divina?
—" De sombrios pinhaes ao cabo extremo,

"Lá na assomada de montanha ingente,
" Poisam d'um lado serras sobre serras,
" E d'outro longa varzea ao mar se estende.
" Dos largos braços d'uma cruz de cedro
" Um te mostra o Empyreo, a terra o outro.
" Consulta o Nume na fatal escolha;
" Combate o coração: e afoito encara
" Mirrados ossos de caveira humana."

Eil-o, que o vejo, esse sitio caro,
Essa montanha sacra, esse retiro,
Que busco, ha tanto; eil-o, que o conheço
Pelas pontas vergadas d'altos cedros,
Pelos prainos do mar, que ao longe brilham,
Pelos ossos mirrados da caveira,
E o tosco pedestal da cruz ingente.

Salve, asylo de paz e de pureza,
Onde a innocencia foragida vôa
A acoitar-se do mundo.—Eu, foragido,
Tambem te busco: acolhe-me em teu seio,
Ó sacro penetral; acolhe os votos
D'um puro coração... Puro!—que disse?
—O bosque treme; o coração palpita
Dentro do peito; os olhos se me alongam
Por esses campos.—Que explendor tão lindo
Tem esse mundo!.. E eu hei de abandonal-o

Tão novo ainda ?.. nem um ai ao menos !..
Nem um suspiro !—Perfido ! suspende !
Não profanes o asylo, a que te acoitas ;
Não insultes a mão, que te agasalha :
Ou mudo a adora, ou insensato a foge.

Fugir !—jámais. O Céo guiou meus passos;
O Céo não deixa um coração, que o busca.
Eis-me em teus braços, solidão sagrada !
Adeos, ó mundo ! Teus falaces gostos
Já me não embriagam ; teus encantos,
Já os não choro.—Aos olhos macerados
Uma lagrima triste de saudade
Embora assome ; que reverte ao peito,
E morre alli.—Profanos pensamentos
Ora em sublime idêa se trocaram ;
Os olhos, que só viam pelo mundo
Enganoso fulgor de roseas faces,
Gastam-se aqui a contemplar o Eterno ;
E a voz, que almas caricias modulava
Ao som loução d'um menestrel de amores,
Ora ao grave tanger d'harpa celeste
Levanta a Jehová hymnos de esp'rança,
E canticos de gloria.

Visconde de Gouvêa.

I

DA JORNADA DE COIMBRA E PORTARIA DA MATTA

Ici viennent mourir les derniers bruits du monde,
. . . . .
Ici l'âme se plonge en une paix profonde,
Et cette paix n'est pas la mort

A. de Lamartine.

TOMANDO a estrada, que vai de Coimbra para o Porto, até ao logar dos Fornos, volta-se á direita em frente do Bussaco, que se amostra na extrema do horisonte: e atravessadas as povoações da Marmeleira e Pampilhosa, começa a subir-se um territorio mais elevado, aonde apenas se encontram alguns valleirinhos de milho, pinhaes, e uma ou outra pobrissimas aldêas, até chegar á fonte do salgueiro, districto final do dominio do mosteiro. Além d'ella augmenta a asperesa do solo, cresce a trepada, e parece que a natureza esconde todas as suas graças para deixar correr a vista tão sómente sobre penedos informes e sombrios pinhaes. Uma grande cruz, formada de dous troncos sem lavor, e levantada ao lado direito da estrada, an-

nuncia ser visinha a montanha sagrada. Mais ao diante passa-se por debaixo de frondosos freixos, que copando sobre o caminho offerecem ao viajante a frescura das suas sombras, e escondem a portaria, que é pegada, como para lhe fazer gozar de subito o prazer de a descobrir tão risonha, e tão bem posta e sobranceira, que é maravilha não se avistar d'um só ponto da estrada.

Está situada em um terreiro de semi-circulo, estribado em socalcos, orlado com outros freixos pela esquerda, e desafogado pela direita, dominando um extenso paiz, onde se apontam os logares da Mealhada, Casal-Comba, Vacariça e outros até ao mar, ao Poente. Outra cruz sobre penha de pedras grosseiras ergue-se no remate do terreiro fronteiro á portaria. Pelo nascente corre d'alto a baixo o muro da clausura com altura de dez pés [1], o qual na parte correspondente ao terreiro é substituido pela portaria, composta de duas elegantes portadas. Um mosaico de pedras brancas e pretas, representando florões, e o escudo da Ordem, enfeita o frontispicio, circuitando duas lapides que entre as portadas deixam ler as bullas, que cerraram a clausura, e memoria de que esta portaria fôra ultimamente reparada em 1831. Alguns commodos assentos entre as portadas, e á sua esquerda no fim da

[1] Em todas as dimensões, de que damos conta, copiamos fielmente a Chronica do Carmo descalço.

estrada, rematam o quadro d'este sitio. Appellamos para todas as pessoas, que se tiverem demorado algum tempo no Bussaco, se alguem nos julgar encarecidos, accrescentando que poucos logares haverá mais bellos e encantadores do que este em um dia claro, para quem sáe da matta. Era um dos passeios escolhidos para desenfado dos religiosos; é ainda hoje o sitio appetecido para findar a tarde por quem pernoita no Bussaco.

Quantas vezes n'estes doces momentos d'entre noite e dia, consagrados á ternura, alli viemos estender a vista pelo infinito do Oceano, allumiado pelo crepusculo da tarde! Quantas vezes recostados nos assentos da fachada, ou nos degráos da cruz, vimos alli fechar-se a noite! Queira o Céo, perpetuamente bemfasejo, derramar as suas bençãos sobre a nossa pequena sociedade.

A porta da esquerda é do serviço de carro: a da direita na fórma e apparencia emparelha com a outra, mas apenas tem uma portinha, que dá ingresso á gente de pé: abre para um pequeno zagão, forrado de cortiças brutas e tosquissimo mosaico ou embrechado de branco e pardo, rodeado d'assentos do mesmo estofo; e corresponde-lhe em frente outra portinha igual, coroada de uma caveira entre dous ossos com a letra seguinte:

Ó tu mortal, que me vês,
Reflecte bem como estou:
Eu já fui o que tu és,
E tu serás o que eu sou.

Parecer-vos-ha mesquinha . . . Embora! Caminhai ávante: vêde as grandezas do Bussaco, penetrai-vos dos seus mysterios, e no meio de tamanhas maravilhas da omnipotencia do Creador, e de tão repetidos quadros da infinita bondade do Homem-Deos, no meio de tantos desenganos do nada da humanidade, meditai o que fostes, o que sois, o que vireis a ser: e talvez que então, voltando fatigado e compungido ao acanhado zagão, e attentando na caveira, outro juizo formeis da letra; por ventura sentireis aquelle piedoso enlevo, com que uma virtuosa senhora, que nunca visitara o Bussaco, nem já esperava ir vêl-o, porque a morte lhe andava á cerca, assim a glosou:

Em solitaria morada,
Onde a humana voz não sôa,
Onde o terreno povôa
Matta d'escura ramada,
Feia caveira mirrada
O acaso encontrar-me fez:
Cresce o susto, a timidez,
Quando ella me diz, e grita:
"Um pouco pára, e medita,

"Ó tu mortal que me vês!"

Immovel então ficando,
Sem querer lhe obedeci;
E com violencia senti
O coração palpitando;
De todo os olhos fechando,
Frio suor me banhou.
Ella de novo clamou:
"Não feches teus olhos, não:
"Presta-me mais attenção,
"Reflecte bem como estou."

Com sêcco tronco me abraço,
Mal podendo respirar,
Por que sentia apertar
Da garganta o curto espaço.
Não sei qu'estranho embaraço
Immoveis torna meus pés.
Falla-me terceira vez,
(Ó desengano fatal!)
"Eu tambem fui racional,
"Eu já fui o que tu és."

Eu vendo já de tão perto
Alli o retrato meu,
Os olhos levanto ao céo,
Bemdizendo este deserto.

Diz-me então: "D'este decreto,
"O Deos que tudo creou,
"Nenhum mortal isentou,
"Nem condição, nem idade:
"Ou mais cedo, ou mais tarde,
"Tu serás o que eu sou." [1]

Ente saudoso! una-se a tua memoria a estas memorias do Bussaco! possa o viandante, que ler este livro, orar por ti ao Senhor junto á caveira: boa irmã, tia extremosa, carinhosa mestra, coração sensivel, alma nobre, presenciei tuas virtudes, devi-te verdadeira amizade: sirvam estas mal traçadas linhas de monumento da gratidão e saudade que te consagro!

Aberta esta portinha, cujo escudo é a caveira, entra-se em um alpendre coberto, cercado d'assentos, forrado de cortiças, e ornado com embrechados similhantes aos do zagão anterior: á esquerda ha uma tribuna de grades de sobro para um oratorio de Nossa Senhora do Carmo, aonde o Padre porteiro dizia missa aos pastores da serra: segue-se a cella do mesmo. Cinge as costas d'estas duas casas um jardim, que tem no centro um tanque de cantaria quadrado, e a um dos lados um pequeno telheiro para gozar do sol no

[1] Da illustrissima senhora D. Anna Xavier Machado, fallecida em 1837, cuja memoria será sempre viva para os seus e estranhos.

inverno. D'aqui passa-se a um terreiro, para onde dá tambem entrada a porta de carro; tem no meio uma cruz de tosco cypreste com degráos de rudeza igual, e á direita restos d'uma fonte, hoje sêcca, que provia n'outro tempo o tanque do jardim, e a Chronica nomea *fonte nova*.

Em frente da cruz, um pouco sobre a direita, começa a avenida do mosteiro.

II

A AVENIDA DO MOSTEIRO

Tout est grandeur, pompe, mystère, amour.

De Chateaubriand.

Na linguagem do homem não ha expressão, com que possamos significar, quantos sentimentos d'admiração, d'espanto, de gozo, e ao mesmo tempo de respeito nos infundio esta magnifica rua, quando entramos no Bussaco.

Orlada de altissimos cedros, que lhe formam um continuo e elevadissimo toldo, prosegue por entre fechada floresta até ao mosteiro. D'um e d'outro lado, para além dos cedros, desce para a esquerda, e sobe para a direita, a serra tão farta d'arvores, arbustos e variadissimas plantas, que mal s'enxergam alguns passos de terreno, exacta representação do que nos contam os viajantes das mattas virgens da America. Está ahi o bosque (e assim o encontrámos sempre) em plena liberdade: cedros, carvalhos, álamos, loureiros

e mil outras arvores se amontam e cruzam, enxertando-se não poucas umas nas outras; estas apenas saindo da infancia, aquellas no meio-dia da vida, muitas viram a fundação do mosteiro, e nos troncos carcomidos bem attestam que a precederam; grande numero derribadas quer pela morte natural a tudo o que vive, quer pelas tormentas da atmosphera; confuso cáhos de verdura, por entre o qual brilham aquelles formosissimos cedros, que dando com um solo profundo e fresco, adubado todos os annos por camadas de folhagem e troncos seccos, que s'extinguem sobre o chão, e tendo a romper por um denso véo de sombras espessas para gozar a vista do sol, sobem tão direitos, que dão o maior encanto aos olhos e ao pensamento.

Que doces arrebatamentos não experimentamos n'essa manhã saudosa de Julho de 1836, em que gozamos a avenida do mosteiro pela primeira vez!

Deixáramos Coimbra abrasada em calor; agasalhou-nos um amigo aquella noite em um seu casal, havia muito deshabitado e por isso em ruina; mas aonde o doce fresco d'uma noite de luar passada no campo, tendo debaixo dos olhos uma junta ruminando em descanço ao ar livre, ouvindo tão sómente palavras d'amigos e movimentos agricolas, nos fez gozar deliciosos instantes do mais doce prazer. No dia seguinte partimos ao romper do dia. Com quanta magestade e explendor não assomou o sol entre nuvens d'ouro e purpura sobre o horisonte! A lua do serão e o sol da

madrugada dispunham os nossos espiritos ás commoções mais doces; nem nos faltava um amigo optimo, com quem partissemos gozos, que a sós jámais serão completos [1]. Eram oito horas, quando chegámos ao Bussaco. O sol dava de rosto sobre este oceano de folhas, que feriam a vista com o prateado mais vivo. Se volviamos os olhos, era um só quadro transparente de vivissimo verde claro; e como ao menor bafo do vento parte da folhagem se escondia do sol, toda a matta offerecia o mais engraçado matiz de prata, verde e ouro. Oh! como isto é lindo! exclamavamos transportados: um sentimento inexplicavel occupava-nos o coração; parecia-nos habitar um paraiso. O requintado luxo do Oriente, um palacio adornado pelas fadas, jámais excitaria em nossa alma tão léda e tão viva commoção.

Estende-se essa rua o espaço de 646 passos, formando tres cotovelos, até ao mosteiro, bem calçada, murada d'ambos os lados por um pequeno encosto, alcatifado com variados musgos, e tão larga e bem lançada, que em muitos sitios podem caminhar a par duas carroças sem estorvo da gente de pé ou de cavallo. A 121 passos encontra-se o oratorio ou ermida de devoção de S. João da Cruz, coadjutor de Santa

[1] **Mais c'est peu des beaux lieux, des beaux jours, de l'étude**
Je veux que l'amitié......................
Me donne ses plaisirs et partage les miens.
Delille.

Thereza na reformação do Carmo; mais adiante a fonte da Samaritana fechada em uma capella, que era defendida por umas grades, e ora está patente, ornada d'assentos, e tendo no espaldar aos lados da fonte, empedrada ao rude, as imagens do Salvador e da Samaritana, que se fallam por letra da Escriptura. Da fonte da Samaritana, um pouco para a esquerda, continúa a avenida até outro oratorio dedicado a S. Pedro; e d'ahi curvando para a direita, e deixando no lado superior da rua, acima do encosto, um pequeno calvario de pedras toscas com uma cruz sem polimento sobre caveira e letreiro, que recorda ao viajante a morte e a eternidade, está o ultimo oratorio da avenida onde se venera Santa Maria Magdalena. Cada um destes oratorios é um pequeno edificio quadrado, cujos angulos são formados de pedras informes, as quaes parecem pequenos seixos ligados por argamaça, e sendo dispostas no melhor gosto, representam ao longe obra de luxo, e olhadas de perto concordam com as cortiças e vida penitente do ermo, excellente esmero d'arte, que se divisa em todo o Bussaco. As portas são cobertas de cortiças, e os telhados erguem-se em cupulas angulares. As paredes interiores são forradas d'um embrechado de pedras e conchas do mar.

Do ultimo oratorio tomando á esquerda e costeando o muro das hortas, a 108 passos, termina a rua na portaria do mosteiro.

Sobeja vaidade teriamos, se nos persuadissemos

ter dado uma noticia cabal d'esta avenida, a rua por ventura mais nobre de todo o bosque. Vêde-a com o sol da manhã; gozai a frescura das suas sombras no meio do dia; assentai-vos na capella da Samaritana ás Ave-Marias. Era o nosso costume, depois de um longo passeio, e de termos gozado alguns instantes d'aprazivel descanço no largo da portaria da matta, recolher ao fechar da noite pela avenida para o mosteiro. Estes momentos tão doces, gozados de um ponto alto e desassombrado, quando os ultimos raios do dia tem já desapparecido, ha muito, e o mesmo crepusculo é quasi extincto, em quanto ou a lua vem surgindo lenta e magestosamente sobre o horisonte, ou o azul dos Céos se corôa de milhares de milhões d'estrellas, estes momentos d'ineffaveis delicias em o nosso clima não podem offerecer iguaes encantos na avenida do mosteiro. A copa das arvores e o embrenhado da floresta abreviam o dia; as sombras descem mais ligeiras, e atravez da escuridão apenas se entrevêem algumas caveiras branqueando. Nenhuma voz do mosteiro, nenhum sussurro das arvores, nenhum ruido ao longe; meio luz e meio trevas, cada tronco parece um espectro, um fantasma erguido alli para nos arrojar miseros profanos do logar santo! .. Cançado o corpo, o espirito submerso em profundas considerações, cabisbaixos, caminhavamos em fieira no mais profundo *bus*, [1] só interrompido de espaço a espaço pelo pa-

[1] *Silencio.* Esta expressão, propria do Bussaco ou *Bus-saco*,

voroso canto, que soltava o corujão do alto da serra para accrescentar os terrores, que nos gravavam involuntariamente a imaginação. Alguns passos ávante e tudo trévas: ao longe uma semi-luz fixa na terra, além outra que scintilou, morreo, e torna a fusilar mais longe; uma cruz gigante, projectando-se aos ares no patamal do mosteiro, as caveiras, a humilde arcada da portaria, tudo alli um pouco menos escuro por falta d'arvores, quadro sublime! Nem uma só expressão saía dos nossos labios: outras vozes devêram proferir nossos corações recolhidos, hymnos ao salvador crucificado, humildes preces á Mãe de dôres, estrella de salvamento nas procellas d'este oceano encapellado! Almas frouxas, imaginações debeis, retirai-vos para não vêr fantasmas, espiritos, finados: corações ternos e sensiveis, em quem o sentimento é mais poderoso que a razão, tremei d'este logar: mas vós philosophos animosos, christãos, cuja fé é solida e illustrada, vinde uma e muitas vezes. N'este logar tremendo é esta a hora das sérias meditações, de sublimes pensamentos: embriagai-vos alli de quanto ha de mais pio e grandioso na religião, de mais puro na moral, de mais alto e transcendente na philosophia do homem!

como diremos na sua historia, era tanto nossa, que não podémos resistir ao desejo de a repetir, fallando d'uns successos, em que quasi todos os dias a empregavamos duas ou tres vezes n'este melancolico passeio: *que bus!*

III

A PORTARIA DO MOSTEIRO

Mes trésors sont cachés, ma joie est un mystère:
Le vulgaire l'admire, et ne le comprend pas.

A. de Lamartine.

A PORTARIA do mosteiro abre ao Poente para um terrapleno de 97 passos de comprido sobre 60 de largura, para o qual se sobe por alguns degráos, em distancias, de cada um dos lados. O lanço da avenida e os encostos do terrapleno mostram ainda muitos restos de curiosos embrechados. Uma cruz de pedra de consideravel altura eleva-se no meio sobre peanha de quatro degráos de granito rude. É o chão lageado, mas os seculos alcatifáram-no de musgo; e as silvas vão tomando posse d'elle.

Dão-lhe sombra do Poente frondosissimas arvores, que não tolhem a vista da matta pelas encostas do N. e S.

D'aqui, subindo tres degráos de cantaria lavrada, passa-se a um zagão aberto para o terrapleno em tres humildes arcos almofadados a picão com frisos de escopro. Tem 24 passos por banda; é calçado de seixos miudos e forrado de cortiças; e as paredes são cobertas d'embrechados de pardo e branco acima dos assentos, que tem d'ambos os lados. Em frente do arco do meio abre-se a porta do claustro, pequena e humilde: as suas hombreiras são de pedra sem talho, cortiça a sua madeira apparente; por divisa dous pedaços de sobro, cortados da matta, em cruz, com a seguinte inscripção—*hæc est domus Dei et porta Cœli.* Gen. 28. 17. [1] —Aos lados da porta e sobre os assentos, occupando os cantos da parede, elevam-se dous calvarios de pedras informes vestidas de musgos, e sustentam outras cruzes de feição igual á da porta.

O aspeito penitente deste respeitavel logar muito mais grave se representa, quando aberta a porta, e encontrando-se os olhos com um arco ainda mais humilde e ornado com maior rudeza, entre duas grandes pinturas, que a arte e o logar fazem por extremo sombrias, descança a vista sobre uma cruz pregada na parede interior do claustro entre os instrumentos da paixão, representados ao natural, sobre caveira e ossos. Entre a porta e o arco medêa uma pequena

[1] Esta é a casa de Deos e porta do Céo.

casa apenas allumiada por uma clarabóia pela escassa claridade, que de longe lhe transmitte o claustro: á direita ha uma capella com janella para esta casa, e á esquerda uma grande cruz branca pintada a fresco: os lados do arco são inteiramente occupados pelas pinturas indicadas; a este logar vinham os serventes do mosteiro ouvir missa.

As duas pinturas não careciam de tantos adjunctos para infundir grande respeito: não horrorisam, compungem; não prendem sómente os olhos, fallam muito com a alma. O philosopho espiritualista, menos amigo d'imagens custar-lhe-hia a não approvar estas. A da direita é um religioso d'idade madura, cabeça descoberta, calvo: encostado a uma cruz, abraça-se com ella em profunda comtemplação; nenhuma feição do seu rosto, nenhum ar do seu corpo é distrahido; realmente medita. Muitas vezes temos admirado primores d'arte, que representam este doce enlevo d'alma tão proprio do homem pio e do philosopho; e se no seio da noite allumiada a terra pelo debil fulgor d'innumeraveis estrellas em um céo sem nuvens, junto ao mar em um penhasco, recostado sobre a mão, um moço, cujo rosto expressa a sensibilidade do coração, é exacto emblema da meditação romantica; certamente nenhum expressará melhor, que o nosso solitario, a meditação do Christianismo mil vezes mais nobre e sublime. A da esquerda é outro religioso, tam-

bem adiantado em annos e cortado pelas penitencias como o primeiro, capuz na cabeça, na mão esquerda um livro, e a direita erguida com dous dedos na bôca em acção de silencio. Os olhos do primeiro estão fixos no chão; os do segundo estão vivos, encontram-se com os nossos; como que pretende, representante de tempos que passaram, impor-nos a lei da casa. Ambas são em madeira, e presumem-se de Vasco.

Sobre o arco fecha o quadro com a horrivel effigie d'um condemnado, picado de viboras, e ardendo no meio de lavaredas com a letra seguinte:

Quis habitabit ex vobis cum ardoribus sempiternis?
Is. 33. 14.[1]

Parece-nos, que o seu merecimento se reduz á ideia e ao logar.

Em um dos lados d'este recinto está pendurado um pequeno cartaz, que diz assim:

Esta casa é de silencio; e assim qualquer que vier a ella, o ha de procurar guardar com inteireza, accommodando-se a fazer o que vir fazer aos mais, e não trazendo novas sem proveito.

Era o seu destino ser apresentado pelo porteiro

[1] Quem de vós poderá habitar em meio de fogos sempiternos

ao religioso recem-chegado, para que soubesse a infallivel regra, que lhe cumpria observar alli.

Tal é a portaria do mosteiro: passado o arco, entra-se no claustro. Mas primeiro permitta-se-nos reflectir, que se a espantosa magnificencia, com que a natureza ostenta as suas riquezas por toda a matta, desvia não pouco a vista e o pensamento das cruzes e caveiras, que se encontram, aqui pelo contrario accumulam-se as ideias, volvem á lembrança as cruzes e caveiras, a religião exerce todo o seu imperio, e senhorêa os nossos mais secretos sentimentos! . .

A solidão do bosque e a magestade das arvores dispozeram a alma; a meditação e o silencio estão no espirito; e o cartaz nada mais é que a voz escripta da floresta. Cruz, silencio, meditação, penitencia, humildade, abnegação do mundo, Deos, eternidade, orar pelos homens longe dos homens, eis toda a occupação d'outr'ora n'esta morada santa, eis toda a historia mystica do Bussaco: e toda esta historia, em menos de 50 passos, é visivel na portaria do mosteiro!

IV

O MOSTEIRO

Mansões sombrias, rudes, luctuosas,
Só de cruzes ornadas e caveiras,
D'este deserto são as lisongeiras
Estancias, mais bellas, mais mimosas.

A'quem, além figuras pavorosas,
Em cujas attitudes ou maneiras
Se vê que só são cousas verdadeiras
As do Céo, e as do mundo fabulosas.

Estes sentenciosos versos com que um virtuoso e doutissimo eremita [1] descreve em nossos dias o interior do mosteiro, offerecem em breves linhas uma noticia exactissima.

É o claustro um quadro de 108 pés de comprido em cada lanço, onze de largo e treze d'altura, lageado de cantaria e forrado de cortiças. Na sua parte exterior abrem-se as portas das officinas e uns estreitos

[1] Fr. Domingos do Rosario, ultimo prelado de S. José dos Marianos, insigne Orador, já fallecido.

corredores, que vão do claustro em direitura a um pequeno jardim murado, dando entrada por uma portinha na extremidade á direita para as cellas dos religiosos. São estas contiguas ao jardim e verdadeira morada da humildade e da pobreza, sem mais ornatos que um leito grosseiro e uma banca similhante, sem mais janellas que um pequeno postigo sobre o jardim, no qual cada um dos religiosos podia empregar os poucos momentos de descanço, que a sua regra permittia, fugindo á ociosidade no trato innocente das flores. A parede interior encerra o templo; e como este tem a fórma de cruz, deixa alguns vãos, que são cheios de frondosissimas hydranjas, e cummunicam a luz ao claustro por janellas e portas, escassa e triste, como é natural descendo por entre as paredes da igreja e do mosteiro, e tendo ainda de atravessar as folhas das hydranjas para allumiar um quadro tão extenso, e ornado d'um e outro lado por aquellas *figuras pavorosas* de Santos Eremitas. No meio d'esta parede, em o lanço fronteiro á portaria, está a cruz com os instrumentos da paixão, de que já fallamos: corresponde-lhe no lanço opposto o mostrador do relogio e a porta da escada, que nas costas do altar-mór sobe ao campanario. [1] Nos outros dous lanços estão as portas da igreja,

[1] « Pelas costas da capella-mór se levanta o campanario dos si- « nos igualmente sonoros e saudosos, acompanhados de um acertado « relogio da mais fina tempera do irmão Francisco de Jesus, official in- « signe de similhantes artefactos. Lança a mão por entre o arco da

que dão entrada para o cruzeiro por um corredor, no qual do lado superior ha duas capellas correspondentes sem cousa digna de notar-se. [1]

A igreja tambem não offerece maior singularidade, excepto a falta de porta principal e de communicação com o exterior da casa.

No altar-mór sobre o throno venera-se o orago do mosteiro, Christo nosso Senhor crucificado. Acima do sacrario ha uma cabeça de Nossa Senhora das dores em almario de vidros, que tem merecimento; no seu rosto ha vida, os seus olhos fallam; mas repre-

« capella-mór e a cimalha do zimborio ou meia laranja para certo mos« trador das horas, que nas canonicas, d'oração mental, e outros exer« cicios do côro se devem pontualmente empregar. Anda tão regular « e miudo, que além de disparar meios quartos, ainda no meio de seus « minutos faz outro signal competentemente perceptivel. Nasce d'esta « a grande machina de um despertador, que aos tres quartos para « a meia noite desanda no sino com outros tantos malhos de ferro, do « qual resulta um estrepito capaz de acordar não só os conventuaes « do mosteiro, mas tambem aos eremitas solitarios.»—*Chron.* L. 4 C. 18.

Hoje apenas existem os sinos. O relogio foi levado em 1836 por ordem do Governo, com grande incommodo dos moradores das aldêas visinhas e especialmente de Luso, que por elle regulavam a distribuição dos banhos sulfureos, que possuem, e hoje tem grande voga.

[1] Em uma d'estas capellas havia, antes da abolição, um menino Jesus sobre peanha de cortiça, com bandeira na mão e resplandor da mesma materia, obras trabalhadas com delicadeza e perfeição por um eremita, cujo nome se perdeu. Existe na capella do extincto Collegio Novo, hoje da Santa Casa da Misericordia de Coimbra.

sentando a Virgem dolorosa, pareceo-nos offerecer a contradição, repugnante, d'um sorriso. Os altares do cruzeiro são dedicados um a S. José e outro a Santa Thereza. Corresponde ao primeiro a casa dos frontaes, e ao segundo a sacristia. O côro occupa o remate do templo; está separado por uma grade, levanta-se dous degráos acima do pavimento, e tem na frente um altar consagrado a Nossa Senhora do Carmo: na parede opposta ha um curioso presepio. As urnas de todos os altares são vasadas, e contém a representação em figuras do enterramento do Salvador e do fallecimento de Nossa Senhora, de S. José e de Santa Thereza. Grosseiras pinturas dos mesmos objectos ornam os altos do templo.

Se a igreja do Bussaco nada mais contivesse, seria forçado confessar, que no meio de tantas maravilhas d'este deserto os seus bemfeitores tão generosos e os seus moradores tão pios se haviam esquecido da casa do Senhor, como se não fôra digna dos primores da arte: mas estas paredes tão desprovidas de custosos ornatos encerram um thesouro de grande valia. Nas paredes lateraes do altar-mór dous almarios com portas de madeira, que fecham sobre um grande vidro, occultam á vista dous bustos, de Santa Maria Magdalena do lado da epistola, e de S. Pedro do lado fronteiro. E teremos nós expressões para descrever aproximadamente a profunda mágoa da primeira, e

a vehementissima dôr do segundo? A imagem da Santa representa, em mais de meio corpo, uma joven senhora, que já passou um pouco além da primeira quadra da vida. Nem uma só feição do seu rosto é muda: delicadesa de sentimento, candura, angelica bondade, doce sensibilidade alli se exprimem: d'aquelles formosissimos olhos, fixados no livro, e arrasados em lagrimas que borbulham pelas faces, exhala-se a ternura do amor mais extremoso. Uma delicadissima cutis mal encobre na testa o azul do craneo e o interior do rosto. Uma trança loura cáe desleixadamente sobre seus hombros. O escultor nem as mãos, nem o interior da boca quiz deixar desiguaes em perfeição. Cinge-lhe o corpo dura corda sobre vestido de grosseiro esparto. Tão viva e permanente commoção nos causou esta imagem admiravel, que hoje mesmo, distante do Bussaco e passados muitos mezes que ahi fomos, a estamos vendo e contemplando perfeitamente.

A de S. Pedro representa o instante preciso, em que o segundo canto do gallo e a vista do Senhor [1] rasgou o véo, que escondia ao cégo Apostolo a feal-

[1] Et continuo adhuc loquente — gallus iterum cantavit — et conversus Dominus respexit Petrum.

S. Marc. e S. Luc.

E logo, em quanto ainda fallava, o gallo cantou pela segunda vez; e o Senhor voltando-se olhou para Pedro.

Ligny.

dade do crime. Considere-se a extremosa amizade, que S. Pedro tantas vezes confessara ao seu divino Mestre, a intima consciencia, com que mais de uma vez o reconhecera, e publicara por seu Deos, os beneficios que d'elle recebera, a efficacia, com que poucas horas antes asseverara haver de padecer por elle: considerem-se tantos motivos de respeito, d'amor, de gratidão e de honra em um momento esquecidos; e pela simples palavra d'uma escrava abandonado o mestre, negado o amigo, despresado o bemfeitor, ultrajado o Salvador, e trahida a propria honra, sem que no coração do réo houvesse aquella profunda preversidade, que zomba a sangue frio do mais sagrado: e imagine-se ao mesmo tempo a cegueira extincta de subito, e este horrivel quadro presente em cheio aos olhos de S. Pedro, e tornado ainda mais sensivel pela affectuosa ternura, com que o cordeiro immaculado, do meio dos impios algozes, que o escarneciam e atormentavam, lh'o adverte d'um modo mais expressivo que as palavras. O esculptor concebeu, e desempenhou o quadro. S. Pedro é um velho robusto, cujo rosto e mãos assaz indicam, que a vida lhe fôra trabalhosa: as feições do seu rosto, os musculos do corpo, a côr da pelle, tudo n'elle é tão varonil, quão delicado os da santa. A posição do rosto, a contracção dos musculos, aquelles olhos sem lagrimas, embaciados, o fechado das mãos, que se elevam sobre o peito, e apertam com ancia, tudo explica, que para tamanha dôr

não ha expressões, não ha lagrimas, que a suavisem, e testemunhem. É um filho extremoso no momento em que por um descuido assassinou seu pai: é um amigo verdadeiro no instante terrivel, em que a reflexão lhe descobre haver atraiçoado o amigo! A paixão scintila e arde no coração de S. Pedro. No da Santa já perdeu a primeira vehemencia. N'aquelle, é um furacão impetuoso, que levantado de repente não encontra resistencia, prostra e esmaga: n'esta, é uma dôr quieta mas profunda, é o crime pranteado e perdoado, mas sempre vivo no coração agradecido ao generoso perdoador. Qual merece a preferencia? A arte hesitará..., mas decide o sentimento. A imagem bellissima do Apostolo não devêra estar defronte da Santa Magdalena: quem vio esta, e volve para aquella, torna involuntariamente, e pára junto ao busto da Santa.

Quem foi o seu auctor? em que tempo fez o mosteiro esta preciosa acquisição? quem foi o bemfeitor? O tempo levou estas memorias: nenhuns esclarecimentos se encontram nos livros da casa, nenhuns se podem colher da tradição dos eremitas ainda os mais antigos. "Apenas era entre elles como assentado (as-"sim nos dizia um morador do Bussaco, curioso e ju-"dicioso) que as mãos e cabeças dos tres bustos da "Santa Magdalena, do Apostolo e da Senhora das "Dores, tinham vindo de Roma." o que lhe parecia pouco acreditavel por não ser natural, que d'essa vin-

da não houvesse alguma memoria escripta: "O certo "é (continuou elle) que não ha certesa d'onde viessem, ou quem fosse o seu auctor; quem as mandou "fazer, ou concorreu com a despeza; mas certamente "no reino, pelo menos, são singulares e unicas [1]."

O resto do mosteiro compõe-se de boas officinas. O refeitorio é uma grande sala, de bastante pé direito, forrada de cortiças. No meio ha uma cruz sobre peanha de tres degráos. Proximo ao refeitorio está a casa, aonde se guardavam os instrumentos de penitencia, o que é significado pela inscripção da porta:

Arma militiæ nostræ. [2]

A livraria é uma sala ordinaria e bem allumiada; contém alguns livros latinos e portuguezes d'estimação, theologos, asceticos, e muitos que já se não lêem. A hospedaria consta d'uma casa commum de grande cumprimento e sufficiente largura, singular pelo forro, em que se distingue toda a arte e delicadesa peculiar do Bussaco: é formado de cortiças pregadas á maneira de guarda-pó, fingindo os barrotes cascas de sobro mais claro. Abrem para esta sala á direita a cozinha, dous quartos e um oratorio; e á esquerda outro quarto, que foi o aposento de Lord Wellington por occa-

[1] Fr. Domingos do Rosario.
[2] Armas de nossa milicia.

são da batalha: segue-se a este uma alcova e defronte uma dispensa. Esta parte do mosteiro fórma o angulo do edificio á direita da portaria.

Pelas costas do mosteiro, da banda do Nascente e do Sul, correm as hortas, em extremo agradaveis pelo contraste com os sombrios arvoredos que as rodeam, e pela frescura das aguas que regam este pequeno terreno, unico desassombrado em toda a matta, além d'algumas insignificantes clareiras. Fica-lhe superior um bom tanque de cantaria, que recebe as aguas d'uma fonte, e é cercado d'um largo passeio. Collocado no seio da matta, a qual em razão do declive não lhe tolhe inteiramente o horisonte, e um pouco desafogado pela visinhança das hortas, páteos do mosteiro, e um pequeno olival na parte superior, é o unico logar da clausura, aonde póde disfrutar-se a amenidade dos campos e a doce frescura d'uma noite de luar no estio.

V

A PORTA DE SULLA

...... *L'oeil enchanté*
S'empare de l'espace et plane en liberté

A. de Lamartine.

À DIREITA do mosteiro, em seguimento da hospedaria, encontra-se um páteo espaçoso com as casas d'abegoaria e communicações para o interior dos claustros. Dous arcos dão-lhe entrada e sahida para a avenida e outras ruas, que se dirigem a diversos pontos da serra.

Seguindo a principal sobre o Nordeste, a pequena distancia á esquerda, em sitio inferior, ha uma fonte chamada de Santa Thereza, a qual se começou a reedificar, não ha muitos annos, sem gosto nem selecção do risco e ornatos proprios do Bussaco; e ficou por acabar. Subindo d'ahi por um plano inclinado, entra-se em um terreiro na frente da ermida da mesma

Santa, a qual, como todas as outras d'habitação, compõe-se d'um pequeno jardim murado, oratorio, sacristia, cella, e casa de fogo; e está assentada sobre um penhasco sobranceiro á capella do Horto, que esconde inteiramente.

D'esta ermida continúa a estrada na mesma direcção, e á sua direita a floresta, sempre fechada, pela costa do monte acima. Á esquerda precipita-se a serra até o val de S. Silvestre tambem por debaixo de frondoso arvoredo. Toda esta rua é uma continuação da avenida do mosteiro, da qual se differenceia em ser um pouco descuberta da parte do valle; mas nem por isso deixa de ser espaçosa, como a outra, alcatifada de musgos e constantemente orlada de cedros magestosos. Alli se admira, pouco adiante da ermida, um dos maiores, que estendendo corpulentos braços sobre as cimas das outras arvores, parece ter sido o progenitor de todas ellas. Embora outros lhe disputem a preferencia, como aquelle que na rua do Horto se ostenta com um tronco de 22 palmos de circumferencia, que nós não duvidamos tributar-lhe a homenagem dos louvores, que o nosso joven poeta consagrou ao primeiro cedro do Bussaco:

Colosso triumphal da natureza,
Vergonha d'homens, que transpões soberbo,
Olhando-os lá das nuvens

Pequenos rastejar no pó da terra:
Tu, que orgulhoso no alto da montanha,
Assombrando o Universo,
Pai da floresta inteira e Rei do monte,
Desabrochar fizeste entre os rochedos,
Meneando teus ramos,
Centos e centos de soberbos filhos:
Tu, que os viste nascer, crescer, caírem;
E a cada um, que brota,
Mais amplo, mais soberbo, mais erguido,
Ávante um passo dás na immensidade;
E a coma sacudindo
Com sussuro, que imita uivar das ondas,
Pareces ir dizendo aos Reis da terra:
"É este o meu imperio,
"Imperio, que tem seculos por annos,
"Impassiveis colossos por vassallos,
"E cuja base eterna
"É um throno marmoreo, que podéra
"Dar thronos, e palacios, e castellos
"A centos de Monarchas,
"E ficar como d'antes, vendo-os todos
"Enterrarem-se, um a um, no pó das cinzas:
"Negras facções dos homens
"Abalam, e desfazem vossos sceptros;
"Meu sceptro, impondo leis ás tempestades,
"Facções senhoreando,
"Vê quebrar suas iras em meus troncos,

"E o vento que me traz o pó d'imperios,
"Sussurrando-me em torno,
"Vem depol-o em tributo ás plantas minhas:
"Gerações e thesouros se definham
"A erguer um monumento,
"Um colosso, uma torre, um obelisco,
"Que olvido eterno em breves annos cala:
"Um sôpro só do Nume
"Aqui me fez erguer;—e monumentos
"E obeliscos e torres e colossos
"São pigmeos sobre a relva.
"Aquelles perpetuam as memorias
"Talvez d'um assassino, d'um covarde,
"D'um roubador d'imperios:
"Eu sou nobre padrão do Omnipotente,
"De Jehová memorias perpetúo,
"Sou colosso do Eterno.
"Cabeças corôadas, acurvai-vos,
"E lá debaixo olhando a minha fronte
"No azul dos Céos perdida,
"Fazei preces a mim, que eu leve ao Nume:
"Eu subo mais que o incenso dos altares,
"Irmão da eternidade,
"Sou imagem do Nume sobre a terra;
"Sou Rei da natureza e dos imperios;
"Só eu, só eu existo."
Eis negra escuridão toldando o bosque,
Relampagos fusilam pelos ares,

Rolam trovões no Olympo,
E o raio d'alta nuvem despegado,
Ameaçando o sceptro e a montanha
Quebra vinte colossos.
Depõe suberbas, Rei da erguida selva;
Se um sopro só aqui te ergueu do Eterno,
Póde um sopro quebrar-te.
Tu vales tanto aos olhos d'esse Nume,
Como a relva do chão:—tudo é pequeno,
Só Deos, só Deos é grande.

Visconde de Gouvêa.

Não muito longe do cédro termina esta rua no muro da clausura, aonde outr'ora foi a porta d'El-Rei ou da Rainha, a qual, por ser muito proxima da estrada e dar com isso occasião a ser a matta devassada, foi tapada de pedra e cal. Antes de chegar ahi, toma-se á direita por um caminho estreito, abafado e ingreme para a porta de Sulla. O embrenhado da floresta tão agradavel, olhado do meio das espaçosas ruas, que deixámos descriptas, torna-se aqui sobremaneira pesado. O caminho é tão mal gradado e tortuoso e ao mesmo tempo tão assombrado, que por largo espaço se sente falta d'um ar mais livre e da luz do dia: mas finalmente e quando menos se espera, ao virar sobre a esquerda, por entre arvoredos talvez mais aproximados e sombrios do que os anteriores, a vista se nos es-

capa de repente por um extensissimo horisonte, choque electrico, que difficilmente deixará d'excitar no coração do viajante um vivo sentimento d'alegria involuntaria, e que tantas vezes experimentamos, quantas dirigimos o passeio para a porta de Sulla!

Esta porta abre-se ao Nascente sobre um plano largo e suave, que descendo ao longo do muro, quebra em frente por uma encosta apicada até além das povoações da Moura e de Sulla, que lhe deu o nome; á esquerda, vai-se inclinando pouco a pouco até Luso; e á direita, sobe ao mais elevado cume do Bussaco, aonde hoje está o telegrapho, fechando a grande linha do horisonte as serras do Caramulo e da Estrella. O passeio a este sitio rivalisa com o da portaria: dous commodos assentos convidam ao descanço. A pequena distancia, na descida para Luso, está a excellente fonte d'agoas ferreas, ha pouco descoberta, e ainda sem algum reparo, de que muito necessita; e sobre um outeiro á esquerda, uma capella das almas, arruinada.

———

VI

A BATALHA

Trazem ferocidade e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

Camões.

Aos encantos, que a natureza prodigalisa n'este plaino, vem unir-se recordações de honra e gloria para o nome Lusitano. Desde a porta de Sulla, pela cumiada do Bussaco até Santo Antonio do cantaro, a disciplina e bravura do exercito Luso-Anglo disputou em 1810 ao *filho querido da victoria e ao bravo dos bravos* esses titulos suberbos, que deveram ao valor e á fortuna [1] Daremos uma breve noticia d'este

[1] O Principe d'Essling, Massena, depois da batalha de Rovoredo pôde gloriar-se de haver sido nomeado por Buonaparte *l'enfant chéri de la victoire:* e o grande Ney, a quem a retirada do *grande exercito* deu mais honra, que a conquista da Asia a Alexandre, depois

acontecimento memóravel cujas particularidades o leitor melhor póde examinar nos documentos officiaes, que publicamos em appendice.

Tomada a praça d'Almeida pelo exercito francez em Agosto de 1810, marchou o Principe d'Essling por Viseu em direcção a Coimbra, e lord Wellington deixando as fraldas da serra da Estrella, onde estava acampado, veio tomar o passo ao inimigo. No dia 19 de Setembro chegou ao Bussaco; e á vista dos movimentos do exercito francez atravez dos rios Criz e Dão nos dias 21 e 23, postou o exercito alliado por toda a extensão da serra ao Mondego, occupando as difficeis estradas de Coimbra, e deixando apenas uma brigada na serra da Murcela cobrindo-lhe a direita, e em frente do Alva uma divisão de cavallaria, sendo tão bem concertada esta disposição, qué em duas horas todo o exercito se podia reunir em qualquer dos pontos da linha, se fosse mister. [1] O resto da cavallaria tomou na retaguarda a estrada do Porto entre o Bussaco e o Caramulo. No dia 27, a coberto d'uma densa

da batalha de Moscowa foi o *brave des braves* para este homem singular, de quem com tanta razão diz o poeta:

Tu n'avois qu'un regard pour mesurer la terre,
Et des serres pour l'embrasser.

A. de Lam.

[1] Vêde o terceiro officio no appendice.

nevoa, que escondia inteiramente o campo dos inimigos e as ladeiras da serra, [1] avançaram estes ao romper da manhã pelas duas estradas de Mortagoa para Coimbra, atacando a direita e a esquerda da linha nos pontos mais elevados do Bussaco. Uma divisão d'infantaria chegou a occupar a cumiada na direita, mas não pôde sustentar-se. Outra mais além foi rechaçada antes de chegar ahi. Uma outra divisão, que dirigiu o ataque em frente da porta de Sulla, pôde fazer alguns progressos áquem d'esta povoação, tendo descido ao valle, que medéa entre ella e a Moura, para evitar o fogo da artilheria, que a varejava na estrada descoberta, que corre por esta; porém sendo carregada á bayoneta, o mesmo valle que procurou para abrigo, lhe serviu de sepultura. Em ambos os pontos cederam finalmente os francezes, deixando 2:000 mortos no campo da batalha, e prisioneiros o general Simon, 3 coroneis, 33 officiaes, e 250 soldados. [2] A participação official de Massena, que por todo o seu contexto parece querer disfarçar a grave temeridade, a que se arrojou, sacrificando inutilmente tantas victimas, confirma a grande perda do exercito francez, dando morto o general Graindorge, e feridos os generaes Merle, Foix e Mancune sobre 3:000 homens, officiaes

[1] Consta d'um diario, que temos á vista, dos successos d'estes dias, escripto por um dos religiosos, que ficaram no mosteiro.

[2] Vêde o primeiro officio no appendice.

e praças, mortos e feridos. [1] A nossa perda, que o mesmo officio calcula em 4:000 homens, devia ser, attentas as posições, incomparavelmente menor. Em ambos os exercitos não subiu a mais de 197 mortos, 1:004 feridos e 51 extraviados. [2]

No dia 28 apenas continuou o fogo dos atiradores; e pelas onze horas da noite o exercito francez começou a mover-se para o Poente a tomar a estrada do Porto, torneando o Bussaco. Lord Wellington, que prevêra este movimento, havia expedido ordens ao coronel Trant, o qual marchava na direcção do Porto, que viesse fechar a linha occupando esta terceira estrada que Massena tinha a escolher: mas aquelle official apenas pôde chegar no dia 28 ao Sardão, quando os francezes eram já senhores do terreno. Então Lord Wellington, evitando ser cortado pelo inimigo ou obrigado a bater-se em campo desigual, retirou-se do Bussaco sobre os campos do Mondego, e d'ahi para as linhas de Lisboa.

Entretanto que o sangue dos soldados regava d'esta sorte as penedias do Bussaco, os solitarios do mosteiro padeciam todos os incommodos, privações e terrores, que a guerra traz comsigo. Desde o dia 21 que o mosteiro e as ermidas eram cheias de generaes e officiaes, a quem os padres prestavam com mão larga

[1] Vêde o terceiro officio no mesmo. Massena chama esta batalha *um reconhecimento!*

[2] Cit. officio —.º

tudo quanto possuiam, roupas, mantimentos e alfaias: e o silencio da clausura, até alli tão profundo e nem de leve interrompido, cedia em toda a matta ao ruido dissonante de tantas vozes encontradas, de tantos instrumentos militares, de tantas machinas de guerra. Ao temor do presente accrescia o do futuro. Um religioso hespanhol no mesmo dia 21 chegou ao Bussaco, inteiramente disfarçado, e profetizou-lhe desolação e morte; porque, dizia elle, por toda a parte o exercito francez não poupa alguns excessos, aonde estivera o quartel general inimigo. Lá vão saindo no dia 22 os religiosos, enfermos e anciões, do berço tão amado, onde bem quizeram exhalar o ultimo suspiro, e já não esperam regressar. A saudade e consternação despedaçam seus corações: marchando ao exilio, sómente se lhes antolham quadros verdadeiros, e de sobejo effeituados, da maior destruição, o santuario profanado, os cedros abatidos, os muros derrubados e essas ruas formosissimas inundadas em sangue.

Em a noite de 28 para 29 a mesma cummunidade abandonou o mosteiro, ficando apenas em guarda das preciosidades, que fôra impossivel romever sem desbarato, dous padres e um leigo. Succedem-se amigos e contrarios, não já em grandes corpos, mas em partidas mais on menos numerosas, que todas pedem e exigem, como senhores.

Do que era bom nada ficou (diz o singelo historiador d'estes dias luctuosos, cujo diario extracta-

mos, fallando das roupas e alfaias prestadas aos officiaes.) Na Igreja, nas capellas, celleiros e adegas soffreram vexames, violencias e roubos. O muro da clausura ficou aberto e derrubado em muitos logares, as portas da matta despedaçadas, taladas as hortas, grande quantidade de cedros quebrados. Tiveram de reparar todas estas perdas á custa de grandes sacrificios; e privados das abundantes esmolas, que lhes vinham de Lisboa, e cessaram pela ausencia da côrte no Brasil, foi-lhes forçado abandonar todas as obras d'insigne artificio, fontes, canos e ermidas, que se encontram pela matta, outr'ora bem conservadas e desde esta epocha em total decadencia.

Mas por certo que os mais illustres dos solitarios do Bussaco por bem pagos se deram de tantos prejuizos com a verdadeira gloria, que ao mesmo tempo para a sua ordem grangearam de bons portuguezes, generosos e humanos. É o seu honrado prelado, que interrogado por Lord Wellington sobre os dispendios, que a estada do exercito causára ao mosteiro, para tudo lhe ser exactamente satisfeito, responde com o maior desinteresse,—que elle nada queria, mais que a paz do reino,—resposta singela, mas profunda, compensação plena, de que se não esquece o heroe de Waterloo.

São aquelles tres solitarios, ficados no Bussaco, que apezar d'esgotados quasi todos os seus recursos,

vão repartir o pedaço do pão que lhes resta, e os mais vivos cuidados da caridade christã, com 60 feridos do exercito inimigo, que uma partida de cavallaria ingleza encontrara abandonados além da Moura, e recolhera na capella das almas. Rodeados estes infelizes de paisanos desalmados, que julgam meritorio assassinar o inimigo indefezo, se apenas falleceram uns doze, e o resto sobrevive, deveu-se ao disvelo dos padres, que entre elles, a morte e os barbaros, se interposeram, como sagrado antemural da miseria e do infortunio.

Assim o reconheceram os mesmos francezes. As partidas do exercito de Massena, entradas em Bussaco a 1 e 2 d'outubro respeitaram os salvadores de seus irmãos d'armas. Os officiaes, diz o nosso chronista, saudaram-no na chegada e na partida com a barretina na mão, cohibindo e castigando os soldados que longe da sua vista começavam de perpetrar alguns excessos; e por fim assignou-se entre elles e os padres um como tratado de neutralidade que os segurava de toda a violencia da parte dos francezes, [1] monumento

[1] Au nom de l'humanité.

Je prie et supplie tous les militaires françois qui viendront au couvent Bussaco de ne rien exiger des pères, ni des paysans des villages voisines; 60 blessés françois seroient victimes de la moindre violence. Ces pères se sont obligés à fournir des vivres aux blessés jusqu'au moment de l'évacuation.

Le 1.er d'Octobre 1810.

... * Off.^{r} au 3.e regt. d'Hussares.

* Não se percebe o nome no manuscripto.

de verdadeira civilisação, que bem comprova com quanta exageração se imputaram aos invasores atrocidades, que bastantes vezes paizanos e milicianos portuguezes commetteram com maldade superior. [1]

Tal foi a batalha do Bussaco e os seus resultados para os moradores do mosteiro. Uma sequencia de acontecimentos importantes, mas alheios do nosso objecto, seguiu-se a esta batalha. O exercito de Massena entrou em Coimbra, no dia 30 de Setembro, levando na frente o exercito alliado, como respeitavel guia, que até ás linhas de Lisboa lhe ia mostrar o espaço, que não podia ultrapassar, e do qual até ao seguinte Março havia de retroceder para nunca mais voltar. O mesmo official que devera fechar a linha do Bussaco, e que não pôde, como acima dissemos, executar a tempo esse plano, marchou ousadamente sobre a retaguarda do exercito inimigo, e surpreendeu

Os religiosos entregáram-lhe da sua banda o seguinte:

— Fr. José e os mais religiosos do Convento do Bussaco, certificamos aos Senhores officiaes do exercito francez de Portugal, que desde a evacuação da tropa Ingleza havemos tractado, e continuamos a tractar de 60 feridos francezes que ficaram no campo, dando-lhe pão, vinho e bacalháo por não termos outra cousa.

1 d'Outubro 1810.

Fr. J. de S. S.

[1] Ainda no fim da campanha, aquartelado Wilson no Bussaco, os padres experimentáram a verdade d'estas tristes reflexões com os milicianos do seu commando.

em Coimbra no dia 7 d'Outubro a guarnição que ahi ficara. Apezar da bravura, com que os mesmos feridos disputaram a liberdade, encastelados em differentes edificios, caíram em poder de Trant 5:000 francezes, 3:500 espingardas, e muitos provimentos.

Este numero consideravel de prisioneiros, conduzidos para o Porto a maior distancia do exercito, ao divisarem os cumes do Bussaco erguem repetidos clamores d'enthusiasmo militar. "Ó montanha da gloria!" eis o brado que os mesmos feridos, levantando a cabeça para saudar o campo do triumpho, que a si attribuiam, entoavam orgulhosos.

Mas se esse brado era mentiroso na boca dos francezes, que não poderam conquistar á força d'armas a montanha da gloria, quem poderá negar-lhe a exactidão, attribuida a portuguezes? Ousadia e valor, genio e sciencia, e a posse da victoria distinguiam Massena, Ney, Régnier e os mais valentes cabos de exercito invasor. Os seus soldados eram bravos como francezes, aguerridos e disciplinados como alumnos da eschola de Buonaparte. Eram bisonhos os soldados portuguezes; [1] estes noveis, que em Bussaco se mostraram tão galhardos, não tinham ainda combatido

[1] É sabido que Buonaparte nos levou os officiaes mais distinctos e os melhores soldados, muitos dos quaes foram engrossar as fileiras do *grande exercito* e levar o nome portuguez ao seio da Russia. O exercito commandado por Beresford no Bussaco, era composto de recrutas, apenas entrados no segundo anno do serviço militar.

uma só batalha d'importancia; [1] mas eram netos dos heroes de Viriato, dos bravos d'Aljubarrota, dos conquistadores da India! E as aguias vencedoras da Europa caíram, fulminadas, das sublimes alturas, a que se haviam elevado.

Quantas considerações não excitam estas verdades no espirito do viajante pensador que da porta de Sulla estende os olhos pelos valles e ladeiras do Bussaco! Pareceu-nos estar vendo o filho querido da victoria, o vencedor de Rovoredo, de Zurich e d'Essling, escolhido por Napoleão para submetter os portuguezes, entrar n'este reino com um exercito formoso, contar o seu ultimo triumpho, sem honra nem gloria, da fatalidade d'Almeida, [2] e chegado diante dos muros sagrados, sentir que a fortuna para sempre o abandona!

Desde este dia, dominando sómente o terreno que pisa, todos os seus progressos são passos agigantados para a ruina total do exercito do seu commando.

Fugido da peninsula, desgraciado do Imperador, humilde cortezão dos Bourbons e logo traidor a Luiz XVIII, odeado por sua extrema avareza, accusado á Camara dos deputados por suas rapinas e concussões, corrupto o seu corpo pelo excesso dos prazeres, a que se entregava no seio d'uma opulencia que

[1] Vêde o primeiro officio.

[2] A explosão dos armazens da polvora entregou Almeida aos francezes no dia 28 d'Agosto de 1810.

passa em proverbio, o principe d'Essling desde a batalha do Bussaco não é mais que o homem das abominações e opprobrios! [1] E não poderemos, á vista de tão espantosos successos, exclamar com o espirito das eras passadas? "Cedros do logar santo, asylo venera-
"vel dos solitarios do Carmo, o impio ousou erguer
"sobre vós a espada homicida; — o fogo de suas armas
"penetrou vosso recinto: — cessaram os sacrificios,
"dispersaram-se os ministros; — e a gloria do impio
"desvaneceu-se, como o fumo. Mão invisivel traçou
"a condemnação dos seus crimes no dia 27 de Se-
"tembro de 1810!"

Mas nós escrevemos no seculo XIX; e a montanha da gloria não ha mister d'exagerações piedosas para ser um monumento perpetuo do valor dos portuguezes.

Concluiremos com as seguintes palavras do chronista: = "Antes de vir aqui lord Wellington, não en-
"tráram inglezes em Bussaco, apesar de passarem
"continuamente pela estrada para cima e para baixo.
"Porém depois da batalha o nome do Bussaco, antes
"desconhecido de muita gente, voou por toda a parte,
"fez-se respeitavel; e os officiaes inglezes, que vão ou
"vem do exercito, vem aqui pousar, encantados do
"logar."

[1] Massena—Dict. Histor de Feller.

E este sitio tão favorecido da natureza e da arte, tão rico de memorias gloriosas para os portuguezes, que é hoje o Bussaco?

Do coração desejamos que elle sáia completamente do esquecimento e abandono, em que jazeo por muito tempo depois de 1834, não para soffrer a ignominia de ser vendido em almoeda, mas para receber os cuidados e protecção que merece. Permitta Deos que os dous anciões, unicos guardas do mosteiro e da matta por cujo serviço não recebem, mas pagam renda avultada, sintam finalmente, que o seu zêlo é conhecido e premiado em beneficio dos seus ultimos dias, e do publico interesse da conservação do Bussaco! [1]

[1] Folgamos muito de lêr no *Diario do Governo* de 21 de Fevereiro do corrente anno a seguinte recommendação, que muito honra o seu auctor o senhor deputado *Costa Cabral.*—S. S. mencionou que tinha a suscitar do Governo a conservação do convento do Bussaco, monumento que elle julga digno de merecer a attenção do Governo: de mais que quando alli passara, encontrou dous egressos, que tinham pertencido áquelle convento, que lhe declararam, que alli queriam acabar seus dias; e assim que achava muito justo que o governo por uma gratificação, que desse áquelles homens, lhes incumbisse a administração d'aquelle monumento, que será por elles bem tractado e vigiado —« O senhor Ministro dos Negocios do reino disse que o Governo tomava em consideração o que o nobre deputado acabava de mencionar; e que dúvida nenhuma se lhe offerecia em mandar incumbir a administração do Convento do Bussaco a esses dous egressos, que alli se conservam.»—Permitta-se-nos reflectir, que nas tristes circumstancias dos dous anciões o gozo dos pequenos pedaços de terra culta que ha na matta, sem obrigação de renda ou

ainda mesmo descontando-lhe na prestação o justo valor do seu rendimento, sem mais gratificação, seria por elles acceite como singular favor e beneficio em paga do serviço, que prestam á nação. Assim o Governo de Sua Magestade não deixe no esquecimento a promessa do snr. ministro!

Pelo que toca á administração geral do Districto, o senhor *Manoel Joaquim Fernandes Thomaz* tendo visitado o Bussaco durante o seu governo em 1837; e observado com seus proprios olhos a conveniencia da conservação do Bussaco e a importancia do serviço d'aquelles egressos, fez quanto estava ao seu alcance. Mil graças lhe sejam dadas. Por uma portaria de Julho do mesmo anno S. S. encarregou o Padre *Antonio de Santa Luzia* da guarda especial do mosteiro e suas pertenças, auctorisando-o a requisitar á auctoridade do Concelho todos os auxilios que lhe fossem mister. Confiamos que este procedimento de S. S, tão prudente como caridoso, não será descontinuado, mas antes ampliado pelos seus succesores (Nota da 1.ª edição.)

Com effeito a matta do Bussaco sahio da lista dos bens nacionaes em commercio; e os pobres padres foram desobrigados da renda por Port. de 1 de Dezembro de 1838. Foi bem, mas insufficientissimo. Destituidos de todos os recursos para a murar e guardar, continuou a ser livre a entrada a toda a gente, e não só a entrada, mas accender fogos no meio da matta com manifesto perigo d'incendio, e quebrar e destruir á vontade as imagens das capellinhas. Já um incendio abrazou uma parte do alto da matta! quando se seguirá o mais? Das capellinhas nenhuma resta, que não haja sido barbaramente violada.

Seja-nos licito n'este logar trazer á memoria de s. exc.ª o presidente do Conselho de Ministros, conde de Thomar, as expressões d'interesse pelo Bussaco do deputado Costa Cabral em 1838.

VII

OUTRA BATALHA

> Nunca tão vivos raios fabricou
> Contra a fera soberba dos gigantes
> O grão ferreiro......
> Nem tantos o grão Tonante arremessou
> Relampagos ao mundo fulminantes
> No grão diluvio......
>
> *Camões.*

Um dia, que meditavamos sobre estas proesas, discorrendo com outros amigos á porta de Sulla, um d'elles desviou-se de nós, e com empenho demandou á esquerda um penedo, que alli se ergue solitario. *Por ventura demorou-se ahi alguns instantes o grande Wellington? succedeu ahi algum insigne feito d'armas?* Assim lhe bradamos. " Nem sempre guerra d'homens, " que só deixam lagrimas: não meus amigos, esta ro- " cha, este assento grosseiro traz-nos recordações " d'outra batalha não menos temerosa, mas não mor- " tifera; que não foi origem de mágoas, mas de sau- " dades. "

É facil d'acreditar com quanta curiosidade todos o rodeamos instando-o pela historia.

"De bom grado (proseguiu elle.) Em uma cal-
"mosa tarde d'Agosto caminhavam dous viajantes
"para o Bussaco por essa mesma estrada, que os fran-
"cezes seguiram. O mais velho era pouco experi-
"mentado nas tormentas da vida, de coração ardente
"e sensivel: o outro mimosa flor, apenas semi-aberta.
"Aquelle tinha por este toda a amizade e o mais vivo
"interesse d'irmão. Torres de nuvens afogueadas in-
"cendiavam a atmosphera: o trovão roncava ao longe.
"Alguns estampidos medonhos, pareceram dar fim á
"trovoada. Assim o esperavam os nossos viajantes,
"dando parabens á sua fortuna, porque a estrada, sem
"povoações, nem casaes, nenhum abrigo lhes offerecia.
"Mas em breve pezadas nuvens vieram postar-se
"sobre a serra, e apoz das primeiras outras e outras.
"O sol escondeu-se: o céo troou de novo: e um vento
"impetuoso começou de soprar impellindo a trovoada
"para o telegrapho. Já vinham subindo lá em baixo
"por essa derradeira encosta; e d'aquella profundi-
"dade por toda a extensão do Bussaco nada mais apre-
"sentava o horisonte do que serpentes de fogo, cor-
"tando d'alto abaixo muralha altissima d'horrivel es-
"curidão. O ar pardo, o síbilo do vento, os amiu-
"dados trovões que retumbavam, espantosos, por
"essas immensas concavidades, o fogo dos céos, a mon-
"tanha que cada vez parecia erguer-se mais, accumu-
"lavam terrores no coração do viajante mais velho.—
"Deve dar conta do amavel companheiro, cuja guarda

"tanto se gloriava de lhe ser confiada: mas os recur-
"sos são nenhuns, e o mosteiro é ainda longe!—Toma
"a dianteira, corre á porta de Sulla, que esperavam
"aberta. Como que confiavam n'aquelles altissimos
"arvoredos do logar santo, que os livrariam do raio.

"Mas, ó desesperação! relampagos, raios, hor-
"rorosos trovões, chuva em torrentes, tudo opprimia
"os miserandos, e a porta era fechada; e não havia
"meio senão escalar o muro para ir ao mosteiro, e de tão
"longe voltar a abril-a!—Alguem se abalançou á em-
"preza, e a esperança renovou-se.—*Mas entre tanto ?..*
"*retiremo-nos... para onde?.. não ha!* palavras en-
"trecortadas, com que o viajante mais velho, pertur-
"bado, desviava da porta de Sulla o seu companheiro,
"quando advertiu n'este mesquinho assento, que não
"tinha outra commodidade, em sitio tão ermo, mais do
"que ficar opposto ao fulgor dos relampagos e á força
"da chuva. Sentados ahi, um pequeno capote foi o
"seu unico amparo contra a mais horrivel tormenta que
"ha visto o Bussaco. Quantas vezes a morte lhes andou
"em torno! Quantas vezes o anjo dos exterminios vi-
"brou a flamejante espada sobre as cabeças d'este par
"sosinho! Intrepido, nem um só ai soltava o peito
"do mais moço; o pavor nem um só instante anuveou
"seu rosto! Por certo que nenhum gemido exhalava
"o mais velho; não porque a alma d'este allivio não
"carecesse, pois o temor pelo companheiro era extremo,
"e pungente a sua angustia; mas porque desejava não

"lhe augmentar os terrores e diminuir a coragem:
" mudo invocava o Supremo Senhor dos céos e da terra,
"a estrella do mar, auxilio dos christãos, mais pelo
" companheiro do que por si. De tempos a tempos er-
" guia-se, sobresaltado, para olhar para a porta de
"Sulla. Que espectaculo! era tudo fogo e mar! Mas

" Depois de procellosa tempestade,
" Nocturna sombra e sibilante vento,
" Traz a manhã serena claridade,
" Esperança de porto e salvamento.
Camões.

" Abriu-se finalmente a clausura.. Um rio caudaloso " arrojou-se por esse caminho, que vem do mosteiro; " e os nossos viajantes, transitando-o a pé por evitar a " quéda das cavalgaduras nas lapas escorregadias, que " as aguas occultavam, bemdisseram, passados alguns " minutos, no regaço da mais pura amizade a mão do " senhor, que os salvara."

Agradecemos ao nosso amigo o curioso episodio, asseverando-lhe, que sendo tamanho o seu interesse pela aventura, não nos parecia difficultoso adivinhar o mais velho dos viajantes; pois do outro folgavamos de crêr, que nem pelo sexo, nem pelas virtudes seria desmerecedor de seus affectuosos cuidados. Respondeu-nos com um sorriso, convidando-nos a trepar ao

telegrapho. Seguimol-o de boamente. É um dos pontos mais elevados da serra, [1] dignissimo de ser visitado pela variada vista, que ahi se disfructa de grande parte do reino, e da infinita extensão do oceano. Toda a cumiada da serra permitte o mais agradavel passeio a cavallo.

[1] Talvez 1650 pés acima do nivel do mar, altura muito inferior a outras de Portugal.

Balbi. Essai Est. 1. p. 74

VIII

O HORTO

> Il éprouva ces affreux dégoûts de la vie, que la vertu même a de la peine à surmonter. Et à l'instant où un ange est obligé de sortir du ciel pour soutenir la Divinité défaillante sous le fardeau des misères de l'homme, cette Divinité miséricordieuse est trahie par l'homme!
>
> *De Chateaubriand.*

Quando no IV capitulo dissemos da ermida de Santa Thereza, representamol-a fundada sobre um penhasco, que escondia a capella do horto. Com effeito, tomando á direita da ermida por uma escada aberta na penha, estreita e quasi intransitavel, ou á esquerda por uma rua mais larga, que desce a par da principal, e volta logo para o Poente, entra-se no horto, principio da via dolorosa e da parte inferior da matta.

Dá-lhe entrada um arco humilde e tosco de pedras sem lavor, vestidas de musgo. Este logar, cujo nome tão veneravel será sempre para os Christãos

pelos tormentos, que a presciencia divina alli fez padecer ao Homem-Deos, e pela absoluta resignação, com que Elle, apesar dos estimulos da carne, se sujeitou a beber até ás fezes o calix da paixão, consta de um pequeno adro em frente da capella, aonde se figura a oração do Salvador, e d'uma gruta natural, que recorda a de Getsemani. Outro arco igual e fronteiro ao da entrada dá sahida por alguns degráos para a via-sacra, que chamaremos, até á fonte fria, a rua do horto; e logo ahi, a poucos passos, encontra-se a segunda capella representativa da traïção de Judas.

Nas costas d'uma e d'outra e sobre a gruta, sobem enormes rochedos, ornados e inteiramente cobertos de musgos e plantas. O céo superior ao seu cume e ao das arvores é o unico horisonte d'este retiro de meditação e recolhimento. Outr'ora, diz a Chronica, que havia n'este sitio um pequeno olival, circumstancia bem propria a fixar a grande similhança do Horto do Bussaco com o verdadeiro. Em verdade, lembrados do que lêramos em Mr. de Chateaubriand e outros, não podémos deixar de sentir esta conformidade. O profundo valle de S. Silvestre, o ribeiro que mal s'enxerga lá embaixo, este recinto á borda do precipicio, tão escondido e obscuro, no qual *nenhum ruido se levanta do leito da corrente, nenhuma folha treme sobre as arvores*, recordam ao pensamento Josaphat, o Cedron e o jardim das oliveiras: e se a via dolorosa,

cortando o ribeiro e tomando pela encosta do Norte, fosse terminar em alguma das alturas d'essa banda, cuidariamos vêr as torres da cidade e o calvario na montanha fronteira ao horto de Getsemani; mas ficariamos privados de grande parte do immenso horisonte do calvario do Bussaco, aonde as mais nobres e elevadas idêas se accumulam no espirito, arrebatado com os magestosos paineis, que a natureza lhe ostenta. A via dolorosa em vez de seguir a direcção mais analoga aos sitios, que finge, desce quasi ao fim do valle formando diversos angulos; e depois volta subindo pela encosta do Sul á capella da Samaritana, corta a avenida do mosteiro, e vai acabar com 4580 passos no alto do Calvario.

IX

A RUA DO HORTO

> Du flanc de ces côteaux pendent des bois épais,
> Qui courbant sur mon front leur ombre entremêlée,
> Me couvrent tout entier de silence et de paix.
>
> *A. de Lamartine.*

As penedias de Santa Thereza pela parte superior, e pela inferior um declive apicado, que as aguas do inverno vão escavando apesar do labyrinto d'arvores e arbustos, que o sustentam, orlam esta rua no seu começo. Sempre que nos demoramos no Bussaco, a visitamos muitas vezes pela manhã, porque apesar de muito vista, sobremaneira se apraz ahi o coração. Certamente, se a magestade da avenida do mosteiro enche o pensamento, a rua do horto, sem lhe faltarem os densos arvoredos da primeira, excede-a em retiro e amenidade. Áquella dará o espirito a preferencia; a esta o coração. O mesmo penhasco com

ser tão levantado, e como estar desabando, é tão enfeitado de musgos, que ora parecem penachos, ora levissimas plumas, ora largas folhas de arbusto exotico, é todo elle tão viçoso, e fórma tão agradavel contraste com a ribanceira da esquerda, que nos parece impossivel haver alguem, que não leve d'aqui invejas e saudades. A mesma floresta por toda esta rua é composta d'arvores de folhagem a mais agradavel: os alamos, platanos, aveleiras de troncos prateados estendem d'ambos os lados os seus compridos ramos de largas folhas verde-claras recortadas; e os grandes cedros, tão seguidos na parte superior da matta, sobem aqui em distancias maiores a par de carvalhos gigantes e pinheiros mansos, d'admiravel grossura e altura, por entre aquell'outras arvores menos soberbas, porém mais risonhas. A mesma descida da rua por muitas voltas é tão doce e variada, o seu piso tão molle por causa dos musgos e folhas cahidas, que, sendo longissima, escapam-se as horas sem se presentirem: e se uma pequena sociedade, toda do nosso coração, nos acompanhar n'este passeio, será impossivel que jámais nos esqueça a rua do horto da matta do Bussaco. Parece que o ar, as arvores, o proprio piso nos convidam a caminhar mansamente, parando aqui e acolá para communicar impressões e sentimentos, e trocar innocentes gracejos. Em nenhum sitio tanto como n'este se gosa a solidão. As magestosas ruas da portaria da matta á porta de Sulla, e quasi

todas as do alto da matta indicam tanto um braço poderoso, que as construíra forçando a natureza, são tão magnificas, que muitas vezes mais parecem visinhas d'um palacio real, habitação de principes, do que de um mosteiro tão humilde, como o de Bussaco: como que se espera a todo o momento ouvir rodar as carruagens, rinchar os cavallos, encontrar pagens lustrosos, e saudar os venturosos do mundo. Tudo ao contrario na rua do horto: aqui a natureza parece ter-se encarregado, ella só, de todas as obras; nenhum indicio desvia a idêa d'um retiro religioso; e ainda que nenhumas portas encerrem o valle, como que nos sentimos no interior de nossos gabinetes sem receio de que venha alguem perturbar-nos. A nenhum dos sitios do Bussaco são tão adequados aquelles primeiros e harmoniosos cantos, com que o nosso amigo celebrou estas veneraveis solidões:

Retiro myst'rioso da innocencia,
Da paz solemne asylo,
Balsamo santo de magoados seios:
Em ti minha alma encontra
Suave allivio que me nega o mundo;
Em ti a paz procuro,
E tu m'a off'reces, amostrando as sombras
Do soidoso recinto.
Ah! quem m'a turvará n'este deserto?
Quem? .. Se tão longe o mundo

Prestigios d'elle, que ainda teme o peito,
Ninguem, ninguem me aviva?
Marmóreas torres e dourados paços,
Fontes, jardins faustosos,
Fataes emblemas da ambição soberba,
Aqui vossa lembrança
Fenece á sombra das humildes eras;
Aqui mirrados ossos
A cada passo desarreigam d'alma
Delirios da vaidade.
Pomposas glorias do enganado mundo
Quem póde recordar-m'as,
Se a palma não vegeta n'estes bosques;
Se o louro, apenas nasce,
Em menoscabo das guerreiras frontes
Rasteja humilde e baixo?
Ternas recordações? .. Ah! longe, longe;
Ninguem lembrar-m'as póde;
A meiga philomela aqui não solta
Seus trinos amorosos,
Nem saudosa rolinha a ausencia carpe
Do lindo ingrato esposo.
Embalde invoco amor . . . Amor! Que disse!
Que som, que voz insana
Ousou de profanar o santo asylo
Da paz e da innocencia?
Treme d'horrorisado o bosque inteiro,
Da campa echos retumbam,

Deslocam-se da Cruz erguidos braços;
E horrida caveira,
Que á base lhe descança, em roucas vozes,
Rangendo os gastos dentes,
D'est'arte exclama: "Se a belleza adoras,
"Ah! ceva em mim teus gostos:
"Purpureas faces, enastrada cóma,
"Negros fermosos olhos
"Já scintillaram n'esta fria ossada;
"Ficções desfez o tempo,
"Resta a realidade"...Á voz tremenda
Geme o intimo d'alma,
Mas não, não é de amor; tão doce mágoa
Os seus volcões não geram;
Com tal socego palpitar cadente
Aos brados da ternura
No peito o coração de amor não sabe:
Saudade?... Ah! não por certo,
Que eu sinto a paz, e a saudade é guerra,
Em vão dilicias conte:
Carpir o mundo?.. Não... O que? ignoro-o.
Ó mago sentimento!
Encanto doloroso que n'um tempo
Prazer e pranto encerras!
Quem és, que ao coração sanando as chagas,
Me abres outras tão doces,
Que não sei se tem dôr, se tem prazeres,
No gremio do descanço?

Ó Genio da soidão não m'esclareças,
Deixa-me em meus delirios,
N'esta paz existir, entrelaçando
Delicias e tristezas.

Visconde de Gouvêa.

X

A FONTE FRIA

> Meneia os altos freixos
> A branda viração de quando em quando;
> E d'entre varios seixos
> O liquido crystal sáe murmurando;
> As gotas que das alvas pedras saltam,
> O prado, como pérolas, esmaltam.
>
> *Camões.*

SEGUINDO este deleitoso passeio e admirando algumas das maiores arvores da matta, entre as quaes se distingue o cedro, de que já fallamos, [1] insensivelmente se chega á fonte fria.

A pequena distancia do mosteiro para o Norte, e descendo sempre na direcção do valle por ladeiras um pouco ingremes e ultimamente por uma pequena escada, encontra-se uma lapa, que a arte compoz em abobeda, ornada d'embrechados, e terminada em um arco aberto e enfeitado com lavores iguaes, que já em muitos lo-

[1] Pag. 40.

gares mal se entrevêem por baixo dos musgos: aos lados do arco ha commodos assentos cobertos com a mesma engraçada tapeçaria. A agua nasce á vista em abundancia debaixo da abobeda; e a tres ou quatro passos vai cahir por um cano de cantaria, á flôr do chão, em um parapeito, que desce por entre duas escadas de cantaria a um patamal lageado e com assentos, por onde passa a via-sacra, que no antecedente capitulo começamos a descrever. Ahi é recebida em uma pia, da qual torna a sahir por outro cano igual ao primeiro, e a descer por outro parapeito e escadas tambem similhantes, até que, depois de formar n'este sentido differentes quedas, vai-se perder no mais profundo do valle de S. Silvestre. Os parapeitos, canos, escadas e muros lateraes estão de tal sorte arruinados, que logo no primeiro lanço sáe a agua para os degráos da esquerda; e as silvas são tantas da direita, que nenhum transito consentem. Todavia n'este completo abandono é ainda a fonte fria um dos sitios mais agradaveis do Bussaco, um dos mais conhecidos e visitados. Muitas circumstancias para isso concorrem. A distancia do nascente ao valle é consideravel e quasi em despenhadeiro: sobre a fonte, e d'um e d'outro lado cruzam-se as arvores, bastas e frondosas, por cima de milhares d'arbustos e plantas. Lá está um cedro, ha poucos annos disposto, e é já tão soberbo, que não ha viajante que lhe não agoure competencias com os maiores da matta: lá vão crescendo á direita tão alti-

vos os silvados, que já sobrepujam algumas arvores. O sol no meio do seu curso, nos mais calmosos dias do verão, não penetra n'este recinto: e apenas, temperando a atmosphera com um suave calor, anima de longe esta riquissima vegetação, que por outro lado a encosta fronteira defende dos ventos do Norte. A agua é de neve. Á esquerda do nascente dous pequenos taboleiros, que podem alcatifar-se com as folhas dos platanos visinhos, offerecem aos viajantes um optimo assento para o almoço e jantar.

Mil nomes, firmas e lembranças, gravadas nos troncos d'alguns buxeiros, dariam memoria dos visitadores, se taes galanterias não fossem, como é de costume, illusões d'amor verdadeiro ou fingido. [1]

[1] A fonte fria, se dermos credito á Chronica, não é hoje mais do que uma inexacta memoria do que foi em outro tempo.—«Desce, « diz a Chronica, por um calejão ou parapeito levantado da terra « entre duas largas (*) escadas, por telhões de cantaria de repuchos « abertos nas mesmas pedras, na descida dos quaes fervendo as aguas « em tumidos, prateados cachões, lhe causam d'uns em outros uma « tão agradavel como boliçosa queda, até chegarem a uma taça de « onze bicas de bronze, sentada no meio de um formoso taboleiro, « rematado tudo em um chuveiro de innumeraveis e quasi imper« ceptiveis desaguadouros. Baixa d'aqui na mesma forma a outros « tres taboleiros lageados; e chegando ao quarto pára em um chafa« riz de oito bicas de bronze, do qual se torna a despenhar por canos « cubertos; e a uma larga distancia se recolhe em uma grande pia, « coroada de uma grande cruz de pedra, acompanhada de duas pyra« mides da mesma materia. Encanada novamente por alguns passos, « rebenta em um espaçoso tanque, do qual, fechada como antes, se « vai terminar em beneficio d'um dilatado pomar, etc. » L. 4. C. 14.

(*) Não consentem duas pessoas a par; e da mesma fórma os

No fim das escadas, que descem da fonte fria, toma o valle alguma largura por debaixo de muitos castanheiros de poucos annos, como para ostentar mais uma belleza inteiramente diversa de todas as outras do Bussaco. Cessa a escabrosidade da serra, o chão é plano, a verdura toda risonha e sem mescla das côres sombrias dos cédros; e as folhas do arvoredo, similhantes a um véo ligeiro, apenas quebram os raios do sol, sem escondel-o. E se no actual estado do Bussaco, de sobejo devassado, merecem alguma preferencia os poucos logares occultos á curiosidade do vulgo, este agradavel arvoredo, que quasi ninguem visita, é digno da distincção. A ruina da fonte fria e a aridez da maior parte da encosta do Norte, aonde a arte não aperfeiçoou a natureza, desviam os viajantes do seio do valle. Todavia para além d'este sitio pittoresco ha ainda um passeio; o qual cortando o valle na frente dos castanheiros e subindo até ao muro da clausura, domina alguns insignificantes pomares cultivados; e não deixa de ter seu merecimento.

espaçosos e *dilatados* d'esta descripção, que repugnam á natureza e restos que existem, accusam de menos verdade o Chronista, que não havia mister d'exagerar.

XI

AS CAPELLAS D'ANNAZ E CAIFAZ

Tout parle, tout me plait sous ces voûtes tranquilles.

De Chateaubriand.

PASSADA a fonte fria, começa a via-sagrada a afastar-se do valle, subindo para a terceira capella dos Passos, aonde se figura o Salvador cahido por terra ao passar o Cedron, painel sem fundamento na Escriptura. Ahi alarga-se a rua, e a pouca distancia passa por debaixo d'uma grossa muralha de 15 pés de altura, empedrada ao tosco e coroada de ameias, a qual em um levantado arco representa a porta Siloé de Jerusalem: e voltando logo sobre a esquerda em linha recta pela costa acima, conduz por entre magnificos pinheiros mansos e cédros á quarta capella, a qual traz á lembrança a apresentação do Senhor em casa de Annaz. Por toda esta distancia são frequentes as estradas de pé e de carro, que descem ao valle, muitas das quaes, á mingoa de limpeza, estão intransitaveis.

Da quarta capella continúa a via sagrada para a direita, subindo-se por um terreno tão differente do anterior, que, começando logo o arvoredo a diminuir em altura, grossura e folhagem, termina finalmente em penedias descalvadas. No extremo da trepada e já sobre o muro da clausura, em um rochedo terraplanado, é situada a quinta capella, representativa da casa de Caifaz, dominando quasi o mesmo paiz que a portaria da matta. Ao lado da capella ha uma torrinha d'aspeito muito rude, mas composta com gosto e muita arte: tem 21 pés d'altura e 60 em volta, terminando em uma cruz, á qual se trepa por um caracol interior, tão apertado á vista e tão ingreme, que parece impossivel chegar ao cimo; mas de tal fórma compassado, que pessoas de gordura consideravel podem sem grande esforço ir assentar-se nos degráos da cruz para gozar uma vista longissima e variada.

Da capella de Caifaz volve outra vez a via-sagrada para a esquerda por um plano inclinado, em direitura á capella da Samaritana na avenida do mosteiro, [1] participando ao principio da aridez do rochedo em que está a casa de Caifaz, e toldando-se ao depois com frondosos arvoredos sobre tapete de fresca verdura.

Os viajantes, que vem do Horto ao mosteiro pela fonte fria e Caifaz, descançando agora na capella da Samaritana, ahi podem recolher e fixar os seus pen-

samentos sobre tudo o que hão visto, pois os cedros da avenida, os seus oratorios e a verdura da via-sagrada, que tem diante dos olhos, offerecem-lhe um breve quadro de toda a magestade, amenidade e curiosa rudeza do Bussaco.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

O BÚSSACO

SEGUNDA PARTE

I

O PRETORIO

Paz intima e saudade, mas saudade
Que não dóe, que não mirra, e que consola,
São as riquezas do ermo, onde sorriem
Das procellas do mundo os que o deixaram.

Harpa do Crente.

DEIXAMOS o leitor no meio da magnifica avenida do mosteiro, ao cabo da rua do horto, sentado na capella da Samaritana, meditando nos mysterios d'este

"Retiro da innocencia."

Agora guia-lo-hemos mais acima.

Á direita da Samaritana, alguns degráos d'extrema rudeza dão começo a uma rua, que termina com 107 passos em um arco de 14 palmos d'alto e 6 de largo, tosco e grosseiro, ao modo do Bussaco, erguido entre paredes de feição igual, inteiramente cobertas de musgos. Uma lapide sobre o arco annuncia os paços do Proconsul, aonde o Salvador na madrugada, depois da horrivel noite de Caifaz, fôra conduzido. Adiante do arco sobem-se em frente cinco degráos para um adro espaçoso; e á direita volve uma rua e logo outros degráos para a via sagrada, que segue pelas costas do figurado palacio de Pilatos, como diremos.

N'este adro, de fórma circular, com 16 passos de diametro, levanta-se um edificio encostado á serra e composto no centro de varanda coberta, e de torres nas extremidades. É o pretorio; ahi se mostra o proconsul, appresentando o *homem* á plebe. A iniqua sentença lê-se gravada em lapide por debaixo da varanda.

Uma columna no centro do adro, traz á memoria aquella a que foi prezo e açoutado o Homem Deos, o Salvador e bemfeitor dos homens. A pequena distancia da columna nasce uma formosa carvalheira, que logo se dobra sobre o chão com um tronco de 14 palmos de grossura, e parte-se em tres ramos, cada um dos quaes só por si formaria uma arvore corpulenta.

Um d'elles despede para a direita sempre rente com a terra; e amoldando-se á curvatura do adro vai erguer-se, com 37 palmos de comprido, junto aos degráos da escada para o arco, e abre os seus ramos frondosissimos sobre esta, sobre parte do adro e esquerda do pretorio. Outro despede direito ao encosto, curva-se pouco a pouco até se levantar com grandes ramos sobre o tronco, frente do pretorio e exteriores do adro, deixando um brando leito de musgos, em que o viandante tão commodamente se póde recostar, que a parte superior do corpo conserva a conveniente elevação, e não ha perigo de cahir. Outro finalmente sobe logo desde o pé, e assombra o centro do adro e a direita do pretorio.

Quam graciosa é esta arvore! como é lindo este sitio! A fórma do edificio nobre e elegante, mas antigo; o arco e as muralhas, em sua traça e vestuario mostradores d'outros seculos, a magestosa carvalheira, e os cedros derredor! Escondidos n'aquelle agradavel encosto do ramo, occultos dos ardores do sol por aquelles fresquissimos cortinados de verdura, gozando a doce sensação d'aquelle murmurio das cimas do arvoredo agitadas pela brisa, em profundo silencio, só quadros d'uma natureza liberal e amiga para todos os lados: do homem unicamente as obras, que trazem ao pensamento amor de Deos e dos homens; e na mesma memoria do infando crime da iniquidade, que presen-

ciou o pretorio, o mais significativo painel da misericordia do Eterno Ser, que nos creou, e que nos guarda; que instantes tão doces, que repouso completo da alma e do corpo ahi não temos disfructado! E o solitario, que a poucos passos de Pilatos habitava a ermida, que do adro se enxerga entre cedros soberbos, quam innocente prazer ali não gozaria, descançando alguns momentos da austeridade de sua regra! Em seu mesmo breviario quantos pensamentos não encontrava, que d'estas scenas da benefica natureza remontassem seu espirito á celestial Jerusalem! Com quanta compuncção não sahiriam do seu coração n'este recinto aquellas vozes encendidas, aquelles mysticos cantares do Propheta Rei no psalmo 8.º!

Quanto ao longe em toda a terra,
Ó meu Deus e meu Senhor,
Resplandece de teu nome
O magnifico esplendor!
Sobre os céos sobe e se eleva
Tua ineffavel grandeza,
E por modos mil a entôa
Toda a vasta redondeza.

Caldas.

Além do adro e edificios do pretorio uma capella inteiramente similhante ás do horto, d'Annaz e de Caifaz, concorre a gravar ainda mais na memoria do

visitante estas primeiras scenas da tragedia do calvario. Na rua, que, como dissemos, vem da Samaritana ao arco de Pilatos, a 15 passos d'estes, obem á direita 11 degráos para um patim, do qual se continúa a subir para a esquerda até um outro adro, que entesta com a capella, e communica com o do pretorio pela escada, que atraz indicamos. Nas suas paredes um escudo d'armas com a seguinte letra diz a historia das ruas, por que vamos discorrer:

> "Estas dez ermidas mandou fazer o Illm.º Snr. D. João de Mello, bispo conde, na era de 1694.—" E por baixo—"Aqui começam os passos da paixão."

Diante da capella uma grande pedra, levantada em fórma de meza, com um mocho d'assento á cabeceira e no topo uma cruz de madeira sem lavor, conserva a inscripção seguinte:

> "Memoria do logar em que Jesu-Christo,
> "Nosso Senhor, foi sentenciado á morte."

E como Pilatos, fragilissimo juiz, procurando desviar de sua cabeça o sangue do innocente, ou o odio dos pharizeos, enviou o Salvador a Herodes, tetrarcha da Galilêa, para que o julgasse, o qual era então em Jerusalem; volve a via-sagrada ao patim, e por elle

continúa para o lado opposto ao pretorio, seguindo uma rua formosissima, parallella e muito irmã da avenida, a qual, depois d'avistar a portaria da matta, reverte para o alto a demandar a capella d'Herodes. Em seu começo encontra-se a ermida d'habitação, cujo orago é S. José, e foi edificada por um dos mais illustres bemfeitores do Bussaco, Manoel de Saldanha, reitor da Universidade. Pelas costas d'esta ermida admiram-se alguns cedros que a Chronica do mosteiro não só affirma terem vindo dos Açores, e gerado toda esta numerosa familia do Bussaco, mas que foram os primeiros que se viram em Portugal. Outros, pela natureza da arvore e propriedades do solo, averiguem se esta asserção merece fé; que nós, estranhos á sciencia, tão sómente notaremos, que estes cedros, apesar de terem a grossura de 18, 22 e 23 palmos, e alguns a altura de 70, com os ramos superiores meio seccos e todos os signaes de longevidade, em cousa nenhuma sobrepujam muitos outros da matta.

II

HERODES E O PENHASCO DE SANTO ANTÃO

Que ces sites sont doux ! que ces lieux sont touchants !
O puissante nature ! o grande enchanteresse !
Tout ce que j'apperçois, m'attache et m'interesse.

De Lamartine.

A CAPELLA d'Herodes está situada em um pequeno adro, que nenhuma singularidade offerece, salvo o contraste da aridez com a amenidade, de penedias escalvadas e inhospitas com a frescura das alamêdas, do receio de reptis com o inteiro descanço de nenhum encontro nocivo. Sobe nas suas costas um rochedo talvez de 200 palmos d'altura, se não mais, o qual inteiramente nú e por este lado inaccessivel, vai crescendo e afinando-se em pyramide até á capellinha redonda de Santo Antão, que lhe serve de remate, e domina o muro da clausura, a portaria, a torre de Caifaz e grande parte da matta.

Trepa-se ao cume do penhasco, um pouco acima

d'Herodes, por um lado menos ingreme. E como das differentes alturas do Bussaco esta é a mais visinha do mosteiro, costumavamos em 1836 ir ali muitas vezes antes d'almoço, estender a vista pelas serras, outeiros e campinas, que entre o Bussaco e o oceano, desde Aveiro até ao cabo Mondego, se divisam. Assentados contra as paredes da capella, sem ambições, nem saudades das côrtes e palacios, nem do fôro popular, estranhos á politica, acompanhados tão sómente d'almas puras e singelas, em cujos corações só dominava a candura da innocencia, abrigada sob as azas paternaes, mereceramos o labeo d'ingratidão se não conservassemos indeleveis impressões d'estas manhãs saudosissimas. Embora fosse o quadro d'hoje o mesmo d'hontem; como que a natureza lhe prestava em cada dia novas graças. Sempre alegres commettiamos os penedos: sempre no seu cume experimentavamos uma igual admiração, passando em resenha os longes e os pertos, e inquirindo entre as vagas do oceano, se algum baixel crusava nossas praias.

Um dia a natureza, mudando as scenas, pareceu querer augmentar nossos prazeres. Depois d'uma noite de paz e d'inteira quietação, d'uma noite de Bussaco, tinhamo-nos erguido, dourando já o sol as cimas da floresta, e cuidavamos do passeio, quando de repente vimos o ar escurecer. Observamos turbilhões de nevoa, que da parte inferior da matta avançavam contra o sol

rapidamente; mas o astro do dia pôde mais que os inimigos. Sem que se ouvisse o trovão, nem o raio fuzilasse, passados poucos momentos, dardejava radioso sobre os dispersos batalhões. Puzemo-nos a caminho. Apenas chegados ao alto dos rochedos, conhecemos não estar a lucta terminada. É verdade que o sol senhoreava as cumiadas das montanhas, mas os valles e outeiros estavam occupados pelos densos nevoeiros, que, ao principio passo a passo, e logo velozmente, começaram a investir, estendendo-se pela serra: nós os viamos, nós os tocavamos seguindo por entre as arvores differentes direcções, e usurpando mais e mais os senhorios do rei do firmamento. Outra vez o gigante dos céos riu de sua audacia. Um instante só: e apenas algumas reliquias, aqui e acolá, pelo extremo do horisonte, fugiam desbaratadas; e como que do seio das aguas renasciam esplendentes com o sol da madrugada, campos, outeiros, villas, aldeias, a terra, e ao longe o oceano.

Tornemos á capella d'Herodes. A victima voluntaria, que no calvario se deixava sacrificar pela salvação de seus algozes, foi recebida pelo rei adultero com interesseiro gasalhado, porque, tendo ouvido fallar muito de Jesus, era curioso de vêr a sua figura, e de assistir a alguma de suas maravilhas. O Salvador com silencio imperturbavel desdenhou de sua vãa expectação, e esta mesma paciencia sublime e sobrehumana,

que no pretorio confundira o Romano, serviu á zombaria do principe e cortezãos, que seriam prodigos de louvores e de palmas, se um ignobil charlatão com prestigios de sciencia mentirosa os divertisse alguns momentos.

Vestido por irrisão com uma opa branca, como visionario ou rei de theatro, [1] foi o Senhor reenviado a Pilatos por Herodes: e n'este sentido a via-sagrada torneando o rochedo de Santo Antão, e embrenhando-se outra vez no mais intimo do bosque, vem descendo até cortar a secção da mesma rua, que vae de Pilatos para o calvario, e entra pelo lado opposto ao arco no atrio do pretorio com 500 passos, pouco mais ou menos de comprido.

[1] Vêde Ligny Hist. de N. S. Jesus-Christ. P. 3. C. 16.

III

A PORTA JUDICIARIA

Leur voix qui s'éloignait, mourut dans la distance,
Et tout fut sous le bois solitude et silence.

De Lamartine.

Conduzir o viajante pela via-sacra dos passos da paixão, fazendo-lhe vêr e admirar a cada passo a formosura e magestade do arvoredo, que em parte nenhuma se desmente, o molle piso da estrada espaçosa e suave, apesar da imminencia da encosta, pela qual, vencendo o bravio da natureza, á custa d'esforços do genio e da arte, foi mister lançal-a em zigzag, é não só possivel, mas natural e ordinario; é negocio não d'uma vez só, mas de quantas sobem ao calvario aquelles, para quem os prazeres innocentes e o gozo da fecunda natureza tem algum valor.

Mas proceder pela mesma fórma para com o leitor, repisando ideias e multiplicando quadros unifor-

mes, seria por extremo tedioso; marcharemos por tanto de corrida, e apenas nos demoraremos um pouco á porta Judiciaria. Quasi em meio da via-sagrada, a 748 passos de Pilatos, encontra-se um bello arco, coroado d'ameias, figurando ser de granito ennegrecido pelos seculos e pelas plantas, que se lhe hão pegado, o qual abrange a rua, e prende em uma das capellas á direita. Uma pequena lapide entre as ameias diz: *Porta Judiciaria*, e traz á memoria a porta de Jerusalem, por onde o Salvador sahiu para o calvario. Um penhasco elevado e todo vestido de musgos, ergue-se junto da capella, e ostenta um vistoso tapete de variada verdura. Carvalhos colossaes, d'um e outro lado, sobem até grande altura, e vem cruzar sobre o arco os seus ramos frondosos. Um d'elles, velho de largos annos, um pouco curvado, como pede sua idade, necessitava de algum que o apoiasse, para acompanhar ainda as differentes gerações a que preside, e as quaes em torno, como progenitor, parecem respeital-o. Outro corpulento e esforçado inclinou-se e nos braços o sustenta.

Doce emblema da ternura filial, os euros te respeitem; e se algum dia se abrigar á tua sombra um filho ingrato, que attente. . . . que medite, e que fuja espavorido.

Pelas costas da capella sobe um estreito carreirinho turtuoso, que termina em degráos, e dá entrada para uma gruta aberta em um dos muitos rochedos

solitarios, que d'aqui para cima se divisam, abobadada e estucada de regulares embrexados, na qual uma imagem de S. Pedro ajoelhado e um gallo sobre columna de pedra, representam a mágoa do discipulo depois de ter negado o Salvador. Um assento entre ambos permittia a algum devoto eremita vir aqui meditar sobre a fraqueza do homem presumido.

Tambem nós, em manhã d'Agosto, brilhante com o sol do estio reflectido em tantos espelhos de folhas prateadas, largamos os companheiros, e viemos sentarnos primeiro na escada e ao depois na gruta de S. Pedro. Uma pequena pedra um pouco levantada junto dos ultimos degráos e estofada de musgos convidava a reclinar a cabeça sobre commodo travesseiro, em tanto que o corpo fatigado da subida descançava no restante da escáda. Eramos quasi pegados com a estrada, sentiamos não só as vozes, mas o passeio do viandante; tinhamos diante dos olhos a cupula da capella e as ameias da *Porta Judiciaria*; collocados acima do nivel da rua, melhor observamos as fórmas elegantes do arvoredo; da terra não eram outros os objectos que avistavamos; e o céo, para o qual se erguiam naturalmente os nossos olhos, devêra ser n'estes instantes nosso exclusivo pensamento. O bosque era mudo; apenas de quando em quando fagueira brisa vinha embalar as cristas dos carvalhos; e o seu murmurio em tamanha quietação era mais uma harmonia em louvor

do Creador.—D'ahi a pouco começámos a ouvir vozes longinquas, encontradas, mas alegres, aproximaram-se e passaram:—e o silencio seguiu-se. Eram pobres camponezes; vinham do calvario, não indifferentes e desattentos, mas interessados e contentes; fallavam do Bussaco com a eloquencia de corações sinceros e innocentes; iam todos (oh quanto melhor que nós por gabinetes e salões!) derramar por aldeias e choupanas os nomes de Pilatos e d'Herodes, do calvario e do sepulchro, a fama do Bussaco. Ausentámo-nos compungidos, e com o coração trespassado de ternura e sentimento.

Mais ao diante volve a via-sagrada pela vez penultima, encostada ao extremo d'um penhasco, que se precipita a prumo d'altura desmedida, extendido n'esta fórma grande espaço, sem musgos, nem plantas. descalvado e tingido de vermelho, branco e pardo, pela mão da natureza. Uma tarde, junto d'elle, quando pela primeira vez subiamos ao calvario, voltando os olhos para o poente, avistamos um formoso e largo rio de margens amenissimas, povoado de grandes arêas entre arvoredos: adiantamo-nos até maior distancia pela base dos rochedos, a fim de reconhecer o motivo da illusão, que cada vez se tornava mais vistosa e enganadora: e longo tempo desfrutamos este effeito curioso da nevoa colorida pelo sol no seu occaso, e avistada por entre as arvores da matta na baixa para o mar.

Sobre o penhasco levanta-se o calvario.

IV

O CALVARIO

O cieux! que de grandeur et quelle majesté!

De Lamartine.

FINALMENTE, ao cabo da via-sacra, 1400 passos desde o pretorio, uma pequena porta, cujos umbraes e cimalha adornam embrexados e que teve outr'ora por brasão uma caveira, dá entrada para um adro oblongo e irregular, mas summamente gracioso pelos arvoredos que o circundam, e assombram, e pelas capellas e ermida que o povoam.

No extremo aonde o adro mais alarga, é esta edificada, e consta d'um oratorio sextavado, o qual se prolonga em casa de habitação, um pouco melhor que as outras ermidas da matta. O frontispicio do oratorio contém um airoso portal no alto de seis degráos, ornado de florões e pyramides d'embrexado, que rodeam um escudo com os instrumentos da paixão. Arcos

d'embrexado preto e branco sobre larga cinta d'embrexado negro animam as paredes do oratorio e da ermida O oratorio ergue-se em cupula elegante, que ao longe figura uma torrinha de pequeno baluarte. No cubiculo da ermida por debaixo d'uma cruz d'embrexado, lê-se o seguinte:

Fac, cum vocante somno
Castum petis cubile,
Frontem locum que cordis
Crucis figura signet.
Crux pellit omne malum,
Fugiunt crucem tenebræ,
Tali dicata signo
Mens fluctuare nescit.

Á esquerda do portal do oratorio abre-se uma portinha para um estreito eirado, que vai orlando o edificio da banda do N. e do poente até findar com mais alguma largura sobre uma cisterna insignificante. Ahi se recolhiam as aguas do telhado, com que o ermitão regava as flores de alguns alegretes, os quaes ainda se conservam. O eirado é defendido por largas ameias ponteagudas nas imminencias do penhasco, o que mais concorre a figurar ao longe esta mansão de silencio e de paz como casa d'armas d'outras eras.

Junto d'estas ameias, para qualquer dos lados que a vista se estenda, que rico painel de majestade e for-

mosura! Sobre nossas cabeças o céo sereno e puro, o ar leve e fresco da montanha, o rochedo a nossos pés cortado a prumo e tão dependurado, que mal póde olhar-se para baixo, sem que tremam os joelhos e a vista se perturbe, e a cuja raiz apenas correspondem as cimas da floresta; ao nascente as cumiadas da Estrella, ao norte os pinaculos do Caramulo e as serras, que se estendem parallellas para o Douro, ao poente o Atlantico: e dentro d'estes limites um vasto territorio semeado de mil diversas povoações, collinas e arneiros fertilissimos; e aqui mesmo, pegado com o rochedo, extenso lago d'empoladas ondas de verdura, que se movem de continuo, figurando o oceano em dia de procella, e levando até ao retiro do calvario o surdo burburinho de suas vagas longinquas! O viajante que no labyrintho da matta ainda ha pouco pasmava da enorme elevação dos cedros e carvalhos, attonito de vêr sumirem-se entre as nuvens do céo as suas cristas magestosas, agora sobranceiro a todas ellas, apenas divisa, lá em baixo, a consideravel distancia do calvario, os cedros colossaes, os carvalhos e pinheiros seculares, que seus ramos superiores entrelaçam e apertam.

Aqui no silencio da solidão sagrada, estendendo a vista pelo bosque, pelas serras, pelos valles, abrangendo em um momento terra, mar e céo, quam diversos e encontrados pensamentos não se elevam do espirito dos visitadores do calvario! Os pais, a patria, as ligações dos primeiros annos, a religião, a politica,

os costumes tem tanta influencia sobre nosso coração, que tentar tamanho dédalo d'affectos e sentimentos seria não pequeno erro e presumpção. Quem haverá, que discorrendo n'este doce remanso da existencia sobre o seu passado e o seu provir, possa traçar um quadro sempre igual de paixões e d'opiniões? Rapida se esvae a primavera dos annos, e com ella os encantos imaginarios do futuro; ambições e cuidados lhe succedem. N'aquella doce quadra da vida o bosque, as montanhas, as campinas, o oceano, tudo vive, tudo para nós tem alma, que o fogo, que nos consome o coração, lhe communica. E por ventura d'estes dias tão risonhos o estio da vida recolhe sasonados fructos? os sonhos da mocidade vê-os elle muitas vezes realisados?—Corramos o véo sobre a sorte dos homens; escusemos de rasgar feridas insanaveis, respondendo. Só tú, ó religião, cujos pensamentos celestes d'este mundo falso e grosseiro se elevam á mansão do Creador, aonde o verdadeiro amor, a paz e a ventura sempiterna o justo galardoam; só tu, moderadora do fogo das paixões, conselheira fiel nas crises da vida, podes inspirar no calvario do Bussaco sentimentos condignos de filhos d'Aquelle, que sobre o temeroso Golgotha em sacrificio expiatorio pelos homens se offereceo; cuja vida, humilde e retirada em seu começo, e no cabo toda entregue a doutrinar e a bemfazer, a padecer e a soffrer, é a lição mais expressiva para a vaidade e corrupção dos mesmos homens.

Mas o calvario do Bussaco não é uma representação do Golgotha? a sua vista por si só não é bastante a desterrar do pensamento imaginações da terra, sonhos da mocidade? Não... Sobre desenho da montanha dos supplicios não foi traçado o calvario do Bussaco; e o viajante que attentamente não prescrutasse o interior das capellas mui fechadas, por certo ignoraria o seu nome e destino, se isto fôra possivel no Bussaco.

Elevado outeiro escabroso e arido; nenhuma verdura por todo elle; em poucos sitios rasteira relva e desbotada; o resto arêa e pedras soltas, penhascos nús; alguma oliveira negra, esteril, que ahi definha, ha seculos; monte, do qual o homem affasta a morada, porquc a morte soffrega ali signaes de vida não consente; monte, que, desde que o sol se esconde, o viajante evita, porque o pavor só lhe mostra a qualquer lado fantasmas erguidos do pó dos tumulos; e nenhum outro som ahi se escuta além dos guinchos d'ave nocturna; eis o Golgotha, se a imaginação nos não illude.

Erguei-lhe sobre o cume tres informes cruzes. D'arte nada mais. A do meio, superior ás outras, colossal, projectando-se aos ares em horisonte livre, que pareça prender o céo com a terra; que ao longe se aviste e para além d'ella o céo, e só o céo; e nós ousamol-o affirmar, nenhum philosopho christão, nenhuma alma grande e nobre, votaria a preferencia para o calvario do Bussaco.

Bem differente d'esta figura severa, mas exacta,

no adro do calvario nenhumas cruzes se elevam, nem alguns vestigios restam de que fossem arrancadas e o sitio com a sombra de frescos arvoredos, com a verde alcatifa dos musgos, e com a fórma elegante da capella sextavada, é tão ameno e risonho, que nenhum temos encontrado mais appetitoso do que este para gosar em sociedade escolhida um dia de campo, ao ar livre, com innocentes passatempos.

Mas perdão para os bemfeitores do Bussaco; outras eras, differentes ideias e costumes! O veneravel prelado, que lhes legou esta obra, os ermitões que d'elle a receberam, tinham virtudes mais solidas, religião mais pura e fervorosa, que a dos nossos dias tormentosos. Para se representarem o Golgotha, para trazerem de continuo ao pensamento os mysterios da cruz, por certo que não careciam de quadros tão animados e vivos, como para nós são mister. Um nome lhes bastava; e este nome só, em voz baixa e humilde em voz do Eterno só ouvida, pronunciado após longa jornada pela via-sagrada sob o pezo d'uma cruz, removia de seus espiritos a mais leve impressão d'estranho pensamento.

Tarde viemos: esses dias tinham passado; o mosteiro era deserto, as ermidas abandonadas; e pela via-dolorosa já o musgo os vestigios encobrira mui trilhados das sandalias penitentes. Que nos restava? ai! vergonha é confessal-o, alguns pensamentos da religião de nossos pais, no seio d'alma sim gravados in-

delevelmente, mas frouxos e amortecidos com o halito do seculo;—mesquinhos e rudes paineis da infancia da arte nas capellas dos passos;—de grande e sublime só a natureza,—estes cedros, este mar de verdura, este horisonte infinito, este contraste d'um grande silencio, d'uma solidão sagrada com o estrepitoso conflicto dos homens, com a penosa effervescencia do nosso proprio coração! Encontramos sim o mesmo nome, mas um nome para nós já não bastava; no calvario do Bussaco meditamos, mas já o infando supplicio quasi nos não veio ao pensamento! O ermo e o seculo, a força e a fraqueza, a religião e as paixões da juventude em nosso espirito se confundiram.

Tambem tu, ó harmonioso cantor do Bussaco, ó amigo e companheiro nas jornadas do calvario, tambem tu, temperando a lyra sobre as ameias do penhasco, quizeste entoar sómente um hymno ao Salvador, soltar um gemido do peito amargurado pelas scenas do deicidio; e a lyra vacillou, e a voz tremeo, e o céo e a terra, e Deos e o homem, e o forte e o fraco, em teu canto ouviram-se de mistura.

AMOR

No calvario da Santa Cruz do Bussaco em uma tarde de outono.

Nous vimes, étonnés et tombant á genoux,
Des cédres du Liban la grande ombre sous nous.

A. de Lamartine.

QUERO ir ás cumiadas da montanha
Vêr nos prainos atlanticos sumir-se
O astro, rei do universo;
Quero ir dar uma lagrima á saudade,
Outra lagrima a Deos no altar marmoreo
Da selva sacro-santa.

O BUSSACO

ém foi que assim te ergueu, padrão do Eterno,
Surgindo magestoso d'entre as cupulas
D'altos, annosos cedros,
Como das crespas ondas se alevanta
Rochedo colossal c'o pé no abysmo,
E c'o a fronte nas nuvens?

Os olhos dos mortaes condão tamanho
Não tem, que decortine os longos tractos,
Que o penedo avassala:
—As serras sobre as serras se encadeiam,
As varzeas sobre as varzeas;—e o oceano
C'o infinito se ajunta.

Rio de ignobil feudo ao longe assoma;
—Eil-o caudal mais perto;—e outra vez longe,
Pujante e assoberbado
Lá corre entre campinas e montanhas;
E além, braço de mar, do mar c'o a furia
Ao pelago se arroja.

A branca nuvem que tempéra a calma,
E a nuvem tempestuosa que ameaça
Soltar no raio a morte,
Antes que riso, ou luto á terra mandem,
Vem primeiro, pousando-te nas fraldas,
Render-te vassalagem.

Templo singelo d'embrechados toscos
Resguarda a effigie do encarnado Verbo
No cume do penhasco.
—Um passo ávante:—e a imagem do Deos vivo
Iria c'o Deus vivo lá juntar-se
No estancia sempiterna.

—Em pé sobre as ameias da varanda,
Que circundam a ermida penitente
E o templo sacro-santo,
Sobranceiro aos imperios imagino
C'os olhos vêr as métas do universo,
C'o as mãos tocar os astros.

Nas orlas roxeadas do horisonte,
Entre vapor diafano e purpureo,
Pende a alampada d'oiro:
Tolda a sombra da noite o mundo em roda;
E o fulgor semi-vivo inda aqui brilha
Na alevantada penha.

O vago estrondo d'homens, que reflecte
Os echos do universo, a pouco e pouco
Vai dormindo e calando-se:
De espaço a espaço apenas lá se escuta
Aqui e alli nos bastos campanarios
Troar o bronze santo.

O murmurio longinquo do oceano,
O rouco e triste sussurrar dos ventos,
Os echos semi-mortos,
E os sons do bronze augusto aqui reflectem
Uma harmonia mystica e solemne,
Um hymno de piedade!

Quem ha' hi tão devasso pela terra,
Que a cerviz n'essa hora não abata,
Nem sinta pelo peito
Tremor involuntario, quando escuta
Do dia ao fenecer lembrar-lhe o bronze
A existencia do Eterno?

Quem ha' hi tão soberbo pelo orbe,
Que, subindo ao oiteiro myst'rioso,
Ao alto do penhasco,
Vendo o dia a morrer, e a orar o mundo,
Lá mesmo sobranceiro á natureza,
Não cáia aos pés do Nume?

Dobre-se humilde o joelho:
Toquem os labios o chão:
Rebente do intimo seio
A fervorosa oração.

O dia, o dia é já morto:
A noite é triste e sombria:
Toldam-se os campos e a selva
De negra melancolia.

Ás galas succéde o lucto,
Á calma o sopro do norte,
Á doce imagem da vida
A feia imagem da morte.

E agora larvas medonhas,
Ou espectros colossaes
Parecem os troncos negros
Das arvores desiguaes.

E agora as folhas do outono,
Que rolam seccas no chão,
Um tremor involuntario
Infundem no coração.

E agora attento o ouvido
Parece estar escutando
Uns passos mysteriosos
O fôfo musgo calcando.

E agora em preces ignotas,
N'uma longinqua harmonia
Clara sôa das esféras
A mystica melodia,

E agora o labio contráe-se,
E a voz no peito se aninha,
E o pensamento sublime
Para o Eterno caminha.

Dobre-se humilde o joelho:
Toquem os labios o chão:
Rebente do intimo seio
A fervorosa oração.

Porque entristece a minha alma
Da noite o véo tenebroso?
Porque nutro á flor da vida
Um presentir amargoso?..

Lá ouvi na rocha esguia,
Que tolda o cume do outeiro
Piar com brado medonho
O triste mocho agoireiro.

E na arpa intima do peito
A bronzea corda mais forte
Com som pezado e funéreo
Responde ao echo da morte.

E o mocho torna a piar,
Torna o peito a estremecer;
E os sons, que juntos brotáram,
Tornam juntos a morrer.

E ao longe os echos repetem
Pela vasta penedia
O infausto som, que arremeda
O suspirar da agonia.

E a alma tornou-se mais triste
C'o triste brado agoireiro:
—Serás tu, ave da noite,
Das campas o mensageiro?

Acaso o Eterno correra
A minha pagina d'oiro,
E da pagina de chumbo
Vens tu trazer-me o agoiro?

Ou tens, ó filho da morte!
Como os homens sensação,
E esse grito como os nossos
Foi um ai do coração?

Não geme tudo o que vive
Nas turbas, ou no retiro?
Não formam os sons da terra
Um longo e vasto suspiro?

Não vão de esfera em esfera
Os ais do orbe mortal
Levar de Deos ao ouvido
Uma prece universal?

Dobre-se humilde o joelho:
Toquem os labios o chão:
Rebente do intimo seio
A fervorosa oração.

O derradeiro... quem sabe?..
O derradeiro serás
Brado de mysticas preces,
Que do labio brotarás?

Quando ámanhã no oriente
A luz e o sol forem nados,
Serão já cegos meus olhos
Com o negro pó dos finados?

Este bronze, que ora trôa
Sons de piedosa ternura,
Troar subito não póde
As preces da sepultura?

O labio, que ria ha pouco,
Não está ora a tremer?
E riso e lucto não podem
N'um instante fenecer?

E esta alma, que anima ufana
Um corpo vivo e feliz,
Não póde cahir de subito
Aos pés do eterno juiz?..

Dobre-se humilde o joelho:
Toquem os labios o chão:
Rebente do intimo seio
A fervorosa oração.

Ensurdece a pouco e pouco
Da terra o echo perenne;
Dorme agora a natureza
Em somno triste e solemne.

E agora o justo descança
Longe do crime e do erro,
Em quanto dextras sacrilegas
Empunham buído ferro.

E o salteador e o devasso,
E o impio e o libertino
Lá vão nas trevas crusar-se
Com o punhal do assassino.

E lá se juntam aos echos
Da mystica melodia
O blasfemar do perverso
E os arrancos da agonia.

—Mais uma prece, meu Deos!
O ultimo echo do serro;
—Uma prece pela victima,
Outra prece pelo erro.

Dobre-se humilde o joelho:
Toquem os labios o chão:
Rebente do intimo seio
A fervorosa oração.

Que meigo som fagueiro e saudosissimo
Pelo ouvido troou do solitario
No cume da montanha!?
Porque em vez da harpa mystica e sagrada
Agora empunha o vate a lyra d'ouro,
Cantora de ternuras?

Hora solemne, recolhida e casta,
Não inspiras tu n'alma co'a piedade
Um não sei que de meigo?
Ao mystico troar do bronze santo
Não se casa o gorgeio harmonioso
Da philomela triste?

O vento, que sussura pelo bosque,
Não me traz c'o murmurio magestoso
O balsamo das flores?
E o echo, que reflecte o uivar das ondas,
Não reflecte tambem os sons fagueiros
Das pastorís avênas?

Ha hi alguem n'essa hora, que não sinta
A par da religião brotar do seio

Mais outro sentimento,
Um sentimento interno e saudosissimo,
Um brado melancolico e suave,
Um hymno de ternura?

Olhos, que se alevantam para as nuvens
A saudar no reflexo derradeiro
A Omnipotencia eterna,
Ora não descerão á natureza,
Em busca d'um retrato meigo e casto
Das bellezas celestes!

O coração porque geme?
O labio porque suspira?
Porque resvala uma lagrima
Por entre as cordas da lyra?..

Correi, correi-me á memoria
Horas de gala e de amor;
Suavise-me o deserto
Das saudades o amargor.

Um hymno, um hymno á ternura:
Um hymno á religião:
Cazem-se o amor e a piedade
Nas entranhas do christão.

Como a noite é socegada!
Como é doce a natureza!
N'estas horas de bonança
Como é suave a tristeza!

Jehovah! que em taes instantes
Derramas por esse mundo
Uma fagueira ternura,
Um sentimento profundo:

Jehovah! que ao pego mandas
Beijar da praia as areias,
E o som do beijo conduzes
Em torno d'estas ameias:

Jehovah! que á philomela
Doce mandas gorgear;
E impões ás fontes e á brisa
O condão de suspirar:

Quando na sexta manhã
O pai dos homens formaste,
E rei do mundo e ditoso
No Eden o collocaste;

E lhe disseste, outorgando-lhe
Formosa dadiva qu'rida:
"De tua carne eis a carne,
"E a vida da tua vida;"

E ao lado assim lh'a pozeste,
Casta e gentil e sem véo,
Representando em seus olhos
As formosuras do céo:

—Foi por ventura a tal hora?
Cahia o sol no occidente?
Auras e vagas como estas
Suspiravam docemente?

E ficou por todo o sempre
Maviosa a natureza
N'estas horas saudosissimas
De devoção e tristeza?..

Um hymno, um hymno á ternura:
Um hymno á religião:
Cazem-se o amor e a piedade
Nas entranhas do christão.

Se alguem que a chave guardasse
Do peito do solitario,
A mão do Eterno trouxera
Da montanha ao sanctuario:

Se transcendendo as distancias,
Pela selva penetrando,
C'a tenra planta viera
As folhas seccas calcando:

E cançado, arfando o seio,
Pelo halito embalsamado
Seu dizer manasse a custo
De medo e gosto cortado.

E as mãos nevadas e castas,
E os olhos grandes e bellos,
E a face linda e rosada,
E os longos, finos cabellos;

Tudo subito surgisse,
Como celeste visão;
E os olhos a comtemplassem,
Como a vê o coração;

E a dextra á dextra colada,
E um junto d'outro sentado,
Os olhos ambos erguessem
Ao firmamento estrellado;

E de insolita harmonia
Tremendo as cordas da lyra,
Tais sons á brisa juntassem,
Que em torno adeja e suspira:

"Um hymno, um hymno á ternura:
"Um hymno á religião:
"Cazem-se o amor e a piedade
"Nas entranhas do christão..."

Que sentimento lobrego e pesado
Me faz calar os hymnos saudosissimos
Da lyra harmoniosa ! ?
Porque vens, ó Archanjo dos sepulchros,
Carrancudo trazer-me a harpa de bronze,
Cantora d'ais e luctos?

Já da montanha os echos não repetem
Os cantos e a oração do solitario;
Morreu, calou-se tudo. . .
Tambem hão de morrer belleza e graças,
E ha de a loisa fatal do esquecimento
Cobrir cinzas e lagrimas:

E este rochedo, insultador dos seculos,
Submergirá nas ondas do oceano
Os suspiros do vate.
—E um dia mais,—nem ondas, nem rochedo.
—Tudo é facticio, tudo é vão no mundo,
E só real a morte.

Santa Cruz do Bussaco—7 de Setembro de 1838.

Visconde de Gouvêa.

V

AS ERMIDAS DO SEPULCRO E DE S. JOÃO

Horror que recolhe o entendimento provoca devação, e convida o espirito a desprezar a terra, buscar e penetrar as estrellas de que se acha visinho, e não descançar, senão com o senhor d'ellas.

Fr. Luiz de Sousa.

SEPULCRO! Quem tão leviano e inconsiderado ha ahi por esse mundo, que não trema topando com a tumba dos finados? Quem ha ahi tão impio e tão corrupto, que não estremeça, resoando a seus ouvidos, —morte—sepultura—eternidade?—Sepulcro, que voz aterradora!—Embora aquelle, em que descançam as frias cinzas do homem, a quem os outros homens appellidaram justo, só venha á nossa ideia; que talvez o Eterno com elles não julgasse! Embora a sepultura, que deu jazida ao Salvador, só a memoria nos recorde, ou a imagem nos figure; porque d'envolta salteam o pensamento nefanda ingratidão, contraste horrivel, penosa conta difficillima!

A terra tremeu; as montanhas se abalaram; o sol escureceu-se; rasgou-se d'alto abaixo o véo do templo n'esse espantoso instante, em que tudo *se consummou*. Então que a perversidade triumphante campeava, homens pios não recearam amostrar-se ante os olhos do Proconsul, como amigos e discipulos do Crucificado. Munidos de licença, desceram da cruz o corpo sacro-santo, e ao sepulcro o conduziram. O pasmo e o pavor, a desolação e a mais profunda soledade circumdáram o mausoleu: uns tudo n'elle tinham perdido, filho unico, estimadissimo e nenhum mais digno de o ser; amigo e mestre, carinhoso, optimo sobre todos os amigos e sobre todos os mestres; consolador dos afflictos, ajudador dos pobres, refugio dos desgraçados! —Outros desde já experimentavam o enorme pezo do deicidio, o sangue do justo derramado sobre suas criminosas cabeças, e a espada e o fogo dos romanos vingando sobre a patria ingrata sua impiedade e crueldade. Ao tumultuar dos homens, ao vozear das turbas, ao deshonesto bramir das ferocissimas cohortes, ás imprecações e blasfemias, succedera em Jerusalem profundissimo silencio. Envergonhados de si mesmos os accusadores e o juiz occultavam-se; e o povo recolhia-se batendo nos peitos, e chorando a morte do justo, que em sua inconstancia haviam acclamado e adorado, perseguido e crucificado! e no interior do cenaculo a mais afflicta das mães em seu coração trespassado e retalhado conferia com a mais pungente dôr as

profecias do velho Simeão e a horrivel tragedia d'este dia!

Não, agora ninguem nos crimine de criticarmos os bemfeitores do Bussaco: o sepulcro satisfaz plenamente o que a imaginação nos figurara. Do calvario a sudoeste lá se enxerga uma ermida penitente, que das broncas penedias e brenhas inhospitas que a rodeam, apenas se distingue. Rochedos sobre rochedos, ennegrecidos não só pelos seculos, mas por um sombrio vestuario de rasteirissimos musgos, queimados do sol, ahi se elevam: nenhuns cedros pomposos, nenhuns majestosos carvalhos; apenas arbustos rasteiros e humildes.

Do calvario sobem-se alguns degráos, já trepando aos rochedos. Encontra-se escondida entre elles a ultima capella dos passos. Continua-se por um estreito e tortuoso carreiro, aberto na rocha; entra-se em um recinto circuitado por um muro de pouca altura, como os penedos ennegrecido, o qual, figurando a cêrca da ermida, prosegue sobre elles, e fecha pelo lado opposto; na frente a portinha e parede da ermida tão sobrecarregada de escuros e informes embrexados, que como que parece ser talhada da propria materia d'aquellas brenhas melancolicas.

Dentro um corredor tão estreito, baixo e atravancado pelo rochedo superior, que mal póde ahi mover-se o viajante: oratorio e cozinha em tudo irmãos: pelas costas pequeno mirante sobre uma cisterna, do-

minando o calvario, a matta, o mosteiro, e grande parte do horisonte do calvario: descendo do mirante, cavernas pelo rochedo, urzes, arbustos sem galas de verdura, uma natureza bravia e selvatica. Todas estas visinhanças parece que formaram lá em outras eras uma só rocha colossal, como a base do calvario, e que ao depois abaladas, quebradas e arrojadas por força de vulcão, pararam aqui e acolá em enormes penedias, umas solitarias, outras pousadas sobre outras, aquellas figurando a base de columnas, estas formando arcos naturaes, pelos quaes o viajante vai passando não sem medo, que desabem. Tudo no sepulcro e nas suas visinhanças para além do calvario imprime na alma um desusado sobresalto; tudo recorda successo espantoso, medonha catastrophe; e o espirito em balde se esquivará, que a tragedia do Golgotha traçar-se-ha toda em seu captivo pensamento. Difficil é demorar no sepulcro; custoso lá subir: sobejas vezes temos estado no calvario, sem que nos atravessemos a visitar a ermida dos rochedos: como que houveramos mister de outra fé mais viva, d'outra vida menos turvada, d'um coração todo entregue ao Creador, para pizar sem temor o abrigo do penitente solitario!

Além d'este conhecemos ainda um outro sitio no Bussaco, classico em aspereza de local, tristeza d'arvoredos, escalvado de penedos, e mais ainda que o sepulcro em inteira solidão, no qual a penitencia se esme-

rou em levantar uma condigna mansão. É a ermida de S. João, como o sepulcro entalada entre penhascos, desacompanhada de verdura e fresquidão, rodeada de pequenas arvores tostadas, meio seccas, urzes e plantas espinhosas: a sua cêrca tambem só comprehende brenhas e rochedos, entre os quaes o ermitão mal podia cultivar algumas flores: da parte inferior, escadarias para o mais intimo da matta, um labyrintho tristonho e abafado, sem rua proxima que consinta passeio desafogado; cova sepulcral por debaixo da ermida, para a qual desce do cubiculo uma escada em caracol. Em sitio tão funebre, a tamanha distancia do mosteiro, tão longe do povoado, tremem os joelhos, palpita mais forte o coração, uma força estranha como que retrahe; quando, descidos alguns degráos, a escuridade da caverna, que servia ao solitario de cozinha, ou antes de sepultura na vida, se apresenta ao viajante.

Mas aonde é a ermida?—Em vão do campanario do mosteiro pela encosta acima da montanha os olhos se estendem, inquirindo-a: embora da ermida do sepulcro, das ameias do calvario pelas cimas do arvoredo desça a vista até ao valle de S. Silvestre; embora cruzem a floresta do N. para o S., de leste para o occaso; que a ermida lá existe, mas ninguem enxerga aonde: nem o solitario o poderia d'alli denunciar, salvo se alguma nuvem mysteriosa, subindo de entre as arvores, trahisse o seu asylo. Aonde é a ermida?—Em

vão o perguntais, que o não diremos; por ventura que algum dia sobre nós recahiria horrivel maldição se o misero proscripto, (como outros que ha annos lá se acoutaram contra as iras d'um seculo intolerante) por nós atraiçoado n'estas paginas, ahi fosse surprehendido.

VI

A CRUZ ALTA E A VOLTA PARA O MOSTEIRO

Et la mer et le ciel fondus à l'horison,
Trompant en s'unissant les yeux et la raison,
Semblaient un océan circulaire et sans plages
Où nageaient le soleil, les monts, et les nuages.

A. de Lamartine.

As formosuras do Bussaco ainda não terminam no erguido cume do sepulcro; a cruz alta ninguem ha que a não visite. Sobre o muro da clausura, no ponto preciso, em que a serra, elevada á sua maior altura, sobre Luso começa d'inclinar-se, á vista dos campos do Mondego, acolá para onde todos, d'estes nossos sitios, apontamos sem errar, uma grande cruz de cantaria [1] sobre largos degráos em pequena base, defen-

[1] É tradição que certo piloto em signal de devoção, ou antes em cumprimento de voto, lá n'outras eras remotissimas, uma cruz de madeira n'este sitio eregira. Em 1645 um raio a desarvorou; o que sendo sabido pelo insigne bemfeitor do mosteiro, Saldanha, mandou este reformal-a, como se conserva. A 14 de Setembro de 1648, dia

dida por um encosto baixo, mostra-se no alto, semelhante a farol de salvação para o navegante; e domina dos montes de Grijó até o cabo Mondego, das serras de Castello Rodrigo ás de Minde, e alguns dizem que ás de Marvão a quarenta legoas. [1]

Terras de sete bispados, serras afamadas, um sem numero de pontos nomeados, cidades, villas e aldeias, outeiros, colinas, campos e arneiros, vinhas e prados sem conto, o placido Mondego, o Vouga e mil outros mais humildes, estendem-se em vastissimo painel diante da cruz alta; e se exceptuarmos a Estrella e o Caramulo, e as sombras d'outras grandes serranias, que pelos confins do horisonte com as nuvens se entre-

em que a Igreja celebra a exaltação da Santa Cruz, collocou-se a cruz de cantaria.

Diz a Chronica, que lhe gravaram na base as duas letras mysteriosas —alpha e ómega, como dizendo que das obras do Bussaco a cruz era o começo e o remate. O conde da Ericeira, D. Fernando de Menezes, parente de Saldanha, visitando estas alturas, compoz a seguinte inscripção, que devêra conservar a memoria do reconstructor da Cruz alta:

Ecce coronatus Cruce mons ut in apice summo
Esset eremitis digna thiara suis.
Emmanuel posuit Saldanius atque dicavit
Et simul æternum pignus amore suo.

A aste da cruz, logo por baixo dos braços, está rachada, e ameaça proxima ruina.

[1] Chron. L. 1. C. 14.

meam, todo este territorio, variado em tantas e tamanhas ondulações representa como uma só campina rasa e continuada pelos prainos infinitos do oceano. Esta é a mais saliente caracteristica do logar que descrevemos; este contraste com a verdade causa ahi a impressão mais profunda e duradoura. Somos tamanhos n'este sitio; essas grandezas que lá em baixo tanto a nossos proprios olhos nos fazem pequenos e abatidos, são agora tão distantes, tanto além de nossos pés, que é mister ser insensivel para não experimentar uma viva commoção, para não descer com saudade os degráos da cruz alta.

N'este logar a floresta, menos povoada d'arvoredo, por ser na cumiada da serra, continúa deixando aqui e acolá largas clareiras de matto, e ao depois desce para leste a embrenhar-se de novo no labyrinto dos cedros e carvalhos. Uma estrada conduz á porta de Sulla; outras descem ás ermidas de Nossa Senhora da Conceição e de S. Miguel; as quaes, situadas em recintos de verdissimo arvoredo de leve folhagem recortada, acima do qual pairam pelos céos os ramos dos cedros e carvalhos, estão uma da outra separadas por uma rua perfeitamente alinhada d'alto a baixo pela encosta, e bordada de grande numero de cedros, que pela mesma mão e ao mesmo tempo parecem haver sido plantados. Ao diante encontram-se as hortas e o formoso tanque, que na primeira parte mencionamos.

Somos pegados com o mosteiro; estes sitios já nos

são conhecidos: e se quizessemos ainda investigar curiosamente a situação d'outras ermidas e das multiplicadas fontes do Bussaco, cançariamos o leitor, repetindo maravilhas do ermo, verduras do arvoredo e fresquidão de suas sombras.

VII

COMEÇO DA HISTORIA DO BUSSACO: O SEU NOME E FUNDAÇÃO

Como abraço materno era suave
A aragem fresca do cahir das trevas,
Em quanto involta em gloria a clara lua
Sumia em seu fulgor milhões d'estrellas.

Harpa do Crente.

Depois de termos visto e curiosamente examinado quanto havemos dito do Bussaco, é bem de acreditar, que vivamente desejassemos alguma informação da sua origem, e noticia da vida dos ermitões, que tantos monumentos de piedade e uma fama tanto ao longe divulgada de sobejo nos inculcavam por extremo rigorosa e penitente. Emfim chegou o dia.

Era Agosto: depois de divagarmos longo tempo pela matta, voltavamos cerca da noite para o mosteiro; alguem lembrou descançarmos um momento junto do tanque; accedemos de boa vontade, e assentamo-nos junto á fonte d'um e d'outro lado. Este sitio, de que já em outra parte fizemos breve menção, n'essa hora

estava formosissimo. A lua prateava as ameias do calvario, e os seus raios brandos e suaves estendiam-se pela cumiada da montanha, pelas cimas do arvoredo e pelo campanario do mosteiro: no occidente fogos incendidos annunciavam um dia mais ardente: os sinos do mosteiro desenhavam-se nos céos, e os vapores da noite faziam que sobre os ares por mão invisivel parecessem sustentados. O silencio da solidão, o correr da fonte, o susurro das arvores, o clarão melancolico da lua, as lembranças do passado, as circumstancias do presente e as incertezas do porvir, formavam um harmonioso concerto de mil diversas idêas em nosso pensamento.

"Tudo são mysterios no Bussaco, alguem exclamou! a montanha, a matta, os cedros, a via-dolorosa, as ermidas e o mesmo nome de Bussaco! Que quer dizer esta palavra?"

Findava, quando um veneravel ancião, que largos annos passára pelo ermo, e ainda ahi existia, subiu das hortas, cuja cultura era o seu unico recreio, a unir-se comnosco.

"Fomos-lhe ao encontro. — Que quer dizer, Bussaco? Dizei-nos a razão d'esta palavra: contai-nos a historia d'estes sitios, a vida dos solitarios: instrui-nos com a vossa lição e experiencia.

"Com muito gosto satisfarei a vossa curiosidade, respondeu-nos: falla-se do meu deserto, é desde longos annos a minha patria adoptiva; tudo quanto lhe interessa, me penetra o coração.

"Estas mattas, que estaes vendo, salvo os cedros, não foram plantadas pelos nossos ermitões; datam de maior antiguidade: e como para retiro do mundo poucos sitios haverá tão azados, como ellas, muito antes da fundação do mosteiro já por qui havia ermidas e estações de penitencia. É fama, que n'essas eras remotissimas um velho d'estatura nobre, de rosto affavel e coração caridoso, que morava em uma d'essas aldeias, lá em baixo, deixava amiudadas vezes o povoado para embrenhar-se por muitos dias no deserto. Quando voltava, seu passeio era mais leste, mais animadas suas feições, mais benefico o seu animo.—Bem vindo, amigo; —lhe diziam os visinhos—parece que remoçaste! Que tem a vossa matta, que assim vos leva tantos annos?" —D'aquelle monte *saco-bus*—unicas palavras mysteriosas, que o velho em tom grave e respeitoso proferia, como de quem do seio do coração as arrancava, grato e compungido.

"Depois da sua morte choravam-no pobres e enfermos; o perverso tremia, e sentia o coração palpitarlhe accelerado, quando olhava para a matta; como que entrevia as cans do velho da montanha, que descia a reprehendel-o, e moderal-o; os fieis canonisavam-no; e

as mães encommendavam-lhe a sorte de seus filhos. Muitas vezes, nas longas noites de Janeiro, na choupana humilde, em roda da fogueira, algum dos anciões recontava a virtude e santidade do ermitão, cuja historia com as galas do milagre, como é d'uso, adereçava. Os pais aos filhos, os filhos aos netos, uns e outros transmitiam-na a estranhos; e com ella foi tomando esta serra o nome das palavras, que o santo velho repetia,—*saco-bus*, invertidas em bus-saco. [1]

"De nossa origem muito podera relatar-vos, mas para isso fallece-nos o tempo, que a noite já vae adiantada. Dir-vos-hei o principal. O primeiro instituto da

[1] Preferimos esta a outras etymologias não por que seja mais fundamentada, mas porque nenhuma outra o é melhor, e esta não é mais inverosimil. A Benedictina lusitana deriva o nome de Bussaco da gruta de Sublaco, em que S. Bento fazia penitencia, persuadindo-se que os Monges do grande mosteiro Bubulense, a quem primeiramente pertencera esta matta, lhe deram o mesmo nome, ou outro similhante, que o tempo converteu em Bussaco, em memoria do deserto que o seu Patriarcha com tantas virtudes santificára. Assim o entendeu D. B. F. de Lacerda:—

En aquellos siglos de oro,
Y venturosas edades,
(Qual el de Lacio) Sublaco
Solia el monte llamar-se, etc.

Sobre estas e outras differentes opiniões vêde a Chron. dos Carm. descalços—L. 4. C. 18.

ordem do Carmo era só contemplativo. Nossas Chronicas remontam o seu principio, ainda além do Christianismo, na lei antiga aos prophetas, discipulos d'Elias e d'Eliseu, que habitavam solitarios as cavernas do Carmelo. No seculo XIII o Papa Innocencio IV chamou-nos ao serviço do pulpito e confessionario, sem que por isso abandonassemos inteiramente a vida contemplativa. Ao diante, perdido em grande parte o fervor primittivo, e authorisado o allivio de muitos rigores, succedeu-lhe, como é de crêr da fraqueza humana, a relaxação. A este mal trouxe cura o animo pio e grandioso de N. M. St.ª Thereza, que no seculo XVI reformou e restituiu ao seu primeiro lustre a ordem carmelitana sem quebra dos serviços, que a Igreja recebia. Correu o tempo; e com elle veio a experiencia de quão difficil era cultivar a vida eremitica, sem que para esse fim houvesse casas exclusivamente destinadas. O V. Fr. Thomaz de Jesus propoz e obteve que se instituissem estes mosteiros no anno de 1628.

"Houve de ter por conseguinte cada provincia uma casa de solidão e penitencia, aonde os religiosos em retiro e silencio absoluto imitassem os exemplos dos antigos eremitas. Assim, apenas no mesmo anno a provincia de Portugal se desmembrou da de Castella, cuidou logo a piedade portugueza em procurar-nos um logar adequado para deserto. Regeitaram-se, umas por mingua d'aguas e arvoredos, outras por muito avisinhadas, differentes serras, como a de Cintra e de

Miranda, até que finalmente o bispo conde D. João de Mello, nos deu estas mattas. [1]

"Apressaram-se nossos padres em engrandecer e acceitar offerta tão primorosa: e como quer que lhe faltassem todos os meios para abrir estradas, fechar a clausura, e edificar mosteiro, confiados n'aquelle Senhor que póde tudo, enviaram d'Aveiro para o Bussaco os padres fr. Thomaz de S. Cyrillo e fr. João Baptista, e o irmão Alberto da Virgem, tão ricos de virtudes como pobres de mantimentos, roupas e dinheiro; pois o seu inxoval não era mais, que um cobertor para cada um, uma canastra de sardinhas para meza, e dez cruzados em moeda! Mas como lhe haveria de faltar o auxilio de quem na obra tinha toda a parte?.. Cresceu com rapidez: augmentou-se a pequena, mas fervorosa communidade. A 7 d'Agosto lançou-se a primeira pedra do mosteiro: a 28 de Fevereiro do anno seguinte já o Santissimo pôde ser venerado na casa da livraria, que por então ficou servindo d'Igreja; e a 19 de Março de 1630, em que se festeja o patrocinio de S. José, concluida a maior parte dos trabalhos, teve principio a completa observancia do instituto." [2]

[1] Junto da portaria do mosteiro, em frente da hospedaria, ainda hoje se conservam os ultimos restos d'um grosso tronco carcomido, de carvalho formosissimo, a cuja sombra é tradição, que se acoutaram para passar a noite os padres, que vieram de Coimbra visitar o deserto, que o venerado prelado lhes acabava de conceder.

[2] A miuda relação d'estes successos lê-se na Chronica dos Carmelitas descalços no liv. cit.

VIII

CONTINUAÇÃO.

A VIDA DO MOSTEIRO

E' do deserto a historia a cruz e a campa;
E sobre tudo o mais pousa o silencio.

Harpa do Crente.

Sobeja curiosidade nos ficára de saber o resto da historia: todos no dia seguinte nos convidamos para instar com o bom velho, que ás Ave-Marias se juntasse comnosco á portaria do mosteiro, e d'ahi recolhessemos á hospedaria a ouvir, sem embargo da noite, a sequencia do seu discurso. N'essa tarde fomos ao Calvario; muitas vezes parámos, e assentámo-nos para gosar esta natureza mui solemne, e ao mesmo tempo mui formosa: junto da porta judiciaria idêas austeras da religião, graves memorias d'outros seculos, enthusiasmo pela natureza, de mistura saltearam-nos o espirito. Mais ávante medimos com a vista as enormes

penedias, que, cahindo a prumo do Calvario, lhe servem de pedestal. No Calvario, flor das maravilhas do Bussaco, estivemos alguns instantes, instantes sempre doces: o horisonte, o mar de arvoredo, os penhascos, as grutas, as ermidas, o sepulcro, a paz e o silencio! E no fim de tudo isto a pequena sociedade, d'uma só fé, d'uma opinião, d'um pensamento, amigos pelo sangue e coração, veio sentar-se nos toscos degráos da cruz enorme da portaria:—e a noite avisinhou-se;—e a luz assombrou-se por debaixo d'aquelles arvoredos, então carregados e sombrios, d'aquelles arvoredos, que em dous seculos presenciaram tantas virtudes e pasmosas penitencias, um tão contínuo viver, não já d'homens peccadores, mas d'anjos do paraizo.

Alguns morcegos, sêr mysterioso, creatura de máo agouro, repugnante, revoou uma e outra vez junto de nós: e o corujão lá do alto da montanha escarneceu-nos. O seu gincho nocturno, como risada de quem mofa, mas estrepitosa e desusada, como um brado dos espiritos, foi por nós ouvido; e sentimos a impressão de que nem o tempo nem a reflexão nos podem libertar. E logo o sino do mosteiro tocou, e repicou *Ave-Marias*: os seus tinidos resoaram pela floresta, e espalharam em toda ella um ar d'alegria santa e religiosa;—e nosso chefe levantou-se e nós o seguimos. Nos conflictos do mundo, nos burburinhos da côrte, na academia e no fôro, sempre christão, honrava-se de sel-o. Nossas mãos e nossos corações ergueram-se ao Senhor . . .

Doçuras da oração, encantos da piedade, infeliz quem não póde gostar-vos no retiro do Bussaco!

E que disposições não eram estas para ouvirmos o velho historiador! Vinha fallar-nos de penitencia, de mortificação, d'abandono do mundo, d'oração e de piedade. Já nós o tinhamos comnosco, e a hora instava que nos recolhessemos.

Por aquella portaria tão grave, d'aspeito tão melancolico e severo por entre aquellas sombras tão vivas, como que meneando-se para fallar-nos, pela escuridade do humillissimo claustro, [1] apenas uma ou outra vez interrompida pelo vago bruxolear de luz distante, que alumia espectros e caveiras, mudos e pensativos entramos a hospedaria.

"Senhores! disse-nos o bom Padre, apenas nos sentámos, ninguem julgue, que os nossos desertos eram sitios de descanço molle e preguiçoso, ou de van deleitação de pensadores. Bem aspera passavamos a vida: mas Deos o sabe,—quam leves sentiamos todos os rigores, attentando na cruz do Salvador! Eramos em Bussaco 24 moradores, quatro de vida activa, prior, superior, hospedeiro e porteiro. Nenhum de nós vinha forçado: esta casa não era de castigo: vinhamos e voltavamos sem que ninguem nos constrangesse. Era mister para entrar licença do provincial com consenti-

[1] Parte 1.ª Capit. III.

mento do prior; e não a dava por mais d'anno: apenas podia haver seis religiosos, perpetuos moradores, os quaes por seu exemplo e conselho muito aproveitavam para edificação dos recem-vindos. Tambem se concedia faculdade a outros religiosos de nossa ordem para entrarem de visita, e demorarem-se tres dias; e ainda mesmo por tres mezes a leitores e procuradores, que pretendiam vir aqui afinar o seu espirito, embotado com os negocios temporaes. Em quanto aos seculares, em verdade que lhes não davamos as costas; mas, como seria grande estorvo de nossas praticas a concorrencia d'estranhos curiosos, não se abria a clausura senão áquelles que traziam licença do provincial, salvo aos bemfeitores para quem a nossa porta, como era divido, estava sempre aberta. Tambem o prior da casa, chegando alguma pessoa notavel á portaria de fóra sem licença para entrar, podia conceder-lh'a até sete vezes e não mais; e afóra este caso, apenas tinha a faculdade de permittir com prudente sobriedade, que entrassem a orar na Igreja e a assistir ás grandes solemnidades. Para os religiosos d'outras ordens não tinhamos impedimento. Escuso dizer-vos, que a clausura era fechada absolutamente para mulheres.

"O religioso, que, recebida a licença do prelado e posto a caminho, chegava á portaria da clausura, entregava o seu diploma ao porteiro, e esperava da banda de fóra, que este fosse, e tornasse do mosteiro; e entretanto n'aquelle humilde zagão, postos os olhos na

caveira que certamente observastes, ficava meditando. Franqueada a porta, partia para o mosteiro; e ahi agasalhado com affecto fraternal, amostrava-lhe o porteiro o cartaz que muitas vezes tendes lido, e cuja lei de silencio inviolavel desde logo lhe cumpria observar. Entrava na Igreja, agradecia a Deos a feliz jornada, e sahia a procurar o prior, que nos braços o levava. D'ahi tornava para a Igreja; e reunida a communidade, invocava-se em côro o Espirito Divino; e logo as vozes eram mudas, e os espiritos elevados ao Senhor, para que os inspirasse e conduzisse. Finda a meditação, o novo companheiro era abraçado por todos os religiosos.

"Quantas vezes n'estes momentos solemnissimos aquelles venerandos anciões, perpetuos moradores do Bussaco, regaram de lagrimas copiosas d'affecto intimo e profundo o irmão, o amigo, que ha longos annos ignoravam se existiam! quantas vezes seus corações experimentaram a mais doce commoção, apertando em seus braços o parente, que afagaram na infancia, e vinha então competir-lhe em penitencias!

"Depois d'esta breve e muda intervista voltavamos todos ás nossas obrigações.

"Era-nos prohibido fallar não só com estranhos, mas até com os nossos proprios companheiros, excepto com o prior. Nas officinas pediamos por signaes o que necessitavamos; e se acontecia virem a Bussaco nossos paes e irmãos, apenas uma só vez em todo o anno nos

era licito fallar-lhes. Pela matta, quando o prior nos dava licença para passear, ou quando no verão, tres quartos antes de completa, aproveitavamos o tempo, que a regra para o mesmo fim nos permittia, deviamos de evitar o encontro dos outros companheiros, ou passar ávante, saudando-os em silencio. Um pouco d'este rigor, de 15 em 15 dias, remittia-se: juntavamo-nos á portaria do convento, e passeavamos unidos, conversando até alguma das duas portarias da matta; e se o tempo não o consentia, praticavamos na casa do fogo, ou na varanda que está ao pé da livraria. Mas nem por isso ficareis pensando que toda e qualquer conversação então nos era permittida: a nossa regra queria que só nos occupassemos d'objectos convenientes e interessantes á perfeição de nossas almas. Um dos religiosos velava sobre nós; e se por ventura algum se esquecesse fallando de cousas estranhas ao deserto, devia prendêl-o, e levál-o ao prior, que o admoestasse e castigasse com alguma penitencia: chamavamos-lhe alcaide. Mas, ó fraqueza da humana condição, que não consente largo tempo completa fidelidade! aqui mesmo longe do mundo entrou a malicia falseando. É verdade que não fallavamos das cousas lá de fóra, como os outros; mas usavamos d'uma linguagem singular, que a relaxação nos tolerava, [1] É verdade que

[1] Por exemplo Coimbra era—*a cidade das letras*; Aveiro *a dos pucarinhos*, *etc*.

guardavamos o silencio fóra d'estes dias, mas muitas vezes suppriam os signaes que já todos percebiamos."

Calou n'este ponto o religioso, e sahiu-lhe do mais intimo do peito um suspiro involuntario. . . Nós o percebemos. . . "Deos é justo, nos disse elle, soffre largo espaço, espera, admoesta, torna a esperar, e o homem não melhora! . . e por fim?—" Outro suspiro mais intimo e profundo, e alguns instantes de pausa e reflexão.

Meditava o anachoreta; e nós mudamente conferiamos o mundo e o deserto, reflectindo quam pura e innocente era a vida d'estes pios ermitões, que uma falta tão ligeira lhes parecia ter chamado sobre si a colera do Eterno.

Este rigoroso silencio era cumprido a despeito da morte e da amizade: os solitarios d'este seculo caminhavam pelos vestigios dos primeiros. Dous factos temos presentes que o comprovam. Bartholomeu de Vasconcellos, capitão mór de Thomar, nobre e honrado cavalheiro, presava-se de bemfeitor dos Carmelitas. Era nos primeiros annos da fundação; e já a illustre poetisa Lacerda contava prodigios do deserto. Leu-a Vasconcellos, e não creu, como suspeitando exagerações de poesia. Affirmaram-lhe a verdade outros padres: continuou a duvidar, até que veio informar-se por si mesmo; e como não estava ainda fechada a clausura, penetrou na matta sem ser visto do porteiro; e dirigiu-se á primeira ermida que topou. Bateu á

porta; e o ermitão, cuidando ser algum servo do convento, que vinha trazer-lhe o mantimento, abriu, e recuou espavorido. Disse-lhe Vasconcellos, que não temesse, que não vinha malfazer-lhe, que o seu fim era inquiril-o sobre a vida que passava: perguntou e instou; e o ermitão em silencio. Puxou das armas, fingiu violencia, ameaçou a morte; e o ermitão cruzou os braços sobre o peito, ajoelhou, e com a cabeça inclinada offereceu-se ao sacrificio. Vasconcellos retirou-se, bateu a outra ermida, e representou igual figura com o mesmo resultado. Confuso, attonito, perturbado e contricto, foi-se ao mosteiro; e aos pés do prior em lagrimas ardentes detestou a sua culpa, e prometteu de levar a toda a parte a fama da virtude e austeridade dos moradores do Bussaco.

Bem distante d'esta epocha, já em nossos dias d'indifferença, havia dous amigos, um d'elles veneravel ancião, Carmelita, virtuosissimo e letrado; [1] o outro, mais moço, rico de variada litteratura e nobre coração. Ignorava este o que era feito do primeiro: occulto no claustro d'algum pobre conventinho por ventura que já não existiria. Aconteceu vir o moço ao Bussaco, entrou na Igreja com o prior; cuidava em examinal-a, quando longa fieira d'ermitões, cabisbaixos, passo grave, em seu rosto alegria intensa e suavissima, começou d'entrar e dirigir-se para o côro: pa-

[1] O mesmo já memorado Fr. Domingos do Rosario.

rou o hospede, e com respeitoso acatamento venerou esta familia penitente. Eis que devisa entre os outros um velho venerando: sua figura não lhe é nova; o coração palpita. . . . . duvida. . . . . e adivinha: é o seu amigo; corre sem pensar, vai para abraçal-o. O ermitão parou; cruzou os braços sobre o peito, inclinou-se cortezmente, e continuou. Observara o prior a entrevista; perguntou ao hospede, se conhecera o religioso, disse-lhe este quam estreitamente os unira igualdade d'opiniões e sentimentos, e quanto tempo havia não tivera novas suas. O prior era homem generoso: dirigiu-se ao ermitão, permittindo-lhe, que abraçasse e fallasse ao seu amigo: outra vez o santo velho cruzou os braços, e curvou-se, agradecendo e refusando; que o seu exemplo, collocado como estava tanto acima em idade e authoridade, poderia ser funesto aos companheiros.

Tornemos ao historiador, que d'esta fórma proseguiu: "Orar pelos homens, erguer entre elles e o Senhor immensa nuvem de pio incenso d'orações e penitencias, que lhes cubrisse os crimes, implorando misericordia, era todo o nosso officio. Deixavamos nossos pais, familias e amigos, para no ermo, vestidos de sacco e de cilicio, e curvados sobre a terra, negociarmos do céo a sua ventura temporal e eterna salvação. Oito horas eram dadas ao serviço do côro; cinco d'oração vocal, e tres de mental. Á meia noite, quando toda a terra era em silencio; á meia noite, quando

n'esta serra o ar humido e frio do inverno, ainda mesmo no estio, convida ao gazalhado, o sino do convento, tangendo a matinas, repercutido o seu echo pelas sinetas das ermidas e pelas concavidades da montanha, interrompia a quietação da natureza. N'esta hora solemne um a um caminhavamos para o côro, e entoavamos a divina psalmodia. Rezadas as matinas, ficavamos ainda em meditação por espaço de meia hora. Das cinco ás seis da manhã e da tarde tinhamos outra vez meditação, assim como outra meia hora depois de completa.

Guardavamos inteira abstinencia de carne. A regra não permittia mais que dous pratos, um de legumes e outro de peixe; e um santo costume, convertido em lei, tambem nos inhibia o peixe fresco, as especiarias e o doce, excepto em dia festivo algum favo de mel. Ás sextas feiras no refeitorio apenas se consentiam fructas e hortaliças. Pão e agua era o nosso alimento dia d'entrudo e sexta feira de paixão."

IX

CONTINUAÇÃO

L'imagination...................................
..................suit encore ces pieux solitaires,
Errant sous les arceaux de leurs noirs monastères ;
Dans la brise du soir elle entend leurs soupirs;
En silence elle écoute, immobile, reveuse.
....
Il lui semble qu'au loin d'invisibles concerts
S'élévent, emportés dans le vague des airs.

A. de Lamartine.

O PRAZER de escutar o bom velho tinha-nos descuidado do tempo, que corria. Accostumado a constante regularidade, foi elle o primeiro a observal-o e a erguer-se, despedindo-se e promettendo em outra noite concluir o que ainda tinha por dizer. Tambem cada um de nós se retirou, mudo e pensativo; que em nosso pensamento se pintavam aquellas scenas tão graves e tocantes do mosteiro: e em vão pertendemos conciliar o somno; que largo tempo como que estivemos esperando a meia noite para ouvir as sandalias passeando pelo claustro em demanda da Igreja, e ao depois

aquelles sons longinquos da pausada e harmoniosa psalmodia.

Que profundissimas impressões este silencio não gravaria no coração d'estes bons religiosos!... esta harmonia dos céos!... este constante meditar nas grandezas do Creador! Elles que no meio da noite, e ao despontar da aurora, no meio do dia, e ao cahir das trevas, quebravam o inviolavel silencio só para cantarem unidos;

Quanto ao longe em toda a parte,
Ó meu Deos e meu Senhor,
Resplandece de teu nome
O magnifico esplendor!

. . . .

O'lho e vejo o sol brilhando,
Lavor de tuas mãos bellas,
Da lua o luzente globo
E as rutilantes estrellas. Ps. 8.

. . . .

Em ti penso, ó meu Deos,
E para ti disperto
Os lassos olhos meus. Ps. 62.

. . . .

Caldas.

E quam altivos pensamentos, quam celestes inspirações não allumiariam o elevado espirito do religioso, a quem não só virtudes optimas, mas o genio e a fecunda imaginação houvessem levantado acima dos outros homens, quando n'essas solemnes pausas do magestoso canto lhe ficassem retumbando nos ouvidos aquellas mysteriosas palavras do psalmista!

Os céos resoam do Senhor a gloria,
E o firmamento luminoso ostenta
Por toda a parte do Supremo Artifice
        As mãos divinas.
O dia e noite revesados cantam
Sua grandeza, que o visinho dia
E a emminente tenebrosa noite
        De novo entoam.

Caldas.

E se por ventura algum d'elles, quasi soçobrado na procella dos vicios, naufrago entre as vagas do mundo, ouvira o brado longinquo da consciencia, e tremera; e sobre a taboa, que lhe restava, luzes da primeira infancia, achou salvamento na deserta praia do logar santo, com quanta compuncção não recitaria contricto e humilhado aquellas doces consolações do Propheta Rei!

E como a lei immaculada e pura
De Deos esplende! testemunho certo
De altas promessas, o perdido sp'rito
Toca e converte:
De almo prazer os corações embebe,
Illustra os olhos deslumbrados, enche
Singellos peitos de saber profundo. Ps. 18.

Caldas.

Em vez das tormentas encontrou bonança: em vez de remorsos, consciencia pura; em vez de atraiçoados cumplices, irmãos e amigos; em vez de gritas desentoadas, de gracejos lubricos, de lisonjas perfidas, silencio santo e canticos do paraizo! E porque, dentro d'aquelles muros, entre aquelles sombrios arvoredos, estranho ás ambições da terra, não hade ser livre ao infeliz demandar um abrigo, acoutar-se no seio da religião? Será humano negar o refugio á victima d'infortunios domesticos, ou de revoluções politicas, ao cidadão engeitado pela patria, ao moço acordado do somno dos vicios, ao homem pensador, para quem a vida tumultuosa do mundo é pezado captiveiro? Homem que fizeste? . . .

Que mal te faz, que gozo vai roubar-te
O que ensanguenta os pés nas bravas urzes,
E sobre a fria pedra encosta a fronte!

Que mal te faz uma oração erguida
Nas solidões por voz humilde e frouxa,
E que, subindo aos céos, só Deos escuta!

Harpa do Crente.

X

CONCLUSÃO

A VIDA DAS ERMIDAS E OS DESTERRADOS DO BUSSACO

Ici son cœur á Dieu confiait ses alarmes;
Cet autel fut souvent arrosé de ses larmes.
Ces murs, encor noircis d'un deuil religieux,
Rèpétérent souvent ses cantiques pieux;
....
Dans cet endroit enclos cultivait quelques fleurs.

Com estas e outras similhantes reflecções, ora velando, ora dormindo somnos inquietos, como quem d'internas commoções era agitado, toda a noite passamos. Ao romper da aurora fomos prestes; anciosos procuramos o religioso; e que não nos demorasse o final da sua historia, com instancia lhe rogamos. O bom do velho surriu-se de nossa pueril impaciencia; e desculpando-se com a sua missa e breviario, emprazou-nos para a fonte do carregal, horas de sésta.

É esta fonte muito visinha das hortas e do mosteiro, a pequena distancia da via-sacra, com a qual por uma rua, que se estende para o nascente, se com-

munica, já em grande parte por causa dos silvados e arbustos, que tem crescido pelo meio, quasi intransitavel. Rodeada por aquelles tão bastos e copados arvoredos, que nem ainda ao meio dia consentem que o sol com seus raios os penetre; sempre fresca e muito pura, e gostosa ao paladar; manando por um cano coberto para uma pia sem adorno, salvo o vestuario de musgos altos e viçosos, situada em um pequeno recinto com assentos tambem estofados com igual tapeçaria, é a hora de sésta n'este sitio por extremo deleitosa. Uma cruz pequena, informe pelas perdas que do tempo ha soffrido, e abraçada por uma era, que desde a base até ao cume e pelos braços a enleia, ergue-se por cima da bica: nas costas vae a rua que dissemos; e do outro lado d'esta ha uma grande madre d'agoa de fórma antiga sepulcral, com as eras tão bordada e revestida, e sobre as eras arvoresinhas e silvados, que nem um só ponto é descuberto. Aqui nos aguardava o ancião á hora ajustada; e apenas nos assentamos, continuou:

"Se os rigores do mosteiro vos causaram admiração, attendei, que a muito maiores se sujeitavam os moradores nas ermidas; nem eu vol-os poderei miudear, que grande parte de suas penitencias eram voluntarias e escondidas. Supponde-o vós, reflectindo que ninguem vinha constrangido para o mosteiro: e ninguem da mesma fórma ía involuntario para as ermidas. Por certo que os religiosos, que assim esco-

lhiam tamanho captiveiro, deviam d'estar bem decididos inimigos da carne e do mundo.

No primeiro dia da quaresma, recebida a cinza da mão do prior, seis dos religiosos, recolhiam-se ás ermidas, e o mesmo no advento, donde não tornavam senão, os primeiros vespera de Ramos a celebrar com o resto da communidade a Semaná Santa, e os segundos o Natal. Fóra d'esse tempo estavam pelas ermidas aquelles a quem o prior o facultava, porém vinham nos domingos á missa conventual; e depois do refeitorio, ou da recreação dos quinze dias, se era dia d'ella, recolhiam-se. Cada um d'elles tinha, como observastes, uma sineta, com que devia responder a todos os toques de communidade, tangidos pelo sino do mosteiro. As horas da oração vocal e mental eram as mesmas. Os dous que habitavam as ermidas mais proximas, um ao outro deviam ajudar-se no sacrificio da missa, ás semanas. A leitura e meditação da Escriptura Santa, longa e aturada oração de devoção, colher a lenha para sua pequenissima cosinha, aonde apenas algumas fructas e hortaliças preparavam, que melhor manjar não lhes era consentido; e a cultura, nos pequenissimos intervallos, das flores, sobre asperos cilicios, disciplinas e multiplicadas penitencias, eis toda a sua vida.

Duas vezes na semana o dispenseiro do covento, d'ermida em ermida, o tenuissimo alimento lhes levava; e como quer que do espiritual o commum d'elles,

tão estranhos ao mundo e engolfados nas cousas do céo, sobeja copia possuia, todavia o prior como bom pastor, que sollicito procura não só pelas ovelhas desgarradas ou enfermas, mas ainda pelas gordas e sadias, tambem duas vezes por semana lhe cumpria visital-os, e consolal-os, exhortal-os, e ouvil-os de confissão. Quando o tempo da licença terminava, outro religioso rendia o ermitão; e este voltava ao mosteiro d'ordinario a edificar toda a communidade com um fervor tão novo, com uns animos tão vivos, como se do céo dobrada força recebera. Era de vêr com quanta humildade, com quanta abnegação de si mesmo, com que caridadade fervorosa, este recem-vindo executava as funcções mais abatidas da casa; elle que n'esses dias de solidão e trato com o céo a tamanho grão de merito e de sublime hierarchia se elevára."

Longas paginas tiveramos nós de escrever, se as maravilhas, que o velho nos contava, uma a uma n'este escripto relatassemos. Visões do céo, combates com o espirito das trevas, extremos de aspereza e penitencia, contos verdadeiros, imaginações pias, manavam em fluente copia de seus labios animados; e nós estaticos, olhos fixos em seu rosto venerando, immoveis, em torno d'elle bebiamos sequiosos estas puras aguas de um tempo, que é passado.

Á historia dos ermitões succedeo a dos desterrados. Contou-nos, que o célebre Marquez de Pombal, zeloso de seu imperio absoluto, que nos Infantes de

Palhavam [1] achara uma vez contradicção, os enviára em Julho de 1760 para o Bussaco em rigorosa prisão; que algum tempo habitaram em ermidas separadas, até que, por ser o seu serviço muito pesado ao convento, se passaram a morar em uns cubiculos proximos á livraria. A morte d'El-Rei D. José em 1777 e a quéda do Ministro trouxe-lhes a liberdade. A 25 de Março do mesmo anno sahiram para St.ª Cruz de Coimbra; e ahi se demoraram, em quanto não findavam as obras, que se faziam para recebel-os no seu palacio de Palhavam.

Disse-nos tambem, que pelos annos de 1794 e 1795 aqui vieram em desterro alguns padres, penitenciados pelo St.º Officio; e que o célebre bispo de Bragança, D. Antonio Luiz da Veiga, por ordem da Regencia do Reino em 1814 fôra clausurado em Bussaco, d'onde voltou á sua diocese em 1818. Tambem nossas dissidencias politicas deviam de povoar estas solidões com muitos e respeitaveis desterrados: taes foram em 1821 o Cardeal Patriarcha D. Carlos; o Arcebispo de Braga D. Fr. Miguel da Madre de Deos, e o bispo de Pinhel D. Bernardo em 1823; e ultimamente em differente epocha o Snr. Joaquim Placido Galvão Palma, Deputado ás côrtes.

[1] D. Antonio, Inquisidor Geral, e D. José, ambos filhos naturaes d'El-Rei D. João V.

APPENDICE

DOCUMENTOS JUSTIFICATIVOS DO CAPITULO VI

1.º Officio

De Lord Wellington a Lord Liverpool, datado de 30 *de Setembro de* 1810.

Correio Brasiliense. Volume V. pag. 429.

My Lord! Em quanto o inimigo avançava de Celorico e Trancoso sobre Vizeu, as differentes divisões de milicias e ordenanças se empregavam nos seus flancos e retaguarda; e o coronel Trant com a sua divisão atacou a escolta com a caixa militar e reserva de artilheria, junto ao Tojal, aos 20 do corrente.—Elle aprisionou dois officiaes e mais cem prisioneiros, mas o inimigo ajuntou uma força na frente e retaguarda, que o obrigou a retirar-se para o Douro. — Ouço que a communicação do inimigo com Almeida está com-

pletamente cortada, e elle possue unicamente o terreno, sobre que está o seu exercito. Os meus despachos de 20 do corrente vos terão informado das medidas que tenho adoptado, e que estavam em via de colligir o exercito n'estas visinhanças, para prevenir que o inimigo tomasse posse d'esta cidade.—Aos 21 a guarda avançada do inimigo se adiantou para Santa Comba-Dão na confluencia dos rios Criz e Dão, e o Brigadeiro General Pack se retirou atravessando o primeiro, e se unío ao brigadeiro-general Crawford em Mortágua, havendo destruido as pontes n'estes dois rios. A guarda avançada do inimigo crúzou o Criz, havendo concertado a ponte aos 23; e todo o 6.º corpo se ajuntou do outro lado do rio; e eu por tanto retirei a cavallaria pela serra do Bussaco, á excepção de tres esquadrões, porque o terreno não era favoravel ás operações d'esta arma.—Aos 25 cruzaram o rio os corpos 6.º e 2.º na visinhança de Santa Comba-Dão; e a divisão do brigadeiro-general Crawford, e a brigada do brigadeiro-general Pack se retiraram para a posição, que eu tinha fixado para o exercito no cimo da serra do Bussaco. Estas tropas foram seguidas n'este movimento pelo total dos corpos de Ney e Régnier (o 6.º e o 2.º), porém foram conduzidas pelo brigadeiro-general Crawford com grande regularidade, e as tropas tomaram a sua posição sem padecer perca notavel. —O 4.º de caçadores portuguezes, que se retirara de noite das outras tropas, e os piquetes da terceira divi-

são de infanteria, que estavam postados em St.º Antonio do Cantaro, debaixo do major Smith do 45, se atacaram com a avançada do corpo de Régnier na tarde, *e o primeiro mostrou aquella firmeza e galhardia, que ao depois manifestaram as outras tropas portuguezas.*—A serra do Bussaco é uma cordilheira, que se estende desde o Mondego na direcção do N., obra de oito milhas. No ponto mais alto da cordilheira, cêrca de duas milhas do seu fim, está o convento e quinta de Bussaco. A serra de Bussaco está unida por um tracto de terra montanhosa á serra do Caramulo, que se estende ao N. E. alem de Viseu, e separa o valle do Mondego do valle do Douro á esquerda do Mondego. Quasi em uma linha com a serra do Bussaco ha outra cordilheira da mesma descripção, chamada a serra da Murcella, coberta pelo rio Alva, e connexa por outros tractos montanhosos com a serra da Estrella.—Todas as estradas que se dirigem de Leste para Coimbra passam por alguma d'estas serras; são muito difficeis para passagem de um exercito, porque a approximação do cimo da cordilheira por ambos os lados é montanhosa. —Como todo o exercito do inimigo estava sobre a cordilheira do Mondego, e como era evidente, que elle intentava forçar a nossa posição, o Tenente general Hill cruzou o rio por um pequeno movimento para a esquerda na manhã de 26, deixando o coronel Lecor com a sua brigada sobre a serra da Murcella para cobrir a direita do exercito; e o major general Fane com

a sua divisão de cavalleria portugueza e o 13 de dragões ligeiros em frente do Alva para observar e ameaçar os movimentos da cavalleria do inimigo sobre o Mondego. A' excepção d'isto todo o resto do exercito estava junto na serra do Bussaco, com a cavalleria britanica em observação na planicie na retaguarda e caminho que vai de Mortagua para o Porto pelas terras montanhosas que unem a serra do Bussaco com a serra do Caramulo.—O 8.° corpo se uniu ao inimigo em nossa frente aos 26, porém não fez ataque algum sério n'esse dia. As tropas ligeiras de ambas as partes se atacaram por toda a linha.—Ás 6 da manhã, no dia 27, o inimigo fez dous ataques desesperados sobre a nossa posição, um na direita, outro na esquerda do mais alto ponto da serra. O ataque sobre a direita foi feito por duas divisões do 2.° corpo por aquella parte da serra, que occupava a terceira divisão d'infanteria. Uma divisão d'infanteria franceza chegou ao cimo da cordilheira, e foi então atacada com a maior galhardia pelo regimento 8.°, commandado pelo tenente coronel Wallace, e regimento 45, commandado pelo tenente-coronel Meade, e pelo 8.° regimento portuguez commandado pelo tenente coronel Douglas, dirigido pelo major general Picton. Estes tres corpos avançaram á bayoneta calada, e expulsaram o inimigo do vantajoso terreno que tinha obtido.—A outra divisão do 2.° corpo atacou mais além pela direita na estrada que vai de Santo Antonio do Cantaro, tambem na frente da

divisão do major general Picton. Esta divisão foi repulsada antes que podesse chegar ao cimo da cordilheira pelo regimento 74, commandado pelo tenente coronel French, e pela brigada d'infanteria portugueza, commandada pelo coronel Champelmond, dirigindo o coronel Mackinnon. O major general Leith tambem se moveo para a sua esquerda para sustentar o major general Picton, e ajudou a derrotar o inimigo n'este posto pelo 3.º batalhão dos Royals, e 1.º e 2.º batalhões do regimento 38.

N'estes ataques os majores-generaes Leith e Picton, os coroneis Mackinnon e Champelmond do serviço portuguez, que ficou ferido, o tenente coronel Wallace, o tenente coronel Meade, o tenente coronel Sutton do regimento 9 portuguez, o major Smith do regimento 45, que infelizmente foi morto, o tenente coronel Douglas, e o major Birmingham do 8 regimento portuguez, se distinguiram. O major general Picton participa sobre os *regimentos* 9 *e* 21 *portuguezes*, commandados pelo tenente coronel Sutton, e pelo tenente coronel Bacellar, e a *artilheria portugueza*, commandada pelo tenente coronel Arentchild. Tenho tambem de mencionar de uma maneira particular a conducta do capitão Dantey do regimento 88. O major general Leith participa a boa conducta dos Royals, 1.º batalhão do 9, e 2.º batalhão do 38. Permitta-me V. S. que lhe assegure, *que nunca testemunhei mais galhardo ataque do que o que fizeram os regimentos* 38, 45, *e* 8.º *portuguez, sobre a divisão* do inimigo que alcançou a

cordilheira da serra. Sobre a esquerda atacou o inimigo com tres divisões d'infanteria do 6.º corpo aquella parte da serra occupada pela divisão da esquerda, commandada pelo general Crawford, e pela brigada d'infanteria portugueza, commandada pelo brigadeiro general Pack. Uma divisão d'infanteria sómente fez alguns progressos para o cimo do monte, mas foi immediatamente carregada com a bayoneta pelo brigadeiro general Crawford, com o 58, 52 e 95 regimentos, e o 3.º de caçadores portuguezes, e repellida para baixo com immensa perca. A brigada d'infanteria portugueza do brigadeiro general Coleman, que estava de reserva, se moveo para diante para sustentar a direita da divisão do brigadeiro general Crawford, e *um batalhão do* 19 *regimento portuguez*, commandado pelo tenente coronel Maclean, *fez uma galharda é bem succedida carga sobre um corpo e outra divisão do inimigo, que se esforçava por penetrar n'aquella parte.* N'este ataque o brigadeiro general Crawford, e tenente coronel Beckwith do 95, e Barclay do 52, e os officiaes commandantes dos regimentos combatentes se distinguiram.

Além d'estes ataques as tropas ligeiras dos dous exercitos pelejaram por todo o dia 27; e o 4.º de *caçadores portuguezes e os regimentos* 1.º *e* 16, dirigidos pelo brigadeiro general Pack, e commandados pelo coronel do Rego Bonito, tenente coronel Hill, e major Armstrong, *mostraram grande firmeza e galanteria.* A perca sustida pelo inimigo n'este ataque de 27 foi enor-

me. Ouço, que o general de divisão Merle, e o general Maucun ficaram feridos; e o general Simon feito prisioneiro pelo regimento 52, e 3 coroneis, 33 officiaes, e 250 soldados. O inimigo deixou mortos sobre o campo da batalha 2:000 homens; e ouço dos prisioneiros e desertores, que a perca em feridos é immensa. O inimigo não renovou o seu ataque, excepto pelo fogo sobre as tropas ligeiras aos 28, porém moveo um grande corpo de infanteria e cavalleria em marcha sobre a estrada que vai de Mortagua para as montanhas, que correm na direcção do Porto.

Julgando provavel que trabalhasse por voltar a nossa esquerda por este caminho, havia ordenado ao coronel Trant, que marchasse com a sua divisão de milicias para o Sardão com a intenção de que elle occupasse estas montanhas; porém infelizmente elle tinha sido mandado pela via do Porto pelo official general, que commanda no N., em consequencia d'um pequeno destacamento do inimigo haver tomado posse de S. Pedro do Sul: e não obstante os esforços, que fez para chegar a tempo, não alcançou o Sardão senão aos 28 pela noite, depois do inimigo estar de posse do terreno. Como era provavel que no decurso da noite de 28, o inimigo trouxesse todo o seu exercito sobre esta estrada, pela qual evitaria a serra do Bussaco, e chegaria a Coimbra pela estrada real do Porto, e assim ficaria o exercito exposto a ser cortado d'aquella cidade, ou a entrar em uma acção geral sobre terreno menos

favoravel; e como eu tinha reforços na minha retaguarda, inclinei-me a retirar-me da serra do Bussaco. O inimigo partio das montanhas ás 11 da noite de 28, e fez a marcha, que se esperava. A sua guarda avançada estava hontem em Avelans, no caminho do Porto para Coimbra: e vio-se todo o exercito em marcha pelas montanhas. O que eu commando porém, estava já na baixa entre a serra do Bussaco e o mar; e todo elle, á excepção da guarda avançada, está hoje na esquerda do Mondego. Ainda que pela infeliz circumstancia da demora do coronel Trant em chegar ao Sardão eu temo não poder obter o objecto, que tinha em vista, quando passei o Mondego e occupei a serra do Bussaco, não sinto que o tenha feito. Este movimento me offereceo uma favoravel occasião de mostrar ao inimigo a descripção das tropas, de que este exercito se compõe, e trouxe as recrutas portuguezas a uma acção com o inimigo pela primeira vez, em uma situação vantajosa; *e ellas mostraram que não tem sido perdido o trabalho, que com ellas se tem tomado; e que ellas são dignas de combater nos mesmos renques com as tropas britanicas* n'esta interessante causa, que ellas dão as melhores esperanças de salvar.

Em todo o tempo do combate sobre a serra, em todas as marchas antecedentes, e nas que ao depois se fizeram, todo o exercito se tem conduzido na forma mais regular. Consequentemente todas as operações se executaram com facilidade; os soldados não soffreram

privações, não passaram por fadigas desnecessarias; não se perderam armazens; e o exercito está muito cheio de espiritos.

(Seguem-se recommendações e objectos extranhos ao Bussaco.)

Ajunto o mappa dos mortos e feridos do exercito alliado nos dias 25, 26, 27 e 28 do corrente. Mando este despacho pelo meu ajudante de campo o capitão Burgh, a quem, com vossa licença, refiro a V. S. para os ulteriores detalhes, e o recommendo á attenção de V. S. Tenho a honra de ser, etc.—(Assignado)—*Wellington.*

EXTRACTO DA RELAÇÃO DOS MORTOS E FERIDOS

Exercito portuguez—Mortos: 4 capitães, 2 subalternos, 1 sargento, 1 tambor, 82 soldados.—Feridos: 1 coronel, 1 major, 5 capitães, 18 subalternos, 9 sargentos, 478 soldados.—Prisioneiros e extraviados: 2 sargentos, 18 soldados.

Exercito inglez—Mortos: 1 major, 1 capitão, 2 tenentes, 1 alferes, 5 sargentos, 97 soldados.—Feridos: 3 tenentes coroneis, 4 majores, 10 capitães, 16 tenentes, 1 alferes, 21 sargentos, 3 tambores, 434 soldados.—Extraviados: 1 capitão, 1 sargento, 29 soldados.

2.º Officio

Do marechal Beresford ao ministro da guerra, na mesma data

Citado jornal, pag. 446.

Illustrissimo e excellentissimo senhor.—Tenho a maior satisfação de annunciar a V. E. para conhecimento de S. A. R., que o exercito combinado debaixo das órdens de S. E. o marechal general lord visconde Wellington bateo o exercito inimigo, commandado pelo marechal Massena em a tentativa, que elle fez contra a nossa posição sobre as alturas do Bussaco. Como S. E. o marechal general dará, para serem submettidos a S. A. R., todos os detalhes sobre o que respeita aos movimentos e disposições, que conduziram a esta brilhante victoria, eu me limitarei ao que respeita á conducta particular das tropas de S. A. R., que se *cobriram de gloria, e se mostraram dignos émulos dos seus companheiros de armas do exercito inglez, e dignos herdeiros da gloria dos seus antepassados*. Tendo o inimigo em o dia 25 adiantado os seus postos avançados até á parte debaixo da nossa posição sobre a montanha, n'esse mesmo dia alli se estabeleceo, e durante o 26 alli reunio a força total dos seus tres corpos de exercito. As 6 horas da manhã do dia 27 elle atacou por dous pontos differentes a nossa posição com fortes co-

lumnas; e o maior vigor do fogo durou, pouco mais ou menos, duas horas e meia; *e os corpos portuguezes que se distinguiram, foram todos aquelles que tiveram a felicidade de estar nos pontos atacados*, sendo estes os corpos seguintes:

A brigada 9 e 21 debaixo das ordens do coronel Champalimaud, e depois que este foi ferido, do tenente coronel Sutton; o regimento 8 commandado pelo tenente coronel Douglas; a brigada 1 e 16 de linha, e o 4.º batalhão de caçadores, debaixo das ordens do brigadeiro general Pack; a brigada 7 e 19 e caçadores n.º 2, ás ordens do brigadeiro general Coleman; os batalhões de caçadores n.º 1 e 3 com a divisão ligeira ingleza, e o batalhão 6 da brigada do brigadeiro general Campbell; duas brigadas d'artilheria commandadas immediatamente pelo major Arentschild, e duas de 3 postadas mais á esquerda.

A unica differença, que houve em a conducta de todas estas tropas consistio nas occasiões, que se offereceram a cada corpo de se darem a conhecer, *podendo este ser chamado um dia glorioso para o nome portuguez, havendo as suas tropas adquirido pela sua conducta tanto a admiração, como a plena confiança do exercito inglez.* A conducta do regimento 8, debaixo das ordens do tenente coronel Douglas, e onde o major Birmingham se distinguiu muito, lhe adquirio a gloria com dous regimentos inglezes de desalojarem o inimigo com a bayoneta das alturas, que elle havia

ganhado, e lhe fizeram pagar caro a sua vantagem momentanea. Os regimentos 9 e 21 mereceram a completa approvação do major general Picton, e merecem muito louvor o coronel Champalimaud, o tenente coronel Sutton, que commandou a brigada depois da ferida do primeiro, e o tenente coronel José Maria de Araujo Bacellar, commandante do regimento 21.

O brigadeiro general Pack merece os meus agradecimentos, assim como os corpos que estiveram debaixo das suas ordens, e os seus commandantes os tenentes coroneis Hill, e Luiz do Rego, e o major Armstrong. A conducta do batalhão de caçadores n.º 4 *merece ser particularmente mencionada* assim pelo seu valor em o ataque, como pela constancia com que sustentou por todo o dia o fogo do inimigo. O batalhão de caçadores n.º 1, commandado pelo tenente coronel Jorge d'Avilez *se comportou estremamente bem, e este official merece todos os meus elogios.* O batalhão n.º 3, debaixo do commando do tenente coronel Elder se distinguio muito particularmente, e ajuntando á sua reputação de disciplina a do seu valor, *é impossivel que haja nada melhor que este batalhão.* A brigada do brigadeiro general Coleman 7 e 19, e caçadores n.º 2 merece tambem todo o elogio pela sua conducta, e que sejam nomeados os seus commandantes os coroneis Palmeirim e José Cardoso de Menezes Sottomaior, e o tenente coronel Nixon; e particularmente cinco companhias, as quaes debaixo das ordens imme-

diatas do tenente coronel, fizeram um ataque de bayoneta sobre o inimigo, o qual é particularmente mencionado por todos os officiaes dos dous exercitos, que o viram, *como uma cousa perfeita*, tanto pela sua disciplina, como pelo valor que mostraram. O batalhão de caçadores n.º 6, da brigada do brigadeiro general Campbell, e commandado pelo tenente coronel Sebastião Pinto, se comportou igualmente muito bem, e merece os meus agradecimentos.

Duas brigadas d'artilheria de 9 e 6 debaixo das ordens pessoaes do major Arentschild se distinguiram tambem muito, supportando com constancia durante toda a batalha o fogo de 14 peças de artilheria, e causando debaixo d'este uma grande perda de homens ao inimigo, e desmontando-lhe tres das suas peças, e fazendo-lhe saltar dous carros de munições. Duas outras brigadas de artilheria 3 merecem tambem a minha approvação. Todos os officiaes e soldados d'estes corpos são dignos de que eu leve á presença de S. A. R. *sua boa e excellente conducta, que teria feito honra aos soldados mais aguerridos*, porque pela confissão de todos os officiaes inglezes elles mostraram assim o valor como a disciplina. Em quanto ás tropas que não entraram em acção directa, eu lhes observei o mais ardente desejo de se medirem com o inimigo, e segundo as apparencias elles terão brevemente a occasião. Mas com uma conducta tal, que as tropas portuguezas mostraram na batalha do Bussaco, auxiliada com

o valor conhecido do exercito inglez, não podemos deixar de prever favoravelmente o resultado da nossa lucta actual, e que o inimigo pagará caro a devastação e crueldades, que elle tem commettido em Portugal.

Não posso deixar n'esta occasião de reconhecer os importantes serviços, que em toda a occasião recebi dos talentos e zêlo do quartel mestre general do exercito, o coronel d'Urban; e eu tenho toda a razão de estar contente do ajudante general Brito Mosinho, e do meu secretario militar, o brigadeiro Lemos, que me acompanharam durante a batalha; e tambem de todo o estado maior da minha pessoa.

A perda do inimigo deve ter sido immensa pelos ditos dos prisioneiros e dos feridos, que o inimigo abandonou depois, quando fez o seu movimento sobre a nossa esquerda. Elle deixou sobre o campo da batalha mais de dous mil mortos; e varios generaes foram feridos. O general de brigada Simon foi feito prisioneiro; e os officiaes, que tomamos, dizem que os generaes Merle, Lacune e Grandorge estão feridos.—Deos guarde a V. E., etc.

3.º Officio

Do marechal Massena ao marechal Bertier

Gazeta de Lisboa de 11 de dezembro de 1810.

Coimbra 4 de Outubro.—*Monsieur.*—A 16 de Setembro nos pozemos em marcha para entrar em Portugal, como já informei a V. A. No 5.º dia chegamos a Viseu, tendo passado por muito más estradas. Fomos obrigados a demorar-nos ahi 5 dias para dar tempo, a que chegassem o parque d'artilheria e as bagagens, e de pol-as em ordem, como tive a honra de vos mandar dizer de Vizeu.

Parti d'esta cidade a 24. Depois de tres dias de marcha cheguei diante da posição do Bussaco, que estava occupada pelos exercitos inglez e portuguez combinados. No dia seguinte ao romper do dia reconheci esta posição: mandei atacar na esquerda pelo 2.º corpo e no centro pelo 6.º: o 8.º corpo ficou em reserva. Esta posição é certamente a mais forte de todo o Portugal. Apezar d'isso o general Régnier ganhou o cume do monte; e começava a estabelecer-se n'elle, quando o general Hill com um corpo de 20:000 homens atacou em columna cerrada as tropas, que, estancadas de fadiga, começavam a formar-se no cume da montanha, e as fez descer d'ahi. Esta retirada, sustentada por uma forte reserva, foi executada em boa ordem,

e o 2.º corpo tornou a tomar a sua primeira posição.

No centro estavam as divisões Loison e Marchand. A primeira fez um ataque sobre a direita da estrada, que conduz ao convento do Bussaco, e outro sobre a esquerda. O general Loison, sendo obrigado a trepar por uma montanha muito escarpada para ganhar a estrada real, chegou a ella depois de grandes esforços; mas não tinha ainda tempo de se formar em columna cerrada, e estabelecer-se ahi, quando duas columnas inglezas vieram em ordem cerrada, e protegidas por uma numerosa artilheria carregaram esta divisão, e a obrigaram a retirar-se. O general Marchand, que devia sustentar este ataque, tomou uma posição para suspender o inimigo. Os inglezes não ousaram adiantar-se a mais de 300 toezas da sua linha de batalha. O resto do dia se passou em escaramuças.

Tendo cuidadosamente reconhecido esta posição, que lord Welligton não teria ousado tomar, se assim como eu, não a tivesse julgado excessivamente forte, formei immediatamente o projecto de alcançar pelos meus movimentos, o que me teria custado muitos soldados valorosos. Mandei partidas d'infanteria e de cavalleria para a direita e para a esquerda, para reconhecer o paiz, e ter o inimigo na incerteza da direcção dos meus movimentos. Em razão das informações que tive, decidi-me a rodear o exercito inglez pela minha direita. A posição da ponte da Murcela, que o inimigo tinha fortificado, e para onde elle podia fazer

mover o seu flanco pela montanha de Pena-cova, lhe dava meios de poder dirigir para ahi todas as suas forças em menos de duas horas; ao mesmo tempo que a estrada do Sardão, atravessando a garganta do Caramulo me conduzia a Boialvo, em um paiz plano e fertil. Este movimento rodeava a esquerda do inimigo, e me punha em estado de manobrar no seu flanco. A 28 ás 6 da tarde deixei a posição de Moura, e marchei para Boialvo. O 8.º corpo, que não tinha soffrido, formou a vanguarda, o 6.º o centro e o 2.º a retaguarda. Todos os meus feridos [1] me seguiam nos carros e nas bestas de carga do corpo dos transportes. O inimigo tendo percebido depois da meia noite esta manobra sobre a sua esquerda deixou uma forte retaguarda no Bussaco, e marchou em grande desordem por muitas columnas para Coimbra, depois de ter queimado todos os seus armazens e munições. [2]

No 1.º cheguei a Coimbra: o inimigo tinha ahi deixado toda a cavalleria com alguns regimentos d'infanteria, que desalojamos. D'alli retirou para Condeixa. A 2 mandei a minha vanguarda para este logar,

[1] S. Exc.ª deveria exceptuar os que foram barbaramente abandonados na serra e recolhidos na capella das almas, aonde a caridade dos padres do Bussaco os agasalhou e defendeo.

[2] No dia 29 os inglezes queimaram uma consideravel porção de polvora junto ao muro da parte debaixo da porta da Rainha, ou d'El-Rei.—Diario citado no § 6.º Os inglezes nada mais inutilisaram.

d'onde o inimigo foi desalojado: está actualmente na Redinha. A minha cavalleria apoderou-se de todas as estradas, que conduzem á estrada real de Lisboa; e o general Montbrun marcha para a Figueira, lord Wellington retira-se para Lisboa com o exercito alliado: elle diz que a sua intenção é disputar-nos todas as posições. Eu marcho em um só corpo; e *farei tudo o que podér para o induzir a dar batalha, unico meio de o destruir, ou de o obrigar a embarcar-se.* O exercito alliado é reputado em 60 ou 70:000 homens, inclusos 25:000 inglezes. O inimigo queima e destróe tudo á proporção que evacua o paiz, e obriga os habitantes a abandonarem os seus lares. Coimbra, cidade de 20:000 habitantes (!!), está deserta. Nós não achamos provisões: o exercito sustenta-se de milho e dos vegetaes que ficaram na terra. Os habitantes das cidades e aldêas são muito desgraçados: são obrigados a servir com pena de morte. Em fim nenhuma épocha da historia offerece exemplo d'uma igual barbaridade.

A nossa perda em mortos e feridos sóbe a 3:000 homens, inclusos um grande numero de officiaes. O general Graindorge morreo das suas feridas. O general de divisão Merle está ferido, assim como os generaes de brigada Foix e Maucume. Por algum tempo não estarão em estado de servir. Os coroneis do regimento 26 de linha, do 6.º e 32 d'infanteria ligeira, ficaram mortos, e muitos outros feridos. Ha nos differentes corpos muitos logares d'officiaes vagos, que é

necessario encher. O exercito anglo-portuguez confessa que perdeo 4:000 homens, [1] dos quaes metade são inglezes. Deixo os meus doentes e feridos na minha retaguarda em Coimbra, onde eu mandei fortificar dous conventos; não posso deixar senão um pequeno numero de tropas para os defender. A melhor protecção, que posso dar-lhes, é derrotar os inglezes, e forçal-os a embarcar. — [2] (Seguem-se recommendações.) — Eu sou, etc.

Este officio foi achado em poder de um official ao serviço francez, prezo na povoação de Bobadella, o qual era expedido por Massena, e marchava disfarçado em paisano hespanhol. — *Citada Gazeta de Lisboa.*

[1] S. E. falta á verdade para cohonestar a perda que soffreo o seu exercito.

[2] S. E. escrevia no dia 4, e no dia 6 já os seus feridos e guarnição eram em poder do Coronel Trant.

FIM.

A SERRA DA LOUZAN

AO NOSSO HONRADO AMIGO

O SENHOR

JOÃO JOSÉ DE LEMOS

EM

Testemunho

d'Amizade e gratidão.

A SERRA DA LOUZAN

EM JULHO DE 1838

En littérature, comme en politique, les Portugais ont trop de considération pour les étrangers et pas assez de préjugés nationaux. C'est une qualité dans les individus que l'abnégation de soi-même et l'estime des autres; mais le patriotisme des nations doit être égoiste.

Staël.

O COMMUM dos portuguezes é tão apaixonado pelas cousas estranhas, e tão pouco pelas suas; tão activo em inquerir as bondades e formosuras dos outros paizes, e tão indolente em vêr e examinar o que tem ao pé da porta, que é bem raro entre nós não se experimentar grande estranheza ao vêr alguns dos muitos e preciosos monumentos da fecundidade da natureza, ou do artificio do homem, em que abunda Portugal, como se foram plantas exoticas, d'outras regiões, em cujo seio se crê só existir tudo quanto ha formoso e proveitoso. É profunda a raiz do mal. Occupados na leitura dos livros estrangeiros, despreza-

mos quasi inteiramente a dos nossos escriptores, que muitas vezes descrevem logares e successos, como se foram não só historiadores, mas pintores. Accresce a ruindade das estradas sobre falta de segurança e de commodas pousadas. Nem lemos, nem vemos o antigo; e como que tapamos os olhos, e desviamos o passeio para não observar o que é nosso.

Pelo que nos respeita pessoalmente, cuidamos com desvelo em arrancar de nós este cancro nacional. Cruzar o terreno em todas as direcções, largar as estradas reaes e trepar pelo carreiro ingreme e tortuoso do pastor, subir dos valles aos cumes mais erguidos das montanhas, examinar e estudar os monumentos, que topamos; embriagar a nossa alma com todas as delicias, que o aspeito da natureza liberaliza n'este paiz abençoado, eis o nosso maior prazer. Voltamos com mais ideias no espirito, e ardor no coração.

Estas poucas linhas, que se seguem, foram-nos inspiradas sobre um d'esses pontos encantadores, nos quaes o horisonte, sem rival nas visinhanças, circuita, a muitas leguas de distancia, um paiz extensissimo; em um valle obscuro e retirado, e cheio de mysterios; na presença d'um veneravel monumento dos seculos que passaram; e no meio d'um fabríco activo e proveitoso. Convidados pela bondade e delicadeza do sr. *João José de Lemos,* tinhamos ido na companhia de pessoas selectissimas gosar alguns dias de descanço ao seu engenho de papel na serra da Louzan. Visitando

este estabelecimento a todas as horas do dia, subindo á serra mais de uma vez, passando alguns momentos deliciosos sobre o penhasco de Nossa Senhora da Piedade, e nas antigas muralhas do castello, sentimos todo o pezo das amargas reflexões, que deixamos apontadas. Quando voltámos, trouxemos retratados na memoria estes sitios tão curiosos, como desconhecidos de nós mesmos, que habitamos a quatro leguas de distancia; e cuidamos em tresladal-os para o papel. Foi o nosso fim levantar uma pequena memoria de gratidão ao nosso amigo, conservar os apontamentos, que haviamos tomado, e excitar muitos outros, que visitem a serra da Louzan, e emendem os defeitos d'esta ligeira narração. O primeiro capitulo tracta da serra e dos campos da Louzan, o segundo do altar do Trivim, o terceiro da fabrica, o quarto do castello, e o quinto das ermidas. Coimbra, 28 de Julho de 1838.

I

DA SERRA E DOS CAMPOS DA LOUZAN

Por esta terra ser fresquissima, e a quatro leguas de Coimbra, assento e regia dos reis d'este e dos mais de Portugal, devia ser outra Cintra, mas muito de vantagem.

Miguel Leitão d'Andrade. *Miscell.* Dial. 16.

A serra da Estrella, soltando-se da serra da Gata no reino de Leão, corre em Portugal pela provincia da Beira de S. SE. a N. NO., e lançando consideraveis ramos para differentes direcções e com diversos nomes, abraça grande parte da provincia, entra pela Extremadura, e vai terminar no cabo da Roca. Esta grande cordilheira, depois de ter subido mais de sete mil pés acima do nivel do mar no ponto do Malhão, abaixa-se um pouco, torna a levantar-se na Senhora das Preces, serra da Aguieira, volve a descer, e continua sempre majestosa até avistar Coimbra; aonde formando novamente uma elevação de quasi tres mil pés, o Trivim, toma a direcção de N. NE. a

S. SO. com o nome de serra da Louzan, ou do Coentral. A tres leguas d'este ponto a serra da Louzan parece terminar em dous picos d'altura consideravel, sobranceiros ao Espinhal; mas levantando-se outra vez na serra d'Anciâo, prosegue em sua direcção até ao mar. Compõe-se toda esta formosa serranía de montes levantados sobre montes, e cortados d'infinitas gargantas e valeiros. Differentes rios d'ahi trazem a origem, os quaes nas suas fraldas vão regando veigas aprazíveis e campos fertilissimos. Grandes povoações, e um sem numero d'aldeias e casaes, povoam as abas da montanha; e ainda mesmo pelo centro se divisam muitas searas de trigo e logarejos habitados de lavradores e pastores, que ali vivem quasi á lei da natureza. Grande parte da serra, que é baldia, poderia grangear-se; mas ficariam sem pastagens os rebanhos, que de longe vem pascer ahi por muitos mezes.

Para subirmos ás alturas tinhamos a escolher duas estradas, uma mais breve, porém muito empinada e escabrosa, á direita do Arouce; a outra o dobro da primeira, mas muito menos aspera e difficil. Na tarde de 7 de Julho tentámos a segunda. A estrada, apesar de muito seguida, é de sobejo rude e apicada, porém transitavel sem perigo. Nas pausas, que eramos forçados a fazer de quando em quando, deleitava-se-nos a vista e o pensamento, olhando os formosos campos da Louzan, que se estendiam a nossos pés. Julgará por ventura quem lá não tiver ido, que

sendo esta villa tão pegada com as serras do seu nome, apenas, quando muito, a dotaria a Providencia com algum estreito valeirinho. Erro seria este desmentido não só pela historia, que a darmos credito a *Miguel Leitão d'Andrade*, foi Cintra de nossos primeiros reis; mas tambem pela natureza dos seus campos, os quaes sobre uma legua de largura tem mais do dobro em cumprimento, regados do Sul e Oeste pelo Arouce, e do Norte pela ribeira da Cachaça, e salpicados de muitos e differentes logarejos, que juntos aos edificios da villa, grandes muros, e pilares de propriedades nobres, avivam a belleza do painel.

São as fazendas umas das outras separadas, as seccas por uma linha d'oliveiras, e as de rega por loureiros, choupos e figueiras, coroados e enlaçados de videiras. É como um jardim continuado, que em muitos logares, sobe um pouco pelas abas da mantanha. Cruzam-se por ahi muitas estradas, que offerecem passeios agradaveis. Um seguimento de tractos montanhosos, que medêa entre a serra de Miranda e os campos da Louzan com o nome de Cumiada, Portella d'Almargem, Valmarélo, etc., limitam-os d'Oeste; do Norte a serra do Açor, ou da Murcella; de Leste e do Sul a da Louzan, em modo que ficam formando uma como larga bacia, defendida por estas differentes serranias.

Estas ricas propriedades não formam o patrimonio exclusivo de meia duzia de familias. O numero

dos pequenos proprietarios, que possuem, como seu, a titulo de foro, ou colonia, é felizmente consideravel; e antes do D. dos foraes apenas pagavam a ração d'oitavo para a corôa. O contraste da verdura dos milhos com o negro das oliveiras nas ourélas, a vista de aquelles arvoredos mais alegres abraçados com as vides, tantos povos animando este recinto pela cultura, imprimiam-nos uma tão doce sensação, que como nos prendia ao solo, que avistavamos, com o amor de naturaes. Mais ao diante divisamos o Caramulo, e saudamos o Bussaco, o qual, erguendo-se solitario e com algumas nuvens sobre o cume, pareceu-nos como base d'uma columna colossal, ou antiga ára de gigantes.

Quando finalmente vencemos a ladeira, achamo-nos não sobre a cumiada, mas em um mar de serras sobre serras. Já o sol se havia escondido abaixo do horisonte, e nós o viramos deixar na athmosphera a sua imagem, e pelas costas d'ella ir descendo pouco a pouco. Densas nuvens escondiam-nos o Trivim, e começavam a desdobrar o véo da noite pelo cimo da montanha. Para todos os lados apenas se divisavam urzes, ou penhascos, a lomba dos montes, ou profundos desfiladeiros. Ainda proseguimos; e lá d'um ponto, no seio mais profundo d'um valeiro, avistamos com surpreza o engenho do papel, e depois as muralhas do castello. Ao diante pascia um grande rebanho. As mansas ovelhilhas, começando a apertar-se umas com as outras para passar a noite, os rafeiros to-

mando os postos de defesa, e os pastores vestidos de suas pelles com a capa traçada sobre o hombro, e zombando das inclemencias do tempo, dos negrumes da serra, e da ruindade dos caminhos, que a nós, melindrosos moradores da cidade, nos começavam a despedir, formavam um quadro singelo, mas solemne. Voltamos ao engenho, tão pagos do trabalho da subida e contentes do passeio, que como que descemos sem dar fé da ladeira, maravilhando-nos de que tão breve nol-a tivessem aplanado.

II

O ALTAR DO TRIVIM

Il monte et l'horison grandit à chaque instant;
Il monte et devant lui l'immensité s'étend,
Comme sous le regard d'une nouvelle aurore,
Un monde á chaque pas pour ses yeux semble éclore;
Jusqu'au sommet suprême où son oeil enchanté
S'empare de l'espace et plane en liberté.

De Lamartine.

Attrahidos vivamente por este passeio, e considerando á vista d'elle exageradas as informações, que receberamos sobre o caminho mais breve para o Trivim, no dia 9, pelas cinco da manhã montamos a cavallo, e seguimos a estrada que fica á direita do Arouce. Esta encosta é com effeito empinadissima, e sobre a esquerda um pouco em precipicio; mas não tem fragas, nem lages, em que possa escorregar-se; basta caminhar em distancia um dos outros, e parar a miudo para dar folego aos cavallos.

Depois de termos avançado obra de um quarto

de legua, começou a descer sobre nós um denso nevoeiro, que não só nos encubria o campo e a serra, mas quasi que nos tolhia o caminho. Sentidos d'este grave inconveniente, que malograva o primario fim da nossa viagem, continuamos ainda largo espaço por esta semi-noite, até que o sol principiou a deixar-nos entrever alguma maior claridade; e logo adiante nos achamos em um céo tão puro, tão brilhante e esplendente, como carregada e sombria era a anterior atmosphera. Mas se por ventura este contraste nos tocou algum instante, rapido foi elle, porque um movimento involuntario, um toque como electrico nos fez suspender os cavallos para estender a vista, e embriagar o pensamento na immensidade d'um oceano imaginario, infinito e magestoso, como o verdadeiro, e illuminado pelos raios do sol da madrugada. A nossos pés estendia-se a nevoa igual para todos os lados; mais proxima de nós era liza como um espelho, reflectindo o céo, a montanha, e o astro do dia, que orlado com um pequeno iris parecia vir nascendo: mais ao longe era um mar encapellado; distinguiam-se-lhe as vagas, e as ondas d'alvissima espuma. Do Sul e Oeste nenhumas terras se avistavam. Á medida que subiamos, tornavam-se mais distinctos alguns dos seus limites nas outras direcções. Uma sombra longitudinal se nos mostrou ao Noroeste, como terra distantissima; era a serra do Caramulo. As da Murcella e da Estrella offereciam mais sensiveis as suas cumiadas; e

as profundas sinuosidades da serra da Louzã deixavam-nos gosar de mais perto grande numero d'enseadas, pelas quaes o oceano estendia as suas aguas. Um silencio profundissimo pairava sobre este quadro majestoso.

Pareceu-nos estar vendo este mar immenso, que ultrapassando os seus limites cobria as cidades e as aldeias, os valles, as collinas e os outeiros, nos espantosos dias da colera do Senhor, nos dias do diluvio; e a cada instante, avançando mais um passo, engulia milhões d'homens! Com que horror, com que terrivel agonia aquelles que sobre a crista das montanhas iam fugindo á sua furia, olhariam estas aguas, sepultura da casa e do campo hereditario, dos pais, dos filhos, dos amigos! este oceano, sobre o qual a morte, esvoaçando, vem já para devoral-os!

Mil outros pensamentos, graves e profundos, occupavam-nos o espirito, como que aterrado na presença de tamanha maravilha. Quantos vicios, e quantas virtudes (alguem disse) não encobre este oceano! Lá em baixo n'esse mundo, que as suas aguas nos escondem, quantas afflicções, quantos pesares, quantos desassocegos e ambições, e quam pouco de paz e singeleza!—E em verdade n'aquelle momento como eram verdadeiras estas tristes reflexões!—Cem vezes mais feliz o misero serrano, habitador d'essas humilissimas choupanas, que ao longe divisavamos; cem vezes o pastor, mais feliz que lá distante apascentava os

*

seus rebanhos, do que o enthusiasta, que n'esta hora, saltando sobre o cavallo já cançado, ia discorrer por montes e por valles, mendigando d'amigos e d'estranhos a esmola do voto eleitoral; e no fim do dia, cançado e arquejante, d'uns recebido com ironico surriso, d'outros com promessas fraudelosas, mal poderia conciliar o somno, que a ambição lhe afugentava!

Outro menos philosopho recordava-se da brilhante poesia do excellente *Fernandes*, [1] quando pintou a primitiva saida do Mondego d'entre as serras, que o continham, e nós agora avistavamos. O *Bussaco*, o *Caramulo*, a *Estrella*, as serras de *Góes* e da *Murcella*, cingiam-lhe o leito como paredes colossaes, até que um dia, cortando a *Murcella* do *Bussaco*, rompeu a *Pena-Cova*, e correu para o oceano.

No sitio em que o Mondego, cohibido
Por eternas barreiras, lá da origem
Do mundo, pouco e pouco,
C'o ceruleo Nereo volvendo as horas,
Seculos mil e mil acumulara,
Jove troou dos ares: . . . e os gigantes
Do Góes, do Caramulo, e do Bussaco
Do pégo pelas vagas s'esconderam.

[1] Poesias do padre *José Fernandes d'Oliveira Leitão de Gouvêa* pag. 21.—Coimbra 1836—1838, 1. vol. in 12.

Mas de Neptuno a força pelo meio,
Indignando balisas, c'o as entranhas
D'humedecido monte, furibundo,
A successão rasgou da Hermínea serra;
E o que foi mar, é solo . . .

Nem era impropria e estranha a recordação. O espaço, que tinhamos á vista, era como um grande lago, reprezado por esta successão da serra da Estrella, cuja extensa cumiada sobresaía d'em redor acima das aguas.

Havia já longo tempo, que tendo cessado a trepada mais ingreme, subiamos por encostas menos empinadas, ou pelo dorso plano dos montes, e julgavamos proximo o Trivim, que apesar da ausencia do nevoeiro não tinhamos ainda avistado; quando ao voltar um pouco para a direita demos com os olhos n'elle em consideravel distancia, e ainda bastante elevado, com a sua pyramide no cume sobre esta immensa accumulação de serranias. O caminho até aqui livre de pedras soltas e fragas, torna-se n'estas alturas um pouco mais escabroso: mas sem precipicios, sem rochedos escalvados, sem penhascos, que nos impedissem o transito, fomos apear-nos junto da pyramide.

Assim como ha sentimentos fortes, que nem todos experimentam, e muitos menosprezam como exaltações de romance; assim ha tambem commoções profundissimas, commoções que accendem n'alma um fogo até

ali desconhecido, e como que lhe tornam palpavel a summa grandeza do seu ser, mas que nem todos são capazes de sentir. Subi, se tendes um coração dotado de sentimentos elevados, ao pinaculo dos montes; e sentireis esta verdade. Ali a vossa alma respirará um ar purissimo, que sem estorvo gira liberto dos miasmas putridos dos corpos phisicos, mais livre ainda dos miasmas, cem vezes mais pestiferos, dos espiritos corruptos, que innundam lá por baixo aldeias e cidades: as serras, não sobranceiras, e dependuradas sobre as cabeças, mas humildes e submissas, se curvam debaixo de vossos pés, emquanto o céo, mais visinho, como que parece tocar-se com a mão, e abaixar-se para que mais prestes deixeis a terra do exilio, e subais á eternidade.

Todos estes sentimentos, todas estas commoções as experimentamos no Trivim. Levantado de todos os lados, e como figurando um altar da natureza, [1] a

[1] Este elevado cabeço é conhecido dentro e fóra do districto da Louzan, pelo nome d'*altar do Trivim*. A historia ou a fabula conta, que pelo tempo de Sertorio, e pelas mesmas causas se refugiara na Lusitania *Estella*, *Augur Romano*, e *Triumviro* (por ventura dos que tinham por officio a reparação dos edificios sagrados, e eram escolhidos d'entre os mais qualificados) homem de grande nome e piedade ao modo dos pagãos, o qual erguera altares e fazia sacrificios na *Estrella*, e no *Trivim*, ficando estas serras com o seu nome, *Estrella d'Estella*, e *Trivim*, abreviado de *Triumvir*; e que este ultimo se ficou chamando *altar* da ara, sobre a qual o agoureiro offerecia aos Deoses os seus votos. M. Leitão d'Andrade. *Miscell.* Dial. 16.

2,500 pés [1] acima do nivel do mar, e não tendo por toda aquella redondeza alguns competidores, apenas nos confins do horisonte o excediam a serra da Gata, ao Nascente na Hespanha e ao Nordeste o Malhão na da Estrella. Dous como lagos extensisssimos se abriam a nossos pés : o de Leste era parte circuitado pelas serras da Estrella, do Catrão, e S. Vicente: do Norte para o Nascente, corriam os seus limites pelo alto pico da Senhora das Preces na serra da Aguieira e logo atraz o mais erguido cume da Estrella; adiante a sequencia d'estas serras, abatendo sobre a Beira baixa, e acabando de repente em um angulo com a serra do Catrão; a qual logo ahi se levantava magestosa, e, seguida pela de S. Vicente, continuava o circuito de Nascente para o Sul.

Espessa nevoa nos tolhia a vista dos bellos campos do Riba-Tejo, e planicies do Alemtejo, que por esta extremidade haveriamos de avistar.

O grande lago do Poente era orlado, pelo Norte, com as serras da Estrella e da Murcella, e lá ao longe pelo Noroeste com as serras do Monte de Muro, Caramulo e Bussaco. Á esquerda, este monte, consagrado pela piedade, pela gloria, e pela poesia, como que soltando-se da cordilheira d'Alcôba, vinha unir-se por meio da serra da Murcella á da Estrella. Á direita, as serras do

[1] Balbi *Stat. du Port.*—em duvida.

Catrão e S. Vicente nada mais pareciam que uma sequencia d'aquella soberana de nossas montanhas, que no centro do quadro prendia, e abraçava todas estas differentes serranias.

Os saudosos campos do Mondego,

a nossa patria, e o Atlantico, estavam cubertos com as nevoas, que ha pouco descrevemos.

Certamente que as muitas, diversas e bellissimas paisagens que a nevoa nos não consentiu que avistassemos, nos tornariam esta manhã mais curiosa e variada; mas este mesmo inconveniente nos serviu a fixar melhor na memoria o desenho do paiz, porque não deixando o nevoeiro vêr outra cousa senão a crista das montanhas, ficavam estas mais salientes e distinctas.

A um quarto de legua, pouco mais ou menos, do Trivim, avistamos uma pequena povoação com os dous poços da neve. Os geographos, [1] que por occasião d'estes depositos, dos quaes vão regularmente para Lisboa muitos carros de neve no verão, attribuiram o seu commercio á villa da Louzan, escreveram sobre informações superficiaes e inexactas. Estes poços pertencem a contratadores de Lisboa os quaes tem um commissario no Coentral, que dirige a juncção da neve no inverno, e a sua remessa no estio. Ao cabo da ladeira do Nascente, e tomando um pouco para o Sul,

[1] Vosgien, Gutherie, etc.

estende-se a ribeira de Pera, que nos pareceu tão amena, como fertil; e é regada pelo Alge, que nasce do Trivim. Na ladeira do Poente, e a pequena distancia da pyramide uma pequena fonte, que depois nos disseram preciosa, é a origem do Arouce. Um grande rebanho pascia d'este lado; e um dos pastores trouxe-nos na sua caldeira excellente leite, que saboreamos encostados á pyramide. Distantes dos seus, ao rigor dos soes e das chuvas, sacudidos pelos ventos, observando muitas vezes o sol radioso sobre as suas cabeças, e o raio fusilando debaixo de seus pés, estes pobres pastores vivem pela serra desde maio até agosto.

Em quanto á pyramide, que corôa o Trivim, a sua origem não excede os fins do seculo passado e começo do presente. O engenheiro Ciéra, encarregado pelo principe regente, depois d'el-rei D. João VI, da triangulação do reino para o fim de poder traçar-se um exacto mappa geographico do paiz, de que temos tanta falta, estendeu os seus trabalhos a quasi todo o reino, e fez levantar pyramides nos pontos principaes; mas interrompido pelos acontecimentos, que desde a mesma epocha tem sempre embaraçado o adiantamento das cousas portuguezas, não pôde terminal-os. Recentemente alguns engenheiros portuguezes; e entre elles o sr. *Filippe Folque*, foram encarregados de rectificar e concluir a obra de Ciéra.

Os habitantes da Louzan tinham-nos prevenido

contra o ar frio e quasi sempre sibilante do Trivim: encontramos uma doce primavera. Mas temendo o sol de julho na descida para o engenho, fizemo-nos de volta seguindo a estrada, que nos inculcaram por melhor, e que talvez exceda a duas leguas de distancia.

Pela grande lomba das serras, por um terreno em grande parte capaz de producção, e sempre suave e aprasivel, viemos descendo até ao ponto, que no dia 7 visitaramos: e bem que já ahi não encontrassemos os pastores com seus gados, nem as mysteriosas sombras d'entre noite e dia, mas tão sómente os nevoeiros, que despedidos da planicie volviam a postar-se sobre a serra, pudemos com maior facilidade desfructar o risonho painel dos campos da Louzan, agora mais brilhantes com o sol da manhã, que por entre as escuras oliveiras fazia sobresair a alvura dos casaes, dos muros e pilares e a fresca verdura das searas.

III

A FABRICA DO PAPEL

Tout vit: j'entends par tout retentir les échos
Du bruit des atelieres, des forges et des flots;
Les rocs sont subjugués; l'homme est grand, l'art sublime;
La montagne s'égaie, et le désert s'anime.

Delille.

Vão mais adiante as curiosidades d'estes sitios. Se a amenidade dos campos e a alteza das serras ostentam junto da Louzan as suas graças naturaes, o economista folga de vêr estas formosas searas e aquelles numerosos rebanhos a par d'uma fabrica em sensivel progresso. Se o philosopho póde offertar ao Eterno no altar do Trivim o incenso das mais nobres ideias e pensamentos, o romancista e o poeta encontram aqui um valle tão original e curioso, tão rico da natureza e d'arte d'outras eras, que nos parece, que por elle trocariam de bom grado os campos, a fabrica, e o Trivim.

Entre as differentes gargantas, que cortam a serra distingue-se uma ao Sul da villa. Um estreito valeiro

corre pelo meio até certa distancia, fecundado e enriquecido pelas aguas do Arouce e pelo genio do homem. D'um e d'outro lado serras empinadas dependuram-se sobre elle, as quaes sendo em grande parte povoadas de oliveiras e em alguns sitios de castanheiros, parece um milagre como alguem pôde trepar a plantal-os, e como é possivel colher-lhes o fructo.

As tortuosidades, que vai fazendo o valeiro, encobrem os thesouros que guarda em seu seio. É o assento da fabrica, da qual não se avista alguma parte até chegar-se ao todo do edificio, a não ser um pouco antes um armazem rodeado de doze fogos, quando muito. O espaço, que as serras deixam para as casas e para o alveo da ribeira, é tão estreito, que foi forçado accumular officinas sobre officinas, ficando todas arrumadas á serra da direita, e com o telhado tocando na ladeira, em quanto que o rio da outra banda vê prender igualmente sobre si a serra da esquerda. O céo amostra-se como uma larga fita azul sobre as cabeças; e o sol no inverno não chega aos telhados do edificio. Uma casa nova e elegante sobre a direita do Arouce, seguida da Capella e officinas, que volvem sobre o rio; da esquerda algumas hortas e um formoso jogo da bola, assombrado por uma nogueira colossal, e outras arvores á margem da corrente; entre os edificios e as hortas um bom pateo, é este o desenho exterior da fabrica. As aguas, que desde grande distancia vem levantadas muito acima do alveo, e conduzi-

das em levada até ao nivel do ultimo andar do edificio da banda do Nascente, despenham-se ahi sobre tres rodas, duas das quaes fazem mover quatro ordens de massos de desfiar e repistar, e uma um cylindro com o mesmo destino. Na extremidade do valeiro, e muito acima do edificio principal, ha outra casa de massos.

Das differentes informações que procuramos ácerca d'este estabelecimento, tão sómente podemos colher, que no reinado d'el-rei D. João V, senão antes, um estrangeiro, tendo recebido do governo dous contos e oitocentos mil reis d'emprestimo, fôra o seu fundador. Em 1749 pelo alvará de 19 d'abril prohibiu-se a exportação do trapo em seu beneficio. Mas o estrangeiro ou seus successores, descuidaram-se do pagamento da divida, e em tempo do marquez de Pombal, tomou o governo a si a fabrica para pagamento, encarregando-a a alguns grandes negociantes de Lisboa, cuja caixa foi por muito tempo *João Antonio de Amorim Vianna.*—*José Accursio das Neves*, no tomo 1.º das suas *Variedades* faz menção d'ella em poder de *Vianna*, e considera-a em progresso. Todavia no anno de 1821, em que foi vendida aos penultimos proprietarios, apenas tinha tres tinas, e produzia o terço, pouco mais ou menos, da sua actual producção. N'este estado se conservou a fabrica até 1833, em que o sr. *Lemos* ficou seu unico proprietario. D'esta epocha data o seu maior augmento e aperfeiçoamento. Accrescentou-lhe mais duas tinas e um cylindro; e parte por effeito de

estas bemfeitorias, parte pela excellente administração do estabelecimento, o qual é regido com muito zelo, actividade e intelligencia pelo snr. *Antonio Gonçalves*, a producção tem chegado ao triplo do que era. Trabalha-se em um novo cylindro, e mais duas tinas, que breve estarão em exercicio. E quem comparar o papel d'hoje com o antigo, quem examinar o papel das notas do Banco de Lisboa ahi feito, e especialmente algumas resmas d'encommenda, não poderá duvidar do insigne melhoramento dos productos n'estes ultimos annos; e quando isto não bastasse, poderiamos argumentar com o extraordinario consummo, que do papel da Louzan se faz em todo o reino, e incessantes encommendas, que a fabrica mal póde satisfazer; o que, se por um lado lhe assegura promptos reembolsos, por outro a estorva muitas vezes de dar ao papel uma inteira perfeição. Ha um só objecto, em que resta muito a desejar, papel de folha franceza proprio para impressões, porque a verdade exije que se diga, que o papel d'este formato fabricado na Louzan ainda não póde supprir o estrangeiro; e o almasso, em que esta viajem é impressa, [1] pelo seu pequeno talho e alto preço vem a ser dispendiosissimo para quem quer que o adoptasse na publicação dos seus escriptos. Mas como do pouco se vai ao muito, e nós acreditamos, que o sr. *Lemos* não se poupará a esforços por adian-

[1] A 1.ª edição foi impressa em almasso da Louzan 1.ª sorte.

tar a sua fabrica, chegará em fim, um dia, que possa unir-se o amor do nacional com a propria conveniencia.

Deram-nos duas rasões, que nos convencem da impossibilidade de se alcançar desde já este grande melhoramento,—a necessidade, que tem a fabrica de consumir a maior parte do trapo com o papel sellado, cuja feitura foi contractada com a *Junta do Credito Publico*, em numero de 6:000 resmas; e a falta dos mechanismos aperfeiçoados, que se estão usando nos outros paizes, e aos quaes não é possivel chegar de salto.—Além do papel sellado a fabrica tem contractado com a redação do Panorama fornecer-lhe o papel d'este jornal em numero de 700 resmas, e o mesmo com a do Diario do Governo em numero de 1:200.

Oitenta operarios de differentes qualidades occupam-se quotidianamente n'este estabelecimento; mas como as aguas costumam escassear pelos fins do estio e pelo outomno, a maior fabricação do papel não excede a oito mezes, excepto em annos de grandes chuvas, como foi o corrente. Nos outros mezes fabrica-se o papel pardo, o qual exige menos dispendio d'agua e de tempo; e aproveitando-se a monsão para fazer os reparos maiores, ou bemfeitorias, que se hão mister, com os mesmos operarios desoccupados, nunca lhes vem a faltar pão e trabalho. Por toda a parte aqui se observam os effeitos da abundancia em uma vida occupada, mas não cançada, porque as operações mais penosas encarregou-se d'ellas a natureza e a mecha-

nica. Alegra-se o coração, vendo ajuntar-se nos dias santos um sem numero de crianças, alegres e sadias, lavadas, bem vestidas, e cortezes.

No fabríco do papel occupam-se homens, mulheres e crianças. Cortar o trapo, peneiral-o, e escolhel-o é obra das mulheres. Dirigir as maquinas, extrair a massa das tinas, pertence aos homens. Pol-o a enxugar nos armazens, a que chamam *estendiores*, é das mulheres. Preparal-o para entrar na colla depois de secco *(amanar as cópias,)* dar-lhe a colla, é dos homens. Separar as folhas depois de colladas, e repol-as a enxugar nos estendiores *(manir,)* tirar-lhe algumas desigualdades *(lixal-o,)* e encadernal-o, é das mulheres. Ultimamente marcal-o, aparal-o e enresmal-o é dos homens.

O espaço, que medêa entre o edificio principal e a casa dos massos isolada, que acima indicamos, é muito sufficiente para conter uma grande leira de terra de milho, e dous passeios encantadores. Um largo dique d'alvenaria vem sustentando a levada desde a casa dos massos e progride para além d'ella pelo rio acima. A serra pela direita ampara a mesma corrente com grandes penhas em alguns sitios. Uma elegante latada sobre formosos pilares cobre o dique e a levada ao sair do edificio, quasi até meia distancia da casa dos massos. Succedem-lhe choupos abraçados com videiras e outras arvores, que sobem das hortas a assombrar o passeio. Mais ao diante, da banda da serra, trocam-se as ro-

chas por um pequeno souto, cujos compridos ramos e largas folhas vem dependurar-se sobre as claras aguas da levada. Encontram-se alguns commodos assentos.

Junto á casa dos massos, fundada mesmo no remate do valeiro, e no começo d'um apertado desfiladeiro, pelo qual vem cahindo as aguas do Arouce, ajunta-se a este dique superior outro inferior, que defende as hortas das aguas da ribeira, orlado de choupos e videiras. Do primeiro desce-se para o segundo por escadas repetidas; e ambos convidam ao passeio no mais profundo retiro, á sombra dos arvoredos, ao murmurio das aguas, e ao som longinquo dos martellos.

As arvores, os penhascos, as aguas do rio e da levada, as ladeiras empinadas e altissimas da serra, o céo toldando este recinto, eis os unicos objectos, que se divisam e que lançam n'alma uma doce melancolia.

A levada é o passeio favorito e o logar de reunião, a todas as horas do dia, para os de casa e de fóra.

IV

O CASTELLO

Em monte calvo e deserto
Vê-se um vulto negro ao longe;
Castello é, vendo-se ao perto;
Mas castello derrubado,
De bons tempos, de outras eras.

A noiva do sepulcro.—Panorama.

Os viajantes, que tentam passar além da ultima casa dos massos, apenas encontram enormes penedias, [fragas e precipicios, e um ou outro moinho de farinha. Parece que a mão do homem cedeu ali finalmente á natureza selvagem. Mas, se enleados no prazer de descubrir sitios nunca d'antes visitados, e tão diversos dos que se encontram d'ordinario, proseguem audaciosos, cavalgando os rochedos, e transitando pelo mesmo leito do Arouce, pagar-se-hão muito do trabalho com a vista das graciosas catadupas, pelas quaes a agua vem sussurrando e borbulhando. E quando mais ávante, sobre erguido promontorio, e como encantada no mais obscuro e escondido d'este desfiladeiro, divisar formosa torre; a novidade do sitio, o encontro

inesperado, e as memorias passadas dar-lhe-hão azas, que o sustentem até ao alto do castello.

A corrente do Arouce, que depois de ter sahido do *Trivim* se engrossára com o tributo d'outras muitas ribeiras, toma ultimamente a direcção quasi constante de Leste a O. pelo meio da garganta, que vamos descrevendo, até que chega a 600 p., pouco mais ou menos, da Louzan; e ahi, interceptada por aquelle promontorio se vê obrigada a flanqueal-o de Leste, S. e O. para continuar em sua derrota.

Enormes fragas, rochedos pont'agudos, e tão dependurados sobre o Arouce, que a vista se perturba olhando de cima para a corrente, defendem esta como peninsula, a qual prende com a serra da direita, e por ella tão sómente póde ser entrada. Antigas fortificações com um largo fosso defendem este passo. É um castello pequeno; quarenta soldados mal poderiam trabalhar d'entro d'elle; mas é tão bem construido, que apesar de muitos seculos, que hão por elle passado, e da barbaridade com que os serranos tem pretendido derrubal-o, em busca de thesouros escondidos, conserva-se quasi inteiro, principalmente a torre; e é sitio disposto por tal modo, que poucos ou nenhum outro haveria tão bem assentado e escolhido para a maneira de combater d'aquelles tempos. Adiante das fortificações sobeja ainda terreno para uma pequena povoação, cuja existencia é inculcada por alguns restos de muros e pedras soltas de paredes. Da extremidade

d'este promontorio disfructa-se uma vista original. Na frente vem descendo por pequenas cataratas, e por debaixo d'arvoredos a *ribeira da pedra boa*, que logo ahi bem defronte desagúa no Arouce: á direita d'aquella ribeira amacia um pouco a aspereza da montanha, e lá ao longe deixa vêr um logarejo com seus trigos e castanheiros. A O., olhando pelo desfiladeiro, encontram-se os campos da Louzan, e a serra de Miranda. O painel da banda do Nascente é de sobejo pintoresco. São os rochedos, que orlam o Arouce, e que em muitos logares parecem querer tomar-lhe o passo, prolongando-se até se perder de vista pela serra dentro. É o rio mais desembargado em outros sitios, amostrando as suas claras aguas entre os penedos do seu leito: é uma ponte antiga d'um só arco sobre o rio: são pequenos moinhos, morada d'algumas familias pobres de serranos: é mais que tudo uma linha de brancas capellinhas, que vão trepando e coroando um solitario penhasco colossal.

Quantas gerações, quantas crenças, quantos costumes, quantos differentes governos se tem succedido n'estes contornos desde a fundação do castello! E quantos ainda se seguirão na longa rotação dos annos, sem que o tempo possa derrubar estas muralhas! Emanação de Deos, o espirito do homem tenta imitar as suas obras. Em quanto estas immensas serranías, obra do Creador, e sempre novas, não temem a decrepitude; este castello, firme contra o

impulso das tempestades, e a traça roedora dos seculos, obra do espirito do homem, perdúra como elle, e vê passar em volta de seus muros gerações e gerações! Mas o espirito do Creador é omnipotente e infinito, e o do homem circumscripto: assim a montanha ouvirá o som tremendo da trombeta do dia derradeiro; e do castello, mais cedo ou mais tarde, não haverá pedra sobre pedra. Um dia sobre seus fundamentos passará o viajante, e nenhuns vestigios lhe dirão, que as bandeiras tremularam n'este sitio! Feliz ao menos, se algum novo trovador, sacudindo o pó da sua historia lhe cantasse:

"*As armas e os barões assignalados;*"

que só então, transmittido seu nome d'echo em echo, poderá igualar na existencia as serras e as montanhas; tamanho é o teu poder, dom dos céos, ó poesia!

Nem lhe faltariam na historia dos nossos primeiros tempos memorias para o canto. A fundação do castello data de tempos remotissimos: pois sem acreditarmos as fabulas de *Miguel Leitão d'Andrade,* que imaginou reinar em Coimbra, em tempos de Sertorio, um rei chamado *Arunce,* o qual erguera o castello da Louzan, então *Arunce,* ou *Arouce,* e n'elle escondera e encantara sua filha com a maior parte dos thesouros; [1] lemos na Corographia portugueza, e no vocabulario de Bluteau, que fôra o seu fundador o conde

[1] *Miscellanea,* Dialogos 15 e 16.

D. Sisnando, pelos annos 1080 da era christã. Os mesmos escriptores certificam a existencia d'uma povoação pegada com os muros do castello. [1] Mas confrontando esta origem com o que nos diz *Brandão* no livro 8.º da Monarchia Lusitana, o qual refere, que o conde D. Sisnando ganhara aos mouros— *Vilarinho, que devia então ser algum castello, ou seria o da Louzan, o qual fica perto*—e que fundara, ou reparara entre outros o castello de Foz d'Arouce, inclinamo-nos a crêr, que em tempo de D. Sisnando, e desde muito antes, já o da Louzan existia construido e occupado; e que talvez os dous primeiros escriptores o confundissem com o de Foz d'Arouce; e tanto mais, porque é sabido, que sendo os arabes das Hespanhas não só grandes letrados, mas agricultores, nunca a Hespanha se viu tão povoada, como durante o seu dominio. Quem pois poderá crêr, que nos campos da Louzan tão fer-

[1] « Era este castello, ainda hoje tão inteiro, como se fosse feito « em nossos tempos (era de 600,) com quatro baluartes ao redor quasi « em quadro d'elle, que é bem alto e posto na entrada de uma penin- « sula, que faz este rio, ou ribeira, em que estava a villa, a qual « ainda tem sua cêrca de muros pequenos e baixos, e dentro as casas « deshabitadas com só as paredes tambem baixas; e nenhuma das ca- « sas tinha porta para a rua direita, senão em travessas muito estrei- « tas, parece para não poderem ser offendidos dos tiros de fóra. » *Miscell.* Dial. 16.

Mais atraz no Dial. 15, o sitio do castello é melhor significado: *—edificado nas entranhas e coração de umas serras—quasi feito ilha, cercado de uma ribeira muito fresca.—*

teis e amenos, e tão visinhos de Coimbra, côrte de reis arabes, não houvesse desde logo grandes povoações na planicie, e castellos pela serra, aonde os lavradores se acolhessem, quer nas guerras dos pequenos principes, que succederam aos califas, quer posteriormente contra os christãos? O nome de *Lousan*, [1] e o sitio do castello, tão azado para as fortificações d'aquelle tempo, concorrem a confirmar-nos o juizo.

Uma outra circumstancia, a qual prende a historia do castello com a dos primeiros passos da litteratura portugueza, se é verdadeira, destroe inteiramente a sua supposta fundação em tempo de D. Sisnando.

Leitão d'Andrade dá noticia, de que sendo este castello conquistado aos mouros, fôra ahi encontrado um livro antigo despedaçado e ensaguentado, em que se liam algumas oitavas, que transcrevemos, d'um poe-

[1] « E do nome d'este rei *Arunce* se chamava a villa e castello « do Arouce, que deu o nome tambem á ribeira, como hoje ainda se « chama Arouce, o qual nome não cabendo bem na lingua dos arabios, « por Arouce diziam *Alóçan*, que elles chamam ao cavallo; e porque « no tempo que foi cobrado dos christãos, a nossa lingua de esses « tempos e muitos depois, como ainda agora em algumas partes de « Portugal, pronunciavam as palavras com uma toáda prolongada no « cabo pelas adocicarem em *ans*, como dizendo Maria diziam Mariam, « achado Arouce convertido pelos Arabios em Alóçan, diziam e a « chamavam *a louçam*, que lhe ficou até agora esse nome. A qual « villa ou povoação d'ella os antigos mudaram de seu antigo e pri- « meiro assento com o mesmo nome para onde agora está, deixando « só as paredes das casas, como agora se vê ; e isto para melhor « commodidade de seus bellos campos. » *Misc.* Dial. 16.

ma da invasão dos mouros, escripto, segundo suppoem, por D. Rodrigo, ultimo rei dos godos. [1]

O rouço da cava imprio de tal sanha
A Juliani e Horpas a saa grej daninhos,
Que emsembra co os netos de Agar fornezinhos
Hua atimarão prasmada façanha:
Ca Muça e Zariph com basta companha,
De jusu da sina do Miramolino,

[1] F. Diniz no *Res. de l'his. du Portugal not.* põe em duvida esta tamanha antiguidade do poema com a opinião de *Sismondi* e *Raynouard.* O mesmo historiador, e Balbi na *Stat.* de *Portugal.* attribuem a achada a el-rei D. Sancho I, conquistando o castello em 1187. Não podemos crer este successo. Já D. Affonso Henriques, senhor de Leiria, de Santarem e de Lisboa, não só afugentara, mas derrotara os sarracenos para além do rio Tejo. D. Sancho I, teve a combatel-os n'estas duas ultimas provincias d'Alem-Tejo e dos Algarves: as invasões, que os mouros fizeram por differentes vezes, depois do anno de 1187, para cá do Tejo, não consta que chegassem tão proximas da côrte, como seria, se viessem a Louzan. A *Mon. Lus.* falla de mais d'uma correria até Alcobaça e Thomar, mas não avante. *Leitão d'Andrade* no dial. 16, faz menção d'umas letras *quasi gastadas e falhas que ainda hoje parecem* na ermida de S. Pelaio, que a Corographia e o mesmo escriptor inculcam ter existido dentro do castello, das quaes parece poder inferir-se, que no anno de 1120 el-rei D. Affonso Henriques mandara benzer e reparar a capella como tendo-a conquistado. Nem repugna que depois de D. Sisnando o castello recahisse no poder dos Sarracenos. Parece-nos, que *Diniz* copiou a Balbi; e este não authorisa o seu asserto. Faria *Europ. Port.* Tom. 3. P. 4. C. 9. pag. 378, que tambem refere estes versos, e a sua achada, não fixa a era, attribuindo a conquista ao 1.º, ou 2.º dos nossos primeiros soberanos.

Co falso infançom, e prestes malino
De Cepta adduxerõ ao solar de Espanha. [1]

E porque era força, Adarve e foçádo
Da Betica Almina e o seu Casteval
O Conde, per encha e pro comunal,
Em terra os increos poyarão a saa grado.
E Gibraltar, maguer que adarvado
E co compridouro pera saa defensão,
Pelo suzo dito sem algo de afão
Presto foi d'elles entrado e filhado. [2]

E os ende filhados leais á verdade
Os hostes sedentos de sangue de onjudos
Meterão a cutelo aprés de rendudos,
Sem esgoardarem a sexo nem idade.
E tendo atimada a tal crueldade,
O templo e orada de Deus profanarão,
Voltando em mesquita, hu logo adorárão
Saa besta Mafoma, a medes maldade. [3]

[1] Explicações extrahidas de Balbi Stat. 2.° pag. ij e de *Miguel Leitão* Dial. 16.—*Rouço*, violador. *Cava*, manceba: *Imprio*, encheu. *Emsembra*, juntamente. *Fornezinhos*, bastardos. *Atimarão*, acabaram *Prasmada*, admiravel. *Ca*, porque. *De jusu*, debaixo. *Sina*, bandeira. *Infançon*, fidalgo. *Prestes*, Bispo. *Adduxerão*, trouxeram. *Solar* terras.

[2] *Adarve foçado*, fortaleza com fossos. *Casteval*, Alcaide-Mór, *Encha*, ira. *Pró*, proveito. *Comunal*, commum. *Poyarão*, desembarcaram. *Afão*, fadiga.

[3] *Ende*, ali. *Onjudos*, christãos *Atimada*, acabada. *Hu*, aonde. *Medes*, mesma.

O gazu e assalto que os da aleivosia
Tramarom (pos voltos de algo sayões)
Co os dous Almirantes da hoste mandões
Quedárom com farta soberba e folia.
E Algezira que o medes temia,
Por ter a maleza cruenta sabudo,
Mandou mandadeiro, como era teuda,
Ao rouçom do rei que em Toledo sia.[1]

Mais curiosos documentos dos primeiros dias da nossa monarchia encontramos no mesmo escriptor, os quaes é impossivel deixar de memorar, fallando do castello da Louzan.

Já os mouros repellidos pelo conde D. Henrique, e por seu filho começavam a abandonar o Norte do Tejo, e a concentrar-se nas cidades fortes do Além-Tejo e do Algarve. Era Coimbra a côrte do fundador da monarchia, e os campos e serras da Louzan, então melhor apreciados e mais conhecidos do que hoje, pela sua frescura e amenidade frequentes vezes visitados dos soberanos. Crê *Leitão d'Andrade*, que a rainha *D. Mafalda* vinha folgar algumas vezes ao castello da Louzan com suas Damas; e que morrendo-se d'amores por uma d'ellas, de nome *D. Violante*, *Egas Moniz Coelho*, ali se encontraram duas cartas do amante para

[1] *Gazu*, matança. *Pos voltos*, tomados. *Algo*, fidalgos. *Sayões*, algozes. *Folia*, oufania. *Maleza*, maldade. *Sabudo*. sabido. *Teudo*, obrigada. *Rouçom*, forçador. *Sia*, estava.

a amada, que nos representam a litteratura portugueza nas primeiras faxas da infancia; a primeira, ausentando-se *Egas Moniz*, e a segunda quando na volta achou casada a sua dama com um fidalgo castelhano por mandado da rainha; d'onde resultou elle finar-se de paixão, e ella com peçonha. Ora, ainda que mal possa acreditar-se que uma rainha habitasse, e muito menos para folgar, o castallo da Louzan, sendo antes crivel, que se a achada é verdadeira, o castello houvesse sido em algum tempo morada do cavalleiro, como seu alcaide; todavia pela estimação, que estas cartas tem merecido, aqui as damos por extenso, supprindo a sua importancia litteraria á veracidade da historia.

1.ª CARTA

Ficades bos embora
Taom coitada,
Que ei boime por hi fora
De longáda.

Bai-se o bulto de mei corpo,
Mas ei nom,
Que ós çocos [1] bos finca morto
O coraçom.

Se pensades que ei vom,
Non no pensedes,
Que chantado em bos estom
E non me bedes.

Mei jazido, e mei amar
Em bos accarra [2],
Grenhas [3] tendes despelhar [4]
E luzia [5] cara.

[1] Tamancas por chapins.
[2] Emprega.
[3] Cabellos.
[4] Resplandecer.
[5] Luzida

Nom farom estes meis olhos
Tal abesso [1],
Que esgravisem [2] os meis dolos [3]
Da compeço. [4]

Mas se ei for pera Mondego,
Pois la vom,
Carulhas [5] me fagoam cego.
Como ei som.

Se das penas do amorio,
Que eu retouço,
Me figerem tornar frio
Como ei som.

Aimademe [6] se queredes
Como lusco [7],
Senaom torvo [8] me acharedes
A mui fusco. [9]

Se me bos a mi leixardes,
(Deis me garde)
Não asmeis bos de queimardes
Isto que arde.

[1] Sem rasão.
[2] Esmiuçar,
[3] Dores.
[4] Começo.
[5] Gralhas.
[6] Amai-me.
[7] Luz.
[8] Turbado.
[9] Triste.

Hora nom deixedes nom,
Que sois garrida,
A sanom cristelejom
Por minha vida.

Egas Moniz Coelho.

2.ª CARTA

Bem satisfeita ficades,
Corpo doiro;
Alegrade a quem amades,
Que ei já moiro.

Ey bos rogo bos lembredes
Que bos quige,
A que dolos nom abedes,
Que bos fige.

Cambastes a Pertigal
Por Castilha,
Abasmades o mei mal,
Que dor me filha.

Granhaisme por Castijanos,
E pestineque,
Achantaisme binte enganos,
Que me seque.

Bedes moiro, bedes moiro,
Biolante,
Longe ba o sestro agoiro
Por diante.

Bos bibede hum centanairo [1]
Mui garrioso,
Que ei me boi pera o trintario [2]
Lagrimoso.

Hah se á bossa remembrança
Ei bier,
Dizei: *Egas*, tem folgança
Hu xiquer.

A se ouvirdes na mortulha
Os campaneiros,
Retouçade na mormulha
Os meis marteiros.

[1] Cem annos. [2] Outra vida.

Quando ouvirdes papear
O castejom,
Lembrebes lhe fige dar
Ja de cotom.

Ah que vos quige e requige,
Como ber,
A nunca em coisa bos fige
Desprazer.

Nem bos podo maes fallar
Qua nom falejo,
Que bem pudedes asmar
Qual ei sejo.

Tenho todo o arcaboiço
Sem feiçom
Mas ei bos bejo e oiço
No coraçom.

Bedes me boi descaindo
Nesta hora,
Bos amor ficade rindo
Muito embora.

Egas Moniz Coelho.

Veneravel monumento da gloria de nossos pais, ditoso guardador das primicias da poesia portugueza, padrão singelo das desgraças amorosas d'um nobre cavalleiro, possam os seculos continuar a respeitar-te! As tormentas das montanhas quebrem suas furias, tocando nas ameias do castello; e o homem de hoje perdoe á obra do homem d'outras eras o crime de não ser moderna! Longe, bem longe d'estes sitios, mesquinhos planos d'economia, ou atrevidas mãos innovadoras.

V

O PENHASCO DAS ERMIDAS

Olha o conforto do christão : se o caliz
Da amargura a provar os céos lhe deram,
Elle se consolou: balsamo santo
Dentro no coração a fé lhe entorna.
«Deos piedade terá!» eis seu gemido.

Harpa do Crente.

DEIXANDO finalmente o castello observamos uma pequenissima ermida do *Senhor dos afflictos* defronte da torre, sem cousa digna de notar-se. Descemos uma ladeira para o rio; e entramos na ponte. Curiosos de conhecer a elevação do grande *Penhasco das ermidas,* descemos ainda para o alveo, aonde dos penedos, que ha pelo meio da agua, calculamos em 120 palmos a altura. Então começamos a trepada; e quer fosse pela curiosidade que sentiamos, quer pela boa disposição do caminho, não encontramos as difficuldades, que temeramos. Até meio caminho são os degráos sem feitio, obra da natureza; sobem-se logo 16 artificiaes em dous lanços até á primeira ermida da invocação de S. João, a qual é antiga e espaçosa,

e d'ella faz menção a Corographia portugueza. Disseram-nos, que no cartorio da camara havia uma provisão de D. Affonso V, permittindo ao ermitão pedir esmola. D'ahi sobem-se mais 55 degráos em seis lanços, volteando, até uma cruz e capella do *Senhor da agonia.* Restam 32 degráos em dous lanços até o pinaculo do rochedo, aonde em um pequeno eirado está fundada a ultima Capella, que é hoje consagrada a *Nossa Senhora da piedade,* e a Corographia diz ser de *Nossa Senhora da conceição*; continuando-lhe em volta o pequeno muro, que defende toda a escadaria, e precipitando-se o penhasco a prumo sobre o rio para além d'elle. Por baixo da cruz lê-se o seguinte, que memoría os ultimos trabalhos d'esta parte superior:

"Estas obras mandou fazer o capitão *Francisco*
"*Barbosa,* natural d'esta villa. Era de 1624."

A capella do *Senhor da agonia* parece ser mais moderna: a era de 1802 está grosseiramente gravada sobre a porta.

Vem por conseguinte a ermida de *Nossa Senhora da piedade* a estar 120 palmos sobre o alveo do Arouce, dominando a sua corrente tortuosa, os seus penhascos ponteagudos, as ruinas do castello, a velha ponte, e lá no extremo do horisonte para o poente os campos da Louzan. Na sua frente, margem direita da ribeira, despenham-se de todo o cume da monta-

nha dous regatos, que se unem ao Arouce, *a ribeira secca*, e *a da lavadeira*: e as pequenas cascatas, que vem formando, e os arbustos, que as enfeitam, tem tambem o seu quinhão nas formosuras d'este sitio. Do outro lado um carreirinho conduz ao interior das serras, e talvez ao logarejo, de que fallamos.

Em logar tão ermo, em serra tão escabrosa, sobre tamanhos precipicios, á vista d'aquelles veneraveis monumentos de tão remota antiguidade, estas pequenas capellinhas causam n'alma fortes commoções: ternura, piedade, louvor dos seus primeiros fundadores succedem-se no espirito; nem é difficultoso conceber, que de muito longe venham romeiros depositar as suas mágoas no altar da Senhora da piedade, e implorar o patrocinio da consoladora dos afflictos. Ah! e se faltar ao pobre serrano, que pelo seio das montanhas vive distante da sociedade, e estranho a todos os seus commodos, esta doce confiança na Mãe de misericordia, esta firme esperança na bondade incommensuravel, infinita d'um pai, que póde tudo, mas que ao mesmo tempo é seu juiz severo, que será d'elle?—Unico laço que o prende á humanidade, só a religião estrella de salvamento, e domadora das paixões, poderá suster-lhe o braço, e minorar-lhe os infortunios: e se ainda mesmo assim por falta de cultura tão rude o lamentamos, monstro carnivoro sem a religião infestaria os montes e os valles; seria mister acossal-o e destruil-o, como os brutos mais damnosos.—Religião, primeira

origem da civilisação dos povos, pregoeira d'outra vida, aonde os premios serão tanto maiores, quanto mais duros os trabalhos d'este mundo; culto catholico tão nobre, e tão grave e tão solemne, só tu pódes aplanar para o misero serrano as asperezas d'estas serras! Suave jugo de suas paixões, és tambem doce conforto e auxiliadora do pobre, do afflicto, d'aquelle que o mundo desdenha e menospresa!

Por ventura nos vinham ao pensamento estas e outras similhantes considerações, quando ao tocar na capella do *Senhor da agonia* nos chegaram aos ouvidos sentidas vozes e clamores d'afflicção. O coração sobresaltou-se.—N'estes sitios, entre as capellas do *Senhor da agonia* e da *Senhora da piedade,* ha talvez um nosso irmão, que sente agonias e carece de piedade. Subimos apressadamente os dous ultimos lanços. Uma velha, cujos humildes trajos indicavam morada nas serras e pobreza, e que pela situação em que estava, não podia ter-nos presentido, em pé, com os braços levantados, e pegada com a porta da capella, clamava em altas vozes pela Mãe de Misericordia. Percebemos grandes mágoas, pungentes afflicções: eram segredos, que confiava só do céo, sem que imaginasse estar alguem ouvindo-a e de tão perto. Aproximamo-nos rapidamente; e por um sentimento impensado, involuntario, mas tão profundo, como vivo, podemos, graças á Providencia, entregar-lhe uma pequena esmola, que nas suas circunstancias lhe parece-

ria consideravel.—Um movimento de pasmo: outro de cumpunoção:—cahiu de joelhos, e em voz sumida e baixa recitava essas singelas orações, tão simples, mas tão bellas, de todos os christãos.—N'este ponto cederam as nossas forças: as lagrimas transbordaram-nos pelos olhos: retiramo-nos para traz da capella a disfarçar este movimento de dulcissima ternura, bemdizendo a Providencia, que tão boa para comnosco permittira, que n'aquella hora subissemos o penhasco da *Senhora da piedade* a enxugar algumas lagrimas.

Que venha agora o estupido atheo, orgulhoso de uma sabedoria van e fraudelosa, zombar da crença de seus pais! Que venha agora o frigido deísta reprehender esta harmoniosa relação do velho, do pobre, do enfermo e do afflicto com a eterna Providencia de um Deos Omnipotente e Bemfazejo! Certamente que não arrogamos o nome de milagre para este encontro mysterioso: estava na ordem natural.—Mas não é regido o mundo todo pela sabedoria do Eterno? Não preside Elle a nossos passos? Não é Elle o consolador dos desgraçados?—E se aquella pobre velha viesse ao outro dia pendurar votada offerta no altar de *Nossa Senhora,* porque na vespera achou o auxilio que pedira, quem ousára desdenhar d'esta sincera demonstração de seu animo agradecido?

Se ao espirito do homem falto de cultura, nem sempre lhe é dado interpretar os arcanos da sciencia, se nem todos podem meditar, e possuir-se das exactas

provas d'uma religião toda amorosa, toda sublime, toda pura, toda celeste; ó sentimento, tocado pelo sopro do Espirito Divino, infunde-lh'a na alma, planta-a em seus corações!

Quando tornamos, a serrana dispunha-se a partir: disse-nos com agrado o nome das ribeiras, que descem pela encosta da direita, e retirou-se.

E nós tambem, recolhidos ao engenho com o coração enternecido, revertemos, passadas algumas horas, á cidade, cada vez mais persuadidos, que a sabedoria não se alcança só no silencio do gabinete; que é mister deixal-o muitas vezes, para encontral-a e estudal-a na conversação dos homens, e no grande livro da natureza.

FIM.

INDICE

O BUSSACO

PARTE PRIMEIRA

PARTE SEGUNDA

A SERRA DA LOUZAN